

5.

“Dedico-me a analisar os fragmentos selecionados das entrevistas”: análise de dados

No presente capítulo, dedico-me a analisar os fragmentos selecionados das entrevistas segundo os critérios indicados anteriormente, quando tratei dos aspectos metodológicos. Ademais, reconstruo narrativa e, de algum modo, analiticamente, a minha aproximação aos participantes no momento do convite para participação na pesquisa. O capítulo está dividido em três seções, cada uma delas referente a um participante entrevistado. A sequência de apresentação segue a ordem de gravação das entrevistas. Ao final de cada seção, como se verá, abro uma subseção para tecer comentários de caráter mais generalistas e globais a respeito das minhas interpretações de cada participante.

5.1

Rafael

Início a seção de análise das entrevistas com Rafael pelo convite para participação na pesquisa. Convidei-o pela rede social Facebook através de uma mensagem privada. No dia 23 de setembro de 2013, escrevi para o participante:

Oi, Rafael! Tudo certinho? Querido, preciso falar com você. Quero te fazer um convite acadêmico. Mas preciso explicar um moooonte de coisas antes. Vc está trabalhando aqui no Rio, né? Há algum horário em que possamos sentar, lá por perto do seu trabalho (pra não ficar ruim pra vc) para conversarmos?

Feito o convite, combinamos em um bairro da Zona Sul carioca, na praça de alimentação de um shopping, para uma primeira conversa sobre a pesquisa. Foi no dia 27 de setembro, então, que Rafael conheceu com mais detalhes a minha pesquisa. Infelizmente, por motivos éticos, não pude gravar essa conversa. Ali já se anunciava o que ocorreria quando estivéssemos com o gravador ligado conversando sobre as histórias de vida de Rafael: foram várias as manobras e estratégias discursivas que utilizei para não criar constrangimentos. Isso se deve ao fato de, até aquele momento, Rafael não ter se enunciado gay para mim ou em alguma situação em que eu estivesse presente. Eu poderia ter interpretado

equivocadamente suas semânticas discursivo-corpóreas, ou poderia também ter entrado em um território delicado para ele dado o tratamento que a sexualidade tem, em geral, nos intercâmbios menos informais¹. As estratégias de evitação decorrentes do gerenciamento do estigma da homossexualidade foram flagrantes naquele momento. Ao mesmo tempo, o medo de causar constrangimentos me exigia monitorar também o volume da voz para que as pessoas ao nosso redor não ouvissem a conversa e, assim, não conhecessem o assunto sobre o qual conversávamos. Feito o convite, nos despedimos e Rafael ficou de confirmar, em alguns dias, seu interesse em participar do trabalho. Ele mostrou-se interessado na proposta, mas disse precisar pensar se gostaria ou não de participar.

Até o dia 7 de outubro, vivi momentos de alguma aflição, não somente gerados pela ansiedade em saber se Rafael participaria ou não do trabalho, como também por uma certa angústia em ter, de algum modo, ferido suscetibilidades. Em 4 de outubro, sem obter resposta, resolvi enviar a seguinte mensagem a Rafael:

Oi, Rafael! Tudo certinho? Querido, vim aqui fazer meu papel de chato outra vez... rrsrrs de chato e de ansioso... Vamos lá: aceita ou não aceita? (estou usando toda a minha munição de casa de pau... rrsrrsrrs). Numa boa, Rafael: caso vc prefira não participar, não precisa se justificar, ok? Não se preocupe com isso. Vou entender perfeitamente (acredite MESMO nisso) se não quiser participar. Fico no aguardo de sua resposta. Espero não ter te incomodado/chateado. Abração.

Três dias depois, ele responde minha mensagem:

Vamos combinar esses encontros direitinho!! ;) Haha²

Foi somente no encontro para a gravação da entrevista, alguns meses depois, que explicitamente Rafael se construiu como um rapaz gay. Acho

¹ Ainda que tenhamos, desde sempre, uma relação bastante informal, não se pode esquecer que estamos ali também como professor e aluno, o que certamente contorna o encontro de algum tipo de formalidade.

² Vale mostrar meu contentamento com a resposta de Rafael (e também com o fim – temporário – de minha ansiedade e angústia): *Eba!!! Obrigado, Querido! Entro em contato em breve! Muuuuuuchas gracias!* foi a minha resposta algumas horas depois de seu retorno.

importante tematizar esses primeiros momentos com Rafael, da mesma forma que farei com os outros dois participantes. Como se verá, aqui se evidenciam alguns movimentos discursivo-interacionais que se reapresentam em nossas trocas durante a entrevista. A homossexualidade foi um ponto delicado dessa nossa primeira conversa sobre a possibilidade de ele ser um participante da pesquisa. Lidamos como ela cientes dos possíveis constrangimentos que sua explicitação poderia ocasionar. Já anteriormente à nossa conversa no enquadre entrevista, o estigma estava instanciado.

O início da entrevista com Rafael foi marcado por comentários sobre sua família, dando maior destaque à sua infância em companhia de sua mãe e seus avós maternos. Ao reconstruir descritiva e narrativamente sua infância e incluir personagens centrais em suas primeiras histórias, problemáticas de gênero e sexualidade não se tornaram relevantes. Seus enredos tratavam, nessa primeira parte do encontro, de rotinas e descrições mais orientadoras de sua relação com as pessoas mais próximas. Os momentos mais avaliativos se referiram às relações com seu pai, figura construída como ausente e de pouco impacto para a construção de um discurso sobre si mesmo. Quero dizer com isso que Rafael não destaca em discursos autorreferidos uma performance de “filho sem pai”. O pai aparece como um personagem bastante pontual – importante somente no momento da descrição de sua primeira infância – que favorece a colocação da mãe como uma participante central em sua história de vida.

Após remontar descritivamente seus primeiros anos escolares, Rafael fala sobre sua aproximação com o teatro. O primeiro momento que trago para uma análise mais detida é quando, após contar sobre suas primeiras experiências com as artes cênicas, atividade na qual sua mãe o matriculou aos dez anos de idade, relata como foram suas primeiras aulas de dança, linguagem artística que se tornaria, alguns anos depois, seu principal foco como um profissional das artes.

Sequência 1 – “gente, não vou botar aquele short apertadinho”

- | | | |
|---|----------------|---|
| 1 | Rafael | e eu >comecei a fazer umas aulas de butô< |
| 2 | | assim que foram ... sensacionais= |
| 3 | Leandro | =e você já |
| 4 | | tinha quantos anos? |
| 5 | Rafael | a:i ... eu devia ter o que uns quatorze |

6 anos [(por ai)
7 **Leandro** [ah então você ficou muito tempo
8 fazendo teatro
9 **Rafael** uns quatorze anos isso
10 **Leandro** ahã
11 **Rafael** por volta dos quatorze e: comecei a fazer
12 aula de butô: [e não
13 **Leandro** [que é aquela que (fica) de
14 bran:co né uma coisa meio oriental [não é
15 isso?
16 **Rafael** [sim,
17 oriental isso mesmo
18 **Leandro** humhum
19 **Rafael** eh:: e o es- estudo do corpo era
20 maravilhoso eu comecei a estudar o corpo
21 em si o movimento em si mas ... não
22 falando em dança propriamente
23 **Leandro** [ahã ahã
24 **Rafael** [era mais teatral
25 **Leandro** humhum
26 **Rafael** até que eu tive proposta bacana pra fazer
27 um espetáculo musical em ((nome da
28 cidade)) eu tive que fazer:: tinha que
29 fazer aula de dança pra esse musical e eu
30 era um zero à esquerda tipo eu conhecia
31 meu corpo dos movimentos do butô: e tal
32 ... sabia que existia braço sabia que
33 existia cada parte do corpo ... mas ...
34 direita esquerda estica pé, isso aí não,
35 aí eu tive que entrar numa aula de dança
36 ... entrei na aula de dança, fiz a
37 primeira aula assim morrendo de medo
38 "gente não vou botar aquele short
39 apertadinho e tal como é que eu vou me
40 vestir pra aula", acho que foi meu
41 primeiro baque [assim
42 **Leandro** [foi uma aula de balé, não?
43 foi uma aula de dança:
44 **Rafael** foi uma aula de jazz
45 **Leandro** de jazz
46 **Rafael** é que começar assim no balé era meio assim
47 que um susto
48 **Leandro** Ahã
49 **Rafael** aí eu comecei no jazz e comecei a fazer
50 aula só que o problema foi esse [()
51 **Leandro** [na ong?
52 **Rafael** não não já era
53 **Leandro** já era outro
54 **Rafael** fora da ong com os outros contatos e tal
55 que eu consegui esse espetáculo que seria
56 um musical que ia ser até em ((nome da
57 cidade)) ... comecei a fazer ah essa aula
58 de dança, só que nesse primeiro dia de
59 aula de dança pra mim foi um baque porque
60 assim "gente, eu fazendo aula de dança,

61 não sei dançar”
 62 **Leandro** ahã
 63 **Rafael** aí aquele dilema, “o que que eu visto?
 64 como é que é?” ... e começa a vir m- muita
 65 coisa na cabeça né quatorze anos a cabeça
 66 f- borbulhando, fui fazer minha aula,
 67 botei um short mais largo possível, botei
 68 a camisa “ah, tô à vontade, vou fazer
 69 aula” ... cheguei lá: descobri que: eu
 70 tinha uma perna especial que é uma perna
 71 em x que a gente fala pro balé então todo
 72 mundo da academia veio pra cima de mim
 73 fala “nossa olha a perna dele, e olha
 74 isso, nasceu pra fazer dança nasceu” e
 75 aquilo foi me dando:=
 76 **Leandro** =muitas meninas
 77 imagino todas meninas talvez
 78 **Rafael** mas engraçado que nessa minha turma tinham
 79 quatro mais três meninos=
 80 **Leandro** =três meninos
 81 **Rafael** então assim a turma era de iniciante
 82 **Leandro** ahã
 83 **Rafael** >tinha mais três meninos< um que jogava
 84 futebol que era um jogador de futebol ...
 85 o outro que fazia porque gostava e outro
 86 que aleatoriamente [foi parar lá
 87 **Leandro** [uhum uhum
 88 **Rafael** então assim ah foi legal “não vou me
 89 sentir sozinho tem mais menino dentro da
 90 sala”

A sequência ocorre após os primeiros dez minutos de entrevista. São identificadas aqui duas narrativas. As duas referem-se às primeiras experiências de Rafael com a dança. Enquanto ainda aluno de um curso de teatro, iniciou, por necessidade de um trabalho em uma peça, a fazer aulas de butô, linguagem artística em dança que mistura elementos dessa arte com a do teatro³. Essa narrativa vai da linha 1 – com a ação “comecei a fazer umas aulas de butô” – até a 25 da sequência. Essa pequena história funciona no enredo da narrativa maior – a história de vida de Rafael – como uma introdução à sua aproximação importante com a dança. A avaliação que ele faz dessa experiência – “sensacionais” (linha 2)

³ Segundo a **Wikipédia, a enciclopédia livre**, “O *Butoh* ou *Butô* (em japonês: 舞踏) é uma dança que surgiu no Japão pós-guerra e ganhou o mundo na década de 1970. Criada por Tatsumi Hijikata (...) na década de 1950, o butô é também inspirado nos movimentos de vanguarda: expressionismo, surrealismo, construtivismo, entre outros. Juntamente com ele, Kazuo Ohno (...) divide a criação desta dança” (cf. em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Butoh>. Último acesso em 14.05.2016)

– antecipa a relevância que ela vai ter mais adiante. Ainda nesse primeiro momento narrativo, destaco as orientações que os dois elaboramos conjuntamente: entre as linhas 13 e 25, demonstro a Rafael que estou atento ao seu relato consultando-o a respeito dos conhecimentos que tenho sobre a modalidade artística de que falávamos. O participante dá continuidade às informações sobre o butô mostrando suas particularidades.

É na linha 26 que Rafael inicia a segunda narrativa, aquela que me interessa mais diretamente. Estruturalmente, a história é prefaciada por uma ação complicadora de sua história de vida – ele recebeu um convite para participar de um espetáculo musical (linhas 26 a 28). Encadeada ao momento anterior – suas práticas com dança através das aulas de butô –, essa narrativa tem como ponto a chegada da dança em sua vida. Ainda um estudante de teatro, para participar de um espetáculo que exigia habilidades a serem aprendidas em aulas de jazz, Rafael conheceu a dança. A questão que envolve gênero e sexualidade é secundária nessa história. Porém, como o participante sabe que meu interesse na entrevista está direcionado a tal questão, penso que a escolha da vestimenta como uma ação complicadora da narrativa responde a esse ponto. Entremos mais a fundo na narrativa.

O episódio da aula de dança começa a ser contado por Rafael a partir de uma ação complicadora que contextualiza a cena principal: ele recebeu a proposta para participar do espetáculo. Essa ação é seguida por uma avaliação autorreferente em relação às suas habilidades como bailarino – “eu era um zero à esquerda” (linhas 29 e 30), que contrasta com a cena que fecha a história, o seu sucesso na aula (linhas 69 a 75). Voltando ao início, encontramos, a partir da linha 36 uma sequência de ações complicadoras: “entrei na aula de dança” (linha 36), fiz a primeira aula assim morrendo de medo” (linhas 36 e 37) e “gente, não vou botar aquele short apertadinho” (linhas 38 e 39). Essa última ação merece uma maior atenção. Uma primeira observação é sobre como ela se constrói como ação da história. Rafael elabora um diálogo consigo mesmo que reconstrói a ação – chamada de *dilema* mais adiante (linha 63) – de escolher a roupa para fazer a aula. A inclusão dessa cena através de uma fala relatada – a fala dele consigo mesmo – agrega à ação e, conseqüentemente à cena como um todo, uma carga avaliativa a ser destacada. Escolher a roupa não foi trivial. Mais à frente, já na linha 63, após

algumas orientações, o participante retoma a ação envolvendo a sua vestimenta novamente de forma avaliativa, adicionando uma carga dramática notável ao relato. A escolha da palavra “dilema”, outro diálogo consigo mesmo (“o que que eu visto? como é que é?” – linhas 63 e 64) e algumas orientações, também avaliativas, sobre a fase de sua vida em que isso aconteceu – a sua adolescência (“muita coisa na cabeça”; “quatorze anos”; “a cabeça borbulhando” – linhas 64 a 66) – indiciam um problema de gênero⁴. As ações complicadoras seguintes indicam a solução que Rafael deu à questão da roupa: ele escolheu o “short mais largo possível” (linha 67), o que lhe fez sentir-se mais à vontade para fazer sua primeira aula de jazz⁵.

Possivelmente motivado pela inclusão de dados relevantes para minha discussão – e aqui estou focando minha lente analítica para a camada interacional – interrompo a fala de Rafael com uma suposição que destaca outra questão de gênero (linhas 77 e 76). Sou surpreendido (o conteúdo de meu turno, na linha 80, indicia a surpresa) pela informação de que, além dele, havia outros três meninos como alunos. Rafael está ciente de que essa configuração discente não comparece nos imaginários sociais sobre aulas de dança, conforme parece indicar sua avaliação na linha 78 (“mas engraçado”). É importante, na história que Rafael conta, dizer um pouco mais sobre esses meninos. Uma das descrições interessante em particular: o menino que é jogador de futebol. Rafael, fazendo aula de jazz com um short largo e tendo como colega de turma outro menino que é jogador de futebol diminui a tensão inicialmente construída. O desfecho da história é menos aflitivo; em sua coda avaliativa, diz ele que “foi legal” e que não se sentiu sozinho, já que ali havia outros meninos.

Estou aqui observando, mais detidamente, a segunda lâmina analítica, uma vez que se mostra mais saliente neste momento. Já adiantando considerações que

⁴ Outra interpretação que talvez também seja possível é a o “dilema” da escolha da roupa ter ocorrido por uma questão de fundo mais estético, relacionada a algum incômodo que Rafael tivesse com sua aparência. Apesar de não ser impossível, tal interpretação não encontra eco na materialidade do discurso de Rafael. Em nenhum momento da entrevista, episódios sobre desconfortos estéticos tornaram-se relevantes. Se lembramos que Rafael sabe dos meus interesses de pesquisa, torna-se ainda mais convincente a leitura que encaminho. Ela será ratificada adiante, quando novamente o *short apertadinho* será mencionado.

⁵ A alusão que Rafael faz ao balé (linhas 46 e 47) não ganha muito espaço nesse momento da entrevista, mas será retomada mais adiante. Na análise da sequência seguinte, quando a prática do balé é mais desenvolvida pelo participante, recupero essa alusão.

serão aprofundadas a seguir sobre a camada macro, é flagrante aqui a atuação de discursos globais sobre masculinidades. O “short apertadinho” e o “short mais largo possível” estabelecem um dualismo de gênero na história contada pelo participante. Uma apreciação possível sobre isso seria a de que Rafael está se distanciando de um repertório molar que aproxima os contextos (e as vestimentas) de prática de dança a sujeitos que performam masculinidades de forma não-hegemônica. Ou seja, seria possível dizer que Rafael está trabalhando discursivamente para a manutenção de uma performance masculina hegemônica em uma narrativa cujo cenário não a favorece. Sua recusa em usar a peça de roupa esperada e a observação de que havia outros três meninos no grupo – um dos quais, praticante de futebol, esporte comumente relacionado a performances de masculinidade hegemônica – podem ser lidas dessa forma. Minha interpretação é outra – e mais adiante defenderei essa ideia com base em outros dados. Entendo que Rafael está se distanciando de conotações homogêneas no que tange à construção de identidades de sexualidade. Ele não somente reconstrói um dilema que viveu quando adolescente, momento frequentemente entendido como conflitante em discursos do senso comum. O participante também inicia aqui o desenvolvimento de sua visão a respeito dos discursos sobre a sexualidade. Em lugar de falas que recorrem a sistemas de coerência da militância pró-diversidade ou que enaltecem as potências do *mostrar-se gay*, Rafael dá ao seu discurso sobre performances de sexualidade um tom bastante normalizador, como se quisesse dizer para mim: *Leandro, ser gay não tem nada demais*. Voltarei a isso posteriormente.

Sequência 2 – “*ah, o rafael está fazendo balé*”

- | | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Leandro | então eh: então isso tudo foi acontecendo |
| 2 | | aí eu queria que você falasse de como que |
| 3 | | foi o desenvolvimento desses eh desse de |
| 4 | | todo esse processo pela dança como é que |
| 5 | | f- como é que isso impactou por exemplo, |
| 6 | | na sua casa? como é que você como é que |
| 7 | | isso [foi acontecendo |
| 8 | Rafael | [sim >sim sim< boa pergunta... [boa |
| 9 | | pergunta |
| 10 | Leandro | [com |
| 11 | | os seus avós com a sua mãe o seu pai já |
| 12 | | n:- nem [() |
| 13 | Rafael | [já não >não tava perto<, é ... |

14 até então: a primeira aula de dança foi
 15 tranquilo e tal porque era pro espetáculo
 16 ... m:as e- na minha cabeça eu falava
 17 "gente o que que eu vou falar pra minha
 18 mãe que eu tô fazendo dança ...
 19 contemporânea" "ah, tudo bem,
 20 contemporânea tudo bem" né fui fazendo
 21 larguei o tea:tro ela falou "tudo bem,
 22 você q- s- eh você escolhe o que você tá
 23 fazendo" ... fui ficando no contemporâneo
 24 mas sabendo que tava tendo essa cobrança
 25 do balé na minha cabeça ia ter um precon-
 26 minha mãe e minha família sei lá meus
 27 amigos ia ter um preconceito absurdo de
 28 "↓OH: ele está fazendo balé" ... no começo
 29 até que falava sim "meu ↑filho: ba↑lé::"?
 30 **Leandro** sua mãe
 31 **Rafael** minha mãe, >porque assim<, eu e ela a
 32 gente sempre teve uma intimidade muito
 33 forte ah ... n- não intimidade mas tinha
 34 uma ... <confiabilidade>, não sei como,
 35 não sei qual a palavra porque assim tudo
 36 que acontecia dentro da nossa casa
 37 >querendo ou não< era era uma família
 38 **Leandro** uhum
 39 **Rafael** a minha mãe é minha família
 40 **Leandro** uhum
 41 **Rafael** então tudo que acontecia ali eu contava
 42 pra ela contava pra mim e assim, o resto
 43 n:ão: ... não ac- não vou falar não des-
 44 não desmerece a ninguém=
 45 **Leandro** [=ahã
 46 **Rafael** [porque assim
 47 claro, minha família meus avós, o que
 48 tinha ... o que cabia falar, a gente
 49 falava ... não era necessário também "AH,
 50 o rafael está fazendo balé fulano OH mãe
 51 oh" não tinha muito disso
 52 **Leandro** ela manteve [entre vocês dois
 53 **Rafael** [ela sempre é ... e eu que era
 54 o linguarudo que sa- chegava falando tudo
 55 e, no começo assim foi um pouco estranho,
 56 a relação do balé, [mas °depois virou
 57 natural°
 58 **Leandro** [seus avós, eles
 59 ... quando eles ah ... como é que foi pra
 60 contar pra eles e como é que eles
 61 reagiram?=
 62 **Rafael** =porque não não tinha essa de
 63 sentar tipo senta aqui todo mundo ["oh
 64 estou fazendo balé"
 65 **Leandro** [quando
 66 eles souberam já tava fazendo
 67 **Rafael** é >tô fazendo uma apresentação quer
 68 assistir vamos<

69 **Leandro** ahã
 70 **Rafael** e era mais ou menos assim e eu nunca fiz
 71 apresentação de balé balé porque eu não
 72 não gostava de balé pra dançar eu gostava
 73 de balé pra fazer aula

Após contar sobre sua chegada às aulas de dança, Rafael fala sobre suas experiências com o balé. Ele começou a praticar essa modalidade por exigência do diretor de uma companhia de dança contemporânea da qual passou a fazer parte. Na sequência acima, conversamos sobre como sua família reagiu a isso. Os momentos narrativos, nessa sequência, estão dispersos. Em meio a reflexões e descrições sobre sua relação com sua mãe e outros familiares, Rafael constrói pequenas cenas mais propriamente narrativas. Eu inicio a sequência perguntando pelos impactos (linha 5) causados pela sua entrada na dança em sua família. Essa escolha lexical indicia o tom que minha pergunta parece querer encaminhar. Estou na expectativa de que sejam contadas narrativas com grande carga dramática. Rafael avalia positivamente minha performance de entrevistador (“boa pergunta” – linha 8), mas, como tento demonstrar, não corresponde aos meus apelos por histórias mais espetaculares envolvendo sua performance de bailarino.

O participante, ao iniciar sua resposta, age discursivamente em consonância com o senso comum que reage com estranhamento ao fato de meninos se interessarem por atividades como a dança. Essa coerência com o senso comum é trazida, na narrativa iniciada na linha 14, pelo diálogo consigo mesmo em um momento de reflexão sobre como dizer à mãe que está fazendo dança (linhas 17 a 19). A aflição contida nesse diálogo é rompida com a indicação do tipo de dança ao qual estava se dedicando (linha 19 e 20), mas, logo após, é levemente retomada com a inclusão de uma cena de suposição sobre a reação de pessoas próxima (linhas 25 a 28) e de uma fala reportada de sua mãe. Nesse momento, Rafael resgata uma avaliação iniciada em outro instante da entrevista. Na sequência anterior, ao comparar o jazz com o balé, avaliou este último como mais assustador⁶. Na nota de rodapé de número 5, aponto essa relação feita pelo participante, que agora ganha mais espaço na entrevista. As avaliações que ele

⁶ Essa adjetivação presente em minha análise tenta reconstruir o sentido aparentemente produzido pelo participante. Diz ele: “começar assim no balé era meio assim que um susto” (linhas 46 e 47 da Sequência 1).

constrói sobre o balé aparentemente não se referem a qualquer outro sentido que não sejam as questões de gênero aí envolvidas. Digo isso porque também estão disponíveis em repertórios mais globais discursos que alinham essa modalidade de dança a sentidos de dificuldade e talento. Não parece ser a isso que Rafael está fazendo referência quando faz comparações entre o balé, o jazz e a dança contemporânea. Na Sequência 1, ao dizer que seria um susto começar no balé e, na Sequência 2, ao reproduzir a fala de estranhamento da mãe⁷ e pressupor reações preconceituosas, Rafael traz à sua história os sentidos hegemônicos construídos sobre meninos que se dedicam a essa forma de dançar, particularmente. Porém, esse significado é rompido, já que, ao longo da sequência, Rafael normaliza sua performance de menino bailarino. Ele, como narrador-personagem de sua história de vida, entende que esse não é um assunto relatável para uma conversa em família (linhas 48 a 51). Em suas palavras, fazer balé “depois virou natural” (linhas 56 e 57). Essa não-espetacularização ocorrerá em outros momentos da entrevista e – arrisco dizer – será a tônica de suas performances em narrativas que, mais explicitamente, ressaltam suas identidades de sexualidade. Ao final de casa evento, regularmente, Rafael parece querer repetir: *Leandro, ser gay (e fazer balé) não tem nada demais*. Minha ação discursiva tenta, mais uma vez, elicitare momentos de maior conflito nas histórias do participante. Meu turno, entre as linhas 58 e 61, trazem os avós como personagens potenciais de uma cena mais dramática. Eu pressuponho ali que houve uma ocasião na qual ele se sentou com os avós – personagens construídos como muito importantes em sua vida, em momento anterior da entrevista – para contar que estava fazendo balé e que suas reações são reportáveis para a entrevista. Rafael encerra o evento repetindo que “não tinha essa de sentar, tipo senta aqui todo mundo, oh, estou fazendo balé” (linhas 62 a 64). Em fala mais acelerada na resposta (linhas 67 e 68), o entrevistado elimina qualquer possibilidade de maior dramatização e cria um cenário de pouco impacto – retomando a minha escolha lexical ao início da sequência – em relação a ser um menino que dança balé. Minha leitura dos dados soma-se às memórias do

⁷ Interpreto os alongamentos presentes na reconstrução da fala da mãe como índices prosódicos que projetam na história de Rafael o alinhamento de sua mãe com o macrodiscurso que aproxima interesse de meninos por dança de performances masculinas não-hegemônicas.

momento da entrevista e me levam a interpretar a performance de Rafael, ao final da sequência, como de impaciência com as minhas solicitações de momentos dramáticos. Pode-se dizer que minha face de entrevistador se viu ameaçada. Contudo, minhas tentativas não pararam por aí. Mesmo já com a face de entrevistador em ameaça, meu alvo seguinte foi a escola. Vejamos:

Sequência 3 – “*olha, ele tá dançando no municipal*”

- 1 **Leandro** e na escola?
- 2 **Rafael** na escola já era diferente ((o
3 participante fala sorrindo))
- 4 **Leandro** então conta °como era na escola°
- 5 **Rafael** ... era diferente e não era porque assim
6 eh as pessoas eu via que assim tinha uma
7 olhar diferente “hum ele faz balé” mas
8 diretamente eu nunca escu[tei °↑ah°
- 9 **Leandro** [um olhar de
10 quem? de outros colegas, de professores=
- 11 **Rafael** =é
- 12 e eu nunca tive vergonha de falar até
13 porque assim quem faz balé quem dança
14 muito quem fazia o contemporâneo no caso
15 que era o meu caso era muito impacto ((o
16 participante dá um soco na mão)), era
17 muita caída muita queda eu vivia
18 machucado, vivia lesionado com dor
19 torcicolo não virava (nã) então assim
20 chegava a hora da da aula chegava na sala
21 de aula todo duro ... as pessoas já sabiam
22 que eu chegava du:ro porque eu fazia dança
23 **Leandro** uhum
- 24 **Rafael** eu nunca recebia assim uma coisa “a:i,
25 olha pra ele ele faz ah ... >sei lá<
26 frutinha que m- faz balé [()
- 27 **Leandro** [você você não
28 lembra ... de um de um momento a[ssim na
29 escola mais
- 30 **Rafael** [n:ão,
31 de de me julgando, “↑ah::, o menino que
32 faz balé” nunca tive isso acho que isso
33 foi bom positivo ... e foi até pelo
34 contrário eu tinha [() da educação
35 física
- 36 **Leandro** [e por que que você
37 acha que isso ãh
- 38 **Rafael** porque tinha a aula da educação física,
39 né? ((o telefone do participante toca))
- 40 **Leandro** sim pode atender tá rafael
- 41 **Rafael** não ... eh tinha a aula da educação
42 física, e e como eu sempre vivi lesionado,
43 machucado como eu fazia esporte o dia

44 inteiro porque pra professor dança é
 45 esporte
 46 **Leandro** sim
 47 **Rafael** é esporte não sei é um discurso muito
 48 longo
 49 **Leandro** hhh
 50 **Rafael** eh então o meu medo era na primeira aula
 51 era me obrigar a jogar futebol que eu
 52 nunca fui fã de futebol, eu sou um zero,
 53 na verdade com qualquer esporte eu me
 54 jogava eu jogava handball ... tá mas eu
 55 ((o participante gagueja)) eu era o zero à
 56 esquerda no futebol era no vôlei tinha
 57 medo de quebrar dedo, então assim, eu
 58 podia me machucar eu machucava muito na
 59 dança mas não podia me machucar jogando
 60 porque eu dançava
 61 **Leandro** sim
 62 **Rafael** era meio doido então os professores de
 63 educação física sempre me apoiavam eh me
 64 deixavam sentado como eu sempre tava
 65 lesionado, "ah fica sentado aí, não não
 66 tem problema como você já faz muito
 67 esporte já abono sua::, a maté:ria, sei
 68 lá, ou te passo um trabalhinho extra só
 69 pra não falarem que você não fez na:da"
 70 pelo contrário, eu sentava, a professora
 71 de educação física fazia massagem nas
 72 minhas costas e tal mas foi em relação à
 73 escola sempre foi muito tranquilo
 74 **Leandro** uhuh uhuh
 75 **Rafael** tinha até gente era legal que tinha até
 76 gente olhava >e falava< "<nossa> ele é
 77 bailarino olha ele tá dançando no
 78 municipal"

Estruturalmente, grande parte da sequência é construída no tempo verbal imperfeito, produzindo sentidos passados mais rotineiros. Seguindo proposta de Bastos e Biar (2015), fragmentos como o que ocorre entre as linhas 14 e 22 são vistos como momentos narrativos – mesmo distanciando-se do modelo canônico laboviano – sobre ações habituais do passado.

O cenário enfocado é o escolar. É interessante notar como Rafael arquiteta discursivamente a sua escola como um espaço acolhedor. Tida como uma prática que merece a atenção das pessoas – “*hum, ele faz balé*” (linha 7) –, sua atividade de bailarino não é, em seu discurso, elaborada como causa de experiências desagradáveis no contexto de educação formal. Rafael, dessa forma, desconstrói expectativas a respeito da extraordinariedade de suas performances de bailarino.

Há para isso um trabalho discursivo elaborado por ele. Ao construir-se como bailarino e produzir a escola como um espaço acolhedor dessa sua performance, Rafael traz à cena uma perspectiva pouco evidente relativa à prática do balé. Não é alinhando-se a conotações como delicadeza, beleza e elegância que o participante produz discursivamente a experiência nessa modalidade de dança. Entre as linhas 14 e 21, uma rotina de ações que aproxima o balé do esforço, do vigor e da resistência física é narrada como pertencentes à adolescência do rapaz. Vocábulos como “impacto”, “queda”, “machucado” e “lesionado” indiciam a construção do balé como uma prática física intensa e, arrisco dizer, bruta⁸. A mesma ideia é repetida mais adiante, entre as linhas 58 e 59 (“eu machucava muito na dança”) e 64 e 65 (“eu sempre tava lesionado”). As aulas de Educação Física, contrariamente às típicas narrativas de sofrimento que envolvem masculinidades não-hegemônicas (Cunha Júnior e Melo, 1996; Silva et alli, 2009), são ambientes edificados como altamente compreensivos e colaborativos na rotinização narrativa do passado escolar de Rafael (linhas 65 a 73).

No plano interacional, Rafael responde às minhas perguntas marcando prosódica e lexicalmente sua atividade de normalização de sua adolescência escolar. Na linha 8, a palavra “diretamente”, com pronúncia enfatizada na primeira sílaba chama a atenção para o que nunca ocorreu com ele (referindo-se possivelmente a uma ofensa explícita); em minha solicitação por uma narrativa mais dramática (e sofrida), entre as linhas 27 e 29, sou interrompido por uma negativa categórica de Rafael, que, mais a seguir (linhas 36 e 37), não responde ao meu pedido por uma possível causa para que esse ambiente mais acolhedor se dera⁹.

Rafael continua sua performance de normalização de sua vivência como um rapaz gay. Eu, talvez incomodado com as rupturas simbólicas que o participante estabelece em relação aos repertórios narrativos que compõem as minhas próprias memórias, insisto em perguntar por cenas de maior carga dramática. Menos preocupado com explicações de fundo geracional ou outras

⁸ A pista gestual registrada nas linhas 15 e 16 é um índice pontual, mas não por isso menos relevante, para a interpretação que estou encaminhando.

⁹ Minha interpretação deixa em aberto se, nesse momento, Rafael não ouviu minha colocação ou se, por ter feito referência ao toque do telefone, colaborei para um distanciamento da minha questão.

singularidades de nossas experiências, chama minha atenção a força dos macrodiscursos que enfileiram violência, sofrimento e homossexualidade em minha performance de entrevistador. Enquanto cenas de dor e aviltamento – e conseqüentemente de resistência e heroísmo – parecem constar em minhas expectativas durante a entrevista, Rafael não comparece, até este momento, com narrativas que destacam essas sinalizações. Pelo contrário, ao final da sequência, entre as linhas 75 e 78, Rafael aponta como sua performance de bailarino lhe conferiu alguma notoriedade positiva na escola. Reconstruir essa memória a partir de uma fala relatada impessoal – “tinha gente até” (linha 75); “gente olhava e falava” (linha 76) – são ações discursivas que dão realce a essa valoração positiva. Na sequência seguinte, o participante ratifica sua vivência como um adolescente sem traumas, fechando suas memórias escolares com um tom quase moral sobre como é importante “não ligar muito pra opinião dos outros”. Vejamos:

Sequência 4 – “não ligar muito pra opinião dos outros”

1 **Rafael** que era engraçado que ... assim pelo
 2 teatro pela maneira da dança, por ser
 3 muito comunicativo, não sei, o tímido
 4 virou completamente comunicativo
 5 **Leandro** [°ahã°
 6 **Rafael** [eu andava com o grupo: da escola que todo
 7 mundo queria falar: não sei
 8 **Leandro** ah
 9 **Rafael** todo mundo tava junto, então assim por
 10 mais que olhassem pra mim e falassem,
 11 “hum: ele faz balé” ah: né não sei se
 12 falavam “ah ele tá no grupo tal então não
 13 vamos falar n-”
 14 **Leandro** uhum
 15 **Rafael** então assim >acho não sei< ... eu acho
 16 que, eu acho que fui mais aceito talvez
 17 por isso porque eu nunca levei ... pro
 18 lado negativo claro sim que acontecem
 19 coisas que você fica tipo “ah ah lá tá me
 20 olhando estranho” ou então eh fez uma
 21 piadinha ta- briga teve briga tipo “ah::
 22 ah lá faz balé” de vez em quando tinha
 23 briguinta mas tipo desculpa o termo, mas
 24 eu cagava, então assim acho que ... o
 25 legal da coisa é você ... não ((o
 26 participante gagueja)) tô falando só em
 27 relação a isso a dança né, é você não
 28 ligar muito pra opinião dos outros
 29 **Leandro** uhum uhum

A resposta que inicia a sequência tem a ver com um comentário que faço sobre como me surpreende o fato de ele não ter memórias desagradáveis da época escolar relacionadas à sua experiência com o balé. Rafael constrói-se como um adolescente que faz parte do grupo popular da escola (“eu andava com o grupo da escola que todo mundo queria falar” – linhas 6 e 7). Na reconstrução narrativa, os discursos que incitavam qualquer tipo de violência direcionada a ele ou eram embarreirados pelo seu pertencimento identitário ao grupo dos populares, ou eram ignorados completamente (“eu cagava” – linha 24). O final dessa sequência é bastante importante para a interpretação que estou produzindo sobre minha interação com Rafael. O olhar pela lâmina narrativa nos indica que, entre as linhas 24 e 28, o participante produz uma coda – “síntese de encerramento que avalia os efeitos da história e/ou retoma o tempo presente da interlocução” (Bastos e Biar, 2015, p. 106) – relativa à narração dos eventos que circunstanciaram sua vivência escolar. Rafael fecha a história retornando à interação de maneira avaliativa, destacando então a importância de “não ligar muito pra opinião dos outros” (linhas 27 e 28).

Na lâmina interacional, não perco de vista os mecanismos discursivos de construção de nossas faces. Os hábitos passados trazidos à entrevista por Rafael possibilitam perceber como o participante está lidando com o estigma da homossexualidade, ainda não completamente instanciado na entrevista, mas já constante, por enquanto, indiretamente; o balé e suas outras experiências com a dança fazem-nos flertar com as questões de gênero e sexualidade. Estamos os dois lidando com a homossexualidade. E, até o momento, Rafael continua (entre)dizendo: *Leandro, ser gay (e fazer balé) não tem nada demais.*

Sequência 5 – “é difícil falar”

- | | | |
|----|----------------|--|
| 1 | Leandro | e quando quando você f- quando você |
| 2 | | conheceu esse menino, cê cê tinha |
| 3 | | dezessete anos cê tava na escola ainda |
| 4 | Rafael | tava no final da escola= |
| 5 | Leandro | =você confido- |
| 6 | | confidenciou isso a alguém conversou com |
| 7 | | algum amigo ou com alguma amiga [sobre |
| 8 | | essa |
| 9 | Rafael | [sim |
| 10 | | da escola |
| 11 | Leandro | com uma amiga ou um amigo? |

12 **Rafael** ... com [todos
13 **Leandro** [ou amigos hhh
14 **Rafael** com amigos
15 **Leandro** °com amigos°
16 **Rafael** °ahã°
17 **Leandro** e como é que foi esse evento? como é que
18 cê como é que cê contou e o que, qual foi
19 a
20 **Rafael** porque assim nesse mesmo período, eu
21 tinha, eu tinha uns amigos <que::> ...
22 >não vou falar assim< não sei: porque na
23 época não: não (dizia) "ah, eu sou gay"
24 >as pessoas< brinca:vam (assim) davam um
25 beijinho ali e tal então isso pra alguns
26 claro que eu não contava pra todo mundo
27 pro time de futebol que tava=
28 **Leandro** =ahã=
29 **Rafael** =na
30 escola, os que estavam mais próximos eu
31 ↑contei viram "↑caramba e aí? me conta
32 MAIS" e passou a virar rotina, né, tudo
33 que acontecia eu chegava pra esse
34 grupinho, que eu falo até hoje que são
35 meus amigos assim sei lá não sei se falo
36 pro resto da vida mas eu quero levar pro
37 resto da vida
38 **Leandro** uhum
39 **Rafael** a gente passa carnaval a gente passa
40 natal, a gente passa ano novo junto a
41 gente faz tudo junto então assim, conheço
42 a família de todo mundo então assim pra
43 esse grupinho da escola do grupinho
44 fechado
45 **Leandro** que era um grupinho de meninos e de
46 meninas
47 **Rafael** meninas é
48 **Leandro** não não não não tinha ((eu gaguejo)) ali
49 tinha entre eles tinha outro menino gay?
50 ou tinha alguma menina gay não? ou que
51 naquele momen[to
52 **Rafael** [é ↑es- é difícil é difícil
53 falar: porque assim [ensino médio
54 **Leandro** [por que que é difícil
55 falar?=
56 **Rafael** =porque ensino médio, menina, ah:
57 >tá se conhecendo tá crescendo< ah dá
58 <beijinho ali:, da beijinho aqui:>=
59 **Leandro** =em em
60 outras meninas?=
61 **Rafael** =é: menino sei lá menino é
62 um pouquinho mais difícil né? °um pouco
63 mais° mas tinha acho que tinha sim tinha
64 ... tem tem um amigo meu, que na época
65 tipo demonstrava ser mas que nunca falou
66 nada

67 **Leandro** ahã ahã e ele ouviu numa boa
 68 **Rafael** °ouviu é°
 69 **Leandro** a sua história era mais uma história entre
 70 aquelas=
 71 **Rafael** =é=
 72 **Leandro** =entre [aquelas °que aconteciam
 73 ali°
 74 **Rafael** [porque no adole- no meio
 75 de adolescentes tudo acontece e é tudo
 76 muito intenso então assim pra esse grupo
 77 que eu contei ... que com que eu falo até
 78 hoje
 79 **Leandro** ahã
 80 **Rafael** não fez diferença
 81 **Leandro** °uhum°
 82 **Rafael** que mais pra frente é ... °foi ... ((nome
 83 de uma menina))° ... mais pra frente
 84 depois uma dessas uma das meninas desse
 85 grupo: se descobriu também ... e: teve um
 86 caso com uma menina também que foi dividido
 87 por esse grupo
 88 **Leandro** ahã ahã entendi

Anteriormente ao excerto acima, Rafael contou sobre o primeiro menino com quem estabeleceu contatos afetivos íntimos, posteriormente identificado como seu primeiro namorado. O participante relata que conheceu o rapaz durante uma apresentação de dança e que, depois de um período de amizade, os dois iniciaram um romance. Não trouxe à análise a narrativa sobre esse encontro por entender como mais relevantes para o olhar analítico as consequências dele decorridas. Isso ocorre na sequência acima, quando Rafael fala, após meu questionamento, sobre as repercussões do namoro em seu ciclo de amizades.

No turno iniciado na linha 5, principio os questionamentos sobre como os amigos de Rafael receberam a notícia do namoro. Minha escolha lexical em referência ao ato de contar aos amigos sobre o caso é saliente ao meu olhar analítico. O uso do verbo “confidenciar” no passado, além de elicitar uma narrativa, enquadra a ação de Rafael num contexto de confissão. Não pergunto, por exemplo, se ele contou, se ele disse ou se falou sobre o namoro. Ao pedir que me conte sobre uma possível confidência que tenha feito, alimento minha solicitação com o matiz do segredo. Foucault, em reflexão sobre as práticas da confissão em seu tempo, diz que ela “foi, e permanece ainda hoje, a matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” ([1976] 2003, p. 62). O olhar foucaultiano não apenas me auxilia a entender a interpretação do dado em

questão – isto é, minhas possíveis expectativas enquanto entrevistador –, como também me faz refletir, de uma forma mais geral, sobre como o dispositivo da confissão ainda comparece contemporaneamente em discursos sobre a sexualidade. Diz o autor que “não se trata somente de dizer o que foi feito – o ato sexual – e como; mas de reconstituir nele e a seu redor, os pensamentos e as obsessões que o acompanham, as imagens, os desejos, as modulações e a qualidade do prazer que o contém” ([1976] 2003, p. 63). Eu talvez estivesse interessado nisso. Eu pedi a Rafael que narrasse uma cena de confiança possivelmente por imaginar que, dada a extraordinariedade de seu romance, esse evento seria trazido à entrevista através de uma narrativa rica em detalhes e avaliações. O evento não somente foi tratado com nuances de ordinariedade, como também não foi tão rica a narrativa que se desenvolveu. Houve repercussões interacionais notáveis, conforme mostro.

Rafael responde afirmativamente (linha 9) à minha questão a respeito de uma confiança: foram aos amigos da escola que ele contou sobre o namoro com um menino. Na linha 11, provavelmente entusiasmado com a narrativa que estaria por vir, solicito uma orientação sobre quem constituiu sua audiência. Minha pergunta pautada num binarismo de gênero – amigas e amigos – é respondida, após alguns instantes de pausa, com a palavra “todos”. Interpreto essa ação discursiva de Rafael como potencialmente diminuidora da relevância da minha questão. Minha reformulação da questão na linha 13, seguida de risos, mostram como estou ciente de que minha pergunta causou algum prejuízo interacional. Iniciou-se aqui um choque de repertórios que se fez notar em outros momentos da sequência, quando Rafael e eu levamos à interação parâmetros simbólicos que não parecem equivalentes.

Respondida minha questão, retomo o pedido pela história no turno que vai da linha 17 à 19. Rafael, em lugar de iniciar a narrativa propriamente, formula uma explicação que vai encobrir a história com o tom ordinário mencionado anteriormente. Ao invés de apresentar um contexto próximo aos descritos por Foucault (também apresentados na seção 2.2 do segundo capítulo), o participante instancia o ambiente entre seus amigos como pouco observador de discursos qualitativamente interessados na sexualidade como tema. Em outras palavras, Rafael e seus amigos não se preocupavam em sair do armário, motivo pelo qual,

sua sexualidade foi pouco relevante no episódio, tendo maior destaque o romance que se iniciou. Ter sido um romance com um menino foi um detalhe pouco relevante tanto no mundo da narrativa quanto no espaço interacional estabelecido entre nós dois na entrevista. A esse respeito, são muito salientes os titubeios, os alongamentos, as expressões de dúvida e as pausas que se apresentam ao longo da sequência. Entre as linhas 20 e 27, Rafael evidencia verbalmente e através dessas pistas como “ah, eu sou gay” não era um discurso recorrente entre seus amigos. Reparemos, por exemplo, em como, ao invés da verbalização de um discurso sobre homossexualidades, o participante destaca ações como “brincar” e “beijar” entre as pessoas, possivelmente os amigos aos quais fez referência.

Em continuidade à história, Rafael inclui a ação complicadora do contar na linha 30. A excitação dos amigos presente na reconstrução de sua fala por Rafael¹⁰ não destaca grandes implicações. Segundo ele, “passou a virar rotina”. Sem dramas ou espetacularizações, Rafael contou como seus amigos souberam que ele estava namorando outro menino. Ser o participante gay ou não em decorrência disso não parece ter sido algo muito relevante para ser narrado.

Em continuidade, eu não pareço descansar em busca de maiores detalhes. Em função disso, após algumas orientações de Rafael sobre esses personagens da história – os amigos do “grupinho” –, pergunto, novamente orientado por binarismos, se o grupinho tinha diversidade de gênero (linhas 45 e 46) e de sexualidade (linhas 48 a 51). A questão estremece o equilíbrio de nossa interação. Pela segunda vez, Rafael precisa me dizer que essa não é uma orientação relevante para o episódio que está narrando. Diz ele que “é difícil falar” (linhas 52 e 53). Ameaçando ainda mais minha face de entrevistador (de pesquisador e de professor, acrescento), interrompo com uma pergunta que emblemática minha distância em relação aos repertórios pessoais de Rafael. Ele resiste às minhas investidas por discursos mais identitários, e eu insisto (linhas 59 e 60). Rafael responde à minha pergunta valendo-se da mesma estratégia que apontei na análise de sequências anteriores, a normalização. Rafael não narrou uma história sobre como contou para seus amigos gays a sua primeira experiência amorosa com outro menino, não contou como ele saiu do armário para seus

¹⁰ As ênfases respaldam essa interpretação.

amigos. Rafael construiu uma narrativa sobre como tinha amigos muito próximos que, assim como ele, experimentavam afetos durante sua adolescência. Embora eu quisesse, a todo custo, uma narrativa cujo ponto fosse a saída de armário de Rafael para os amigos porque começou a namorar um menino, o participante contou uma história que tem como razão de ser os laços de amizade construídos durante a adolescência que permanecem vivos até hoje.

Rafael e eu operamos discursivamente sob perspectivas distintas nessa interação. Enquanto eu peço narrativas que destaquem saídas de armários e discursos identitários mais evidentes, ele desfavorece esses conteúdos em prol de histórias que mostrem como *ser gay não tem nada demais*¹¹. Rafael encerra essa narrativa dizendo que a sua história “não fez diferença” (linha 80).

Passemos a outro momento da entrevista, quando o participante conta sobre o término do relacionamento com seu primeiro namorado.

Sequência 6 – “descobriu dele, descobriu da gente”

- 1 **Leandro** vocês ficaram: >eh< eh eh [vocês namoraram
2 um: bom tempo?
3 **Rafael** [nós ficamos um-
4 ficamos um ano [um ano juntos
5 **Leandro** [°um ano° ... ele era mais
6 novo ah [que você °mais velho°?
7 **Rafael** [um ano mais velho um ano mais
8 velho, e eu lembro que eh eu tava no
9 ensino médio ... é tava no ensino médio
10 ele já tava fazendo ... pré-vestibular
11 °vestibular°
12 **Leandro** ele [também era bailarino não?
13 **Rafael** [não ele já tava no primeiro período
14 °não° ele tava no primeiro período de
15 arquitetura >isso isso mesmo< ele já tava
16 na faculdade... e daí:: nesse período j-
17 [eh
18 **Leandro** [ele não era bailarino
19 **Rafael** não
20 **Leandro** °não°
21 **Rafael** ele era <irmão de um> mú[sico da banda que
22 tocava pra gente
23 **Leandro** [ah °você falou
24 você falou°
25 **Rafael** eh:: ... ficamos esse um ano juntos até

¹¹ Notem-se a esse respeito as pausas presentes nas linhas 65, 82 e 83, momentos em que Rafael está recuperando personagens que tenham “saído do armário”. As pausas parecem ocupar o tempo de resgate, no fio da memória, por personagens pouco comuns em sua história de vida.

26 que os pais dele descobriram ... através
 27 de uma carta que a gente mandou no dia dos
 28 namorados um pro outro
 29 **Leandro** humhum
 30 **Rafael** a gente escreveu em inglês e tudo olha
 31 isso porque se quem pegasse em inglês não
 32 ia entender olha isso
 33 **Leandro** ahã
 34 **Rafael** e ele bo- guardava as cartas as coisas
 35 assim que a gente se dava de presente numa
 36 cai:xa e: ... por fim o pai dele pegou
 37 essa tal caixa ... pra pegar dólar não sei
 38 ... que ele tinha guardado ... e:: ... leu
 39 a carta ... descobriu dele descobriu <da
 40 gente> e na semana seguinte mandou ele
 41 morar em ((nome de uma cidade de outro
 42 país))
 43 **Leandro** °nossa°
 44 **Rafael** então assim botou ele pra fazer um
 45 intercâmbio:
 46 **Leandro** que coisa mais antiga né? [hhh
 47 **Rafael** [é ... muito
 48 bizarro e assim a gente terminou por
 49 telefone a gente não teve tempo pra tipo
 50 [se ver
 51 **Leandro** [e ((eu gaguejo)) a ida dele pra ((nome da
 52 cidade de outro país)) foi definitivamente
 53 por conta disso [não houve outro motivo
 54 **Rafael** [por conta disso °é° e ele
 55 f- foi pra ((nome da cidade de outro
 56 país)) e nesse período a gente terminou
 57 por telefo:ne ... nossa foi terrível=
 58 **Leandro** =ele
 59 morava em ((nome da cidade de Rafael))
 60 também?=
 61 **Rafael** =morava ... >foi terrível< foi
 62 terrível porque assim o chão caiu o mundo
 63 caiu na cabeça de um adolescente foi a
 64 primeira situação foi o primeiro tudo
 65 primeiro ((o participante suspira))
 66 descobri muitas coisas assim:: foi um
 67 choque ... não tinha pra quem correr não
 68 tinha muito pra quem chorar, >tipo<
 69 gritar: ((o participante simula, em voz
 70 baixa, um grito))
 71 **Leandro** você dividiu isso com alguns amigos, ou
 72 não resol-
 73 **Rafael** com o meu primo que tam-bém-é-gay
 74 **Leandro** ahã
 75 **Rafael** e: daí foi a primeira pessoa que eu ...
 76 pensei na hora e liguei chorei falei e tal

Nessa sequência, encontramos uma narrativa bem próxima ao modelo canônico proposto pelo olhar laboviano. A história do rompimento com o namorado tem como ponto o sofrimento pelo qual o participante passou. Isto é, ao final da narrativa, essa parece ser a sua razão de ser: evidenciar como Rafael sofreu com a separação. Em seu interior, é possível observar a sequência de ações que culminou no término do romance, bem como toda as avaliações que nós dois fomos construindo em relação ao episódio, o que garantiu uma considerável carga dramática à história. Entremos na narrativa.

Toda a primeira parte da sequência, da linha 1 até a 25, funciona como uma gama de orientações sobre Rafael e o namorado. Sabemos então, por meio dessas contextualizações, que os dois namoraram durante um ano, quando Rafael ainda era um estudante de ensino médio e seu namorado um aluno de ensino superior, e que se conheceram através do irmão do rapaz, músico que trabalhava em apresentações em que o participante atuava como bailarino¹². É com a expressão “até que”, iniciada ao final da linha 25, que Rafael introduz as ações da história. A primeira delas resume a narrativa que se apresentará: “até que os pais dele descobriram” (linhas 25 e 26). Rafael começa então a enumerar as ações que antecederam essa descoberta. Sabemos então: que uma carta de amor foi escrita (linhas 27 e 28) em inglês (linha 30)¹³; que o pai do rapaz encontrou essa carta (linhas 36 e 37) e a leu (linhas 38 e 39), com isso descobrindo o relacionamento dos dois, e também a especificidade homoafetiva do namoro (linhas 39 e 40); que o relacionamento foi terminado pelo telefone (linhas 48 e 49), já que o rapaz foi enviado para outro país pelos pais (linhas 41 e 42) para fazer um intercâmbio (linhas 44 a 45), sem que houvesse tempo para uma conversa presencial. Toda a narração dessas ações é alimentada por avaliações do participante e também minhas, sua audiência na interação. Reparemos na expressão “olha isso”, dita duas vezes (linhas 30 e 31, e depois linha 32) por Rafael para enfatizar o detalhe do idioma em que a carta fora escrita. Em seguida, alguns turnos depois, o participante avalia o desenrolar do episódio como “muito bizarro”, “terrível”

¹² A expressão “pra gente” tem como referente os membros da companhia de dança da qual Rafael fazia parte nesse momento de sua vida.

¹³ Ainda que Rafael tenha dito “uma carta que a gente mandou no dia dos namorados” e depois “a gente escreveu em inglês”, a autoria da carta que foi encontrada possivelmente é de Rafael, já que estava guardada em uma caixa que pertencia ao namorado.

(linhas 57 e depois linhas 61 e 62, ditos de maneira enfática). Tais avaliações alimentam a história tornando-a ainda mais relatável e, ao mesmo tempo, sinalizam para a audiência a maneira como a narrativa deve ser entendida. Em outras palavras, Rafael parece querer me mostrar que o episódio teve impactos memoráveis em sua história de vida. A forma detalhada de contar e a inclusão de cada ação que constitui o evento mostram que essa é uma história que merece ser ouvida. De minha parte, enquanto audiência, colaboro com o narrador, avaliando o caso na mesma perspectiva interpretativa. São marcas desses meus movimentos discursivos as expressões “nossa”, transcrita na linha 43, e “que coisa mais antiga, né” seguida de risos, mostrando a Rafael que me alinho às suas avaliações. A narrativa se encerra com um turno de Rafael (linhas 61 a 70) no qual constam, além da avaliação já indicada acima, algumas outras que se juntam à coda, ou seja, quando Rafael sai do mundo da narrativa e volta à interação para fechar aquele episódio.

A história de Rafael não é sobre homossexualidade. É a história do primeiro desencanto amoroso de um adolescente. Não desconsidero – como aponto a seguir – que nessa narrativa a questão da homossexualidade é tangenciada. Contudo, o que faz dessa história uma narrativa importante de ser contada, construída com base em movimentos discursivos que lhe garantem carga dramática considerável, não é o fato de serem seus personagens dois meninos. O tratamento avaliativo construído por Rafael destaca os efeitos do fim do romance em sua vida de adolescente.

Observo, nas performances de Rafael durante a entrevista, constantemente dois movimentos: a já mencionada normalização e o distanciamento de performances de visibilidade no que se refere às suas identidades de sexualidade. A linha, nos termos de Goffman ([1967] 1980), assumida por Rafael em nossa interação não é a da militância identitária ou a de um discurso próximo ao “orgulho gay”. Ao contrário, ele minimiza sentidos identitários mobilizados por mim, conforme mostrei anteriormente e, com frequência, constrói discursos autorreferentes de forma pouco precisa, titubeante ou de pouco realce de sua identidade de homossexualidade. Não posso dizer que Rafael é, durante a entrevista, um gay dentro do armário. Mas – estou encaminhando essa interpretação – posso entender que ele dá pouco destaque a discursos sobre si

mesmo como um rapaz gay. Isso também se reflete em como dirigimos nossa interação durante a entrevista. Quando nossas ações discursivas não condizem com a linha seguida por ele, nossas faces são ameaças e processos corretivos entram em cena.

Rafael e eu estivemos, como já apontei antes, “entre iguais”. Nesses contextos, segundo Goffman, “o indivíduo estará à vontade entre seus companheiros e também descobrirá que pessoas conhecidas, que ele não considerava iguais, na verdade o são” (2008, p. 93). Se pensamos nas sociabilidades gays de forma estereotipada, performances como “dar pinta” e “desmunhecar”¹⁴ são aqueles que, “entre iguais”, aos indivíduos estariam permitidas desempenhar. Na entrevista em questão, há dados que indicam que Rafael, mesmo em interação com outro indivíduo gay, está em atividade de gerenciamento de seu estigma. Na sequência que agora analiso, por exemplo, reparemos que, quando conta o momento em que seu ex-namorado e ele tiveram suas homossexualidades descobertas, a não-nomeação da identidade gay é a escolha feita por ele. Diz Rafael que o pai do rapaz “descobriu dele”, “descobriu da gente” (linhas 39 e 40). Essa escolha de Rafael não será a única durante todo o evento. Mais ao final da sequência, quando introduz um personagem secundário ao episódio que está narrando – um primo – é saliente a maneira como diz a expressão “também é gay” (linha 73). A silabação, marcada na transcrição com os hifens entre as sílabas, pode ser lida como um índice de algo próximo a um constrangimento ao, naquele momento, construir-se como gay. As indeterminações a respeito de sua identidade de sexualidade ou, em alguns casos, uma certa titubeação ao designar-se como um homem gay, mostram que, ainda “entre iguais”, Rafael e eu estamos em trabalho de face gerenciando a homossexualidade como um estigma. Evitar nomear a homossexualidade não foi raro, desde o convite para participação na pesquisa até o momento da entrevista.

Conversamos sobre relacionamentos amorosos, sobre sua relação com seus familiares, sobre suas experiências na escola e, quase sempre, Rafael parece ter querido ser “alguém comum”, como se quisesse me dizer, *sim, eu sou gay, mas o que aconteceu comigo, acontece com qualquer pessoa*. É desse modo que o

¹⁴ Essas expressões, em geral, indicam performances de grande estilização significadas como femininas construídas por homens gays.

participante relata a consequência do término do namoro. Ele se reconstrói como um adolescente comum, aquele que experimenta suas primeiras descobertas e reage descontroladamente diante dos traumas¹⁵. Um adolescente como outro qualquer.

Alguns minutos depois da narrativa anterior, Rafael narra como saiu do armário para sua mãe. São salientes alguns momentos dessa sequência. Vejamos:

Sequência 7 – “eu cheguei com um chupão no pescoço”

1 **Rafael** eu comecei ir pra noitada, comecei a sair
 2 e tal ... noitada, noitada, noitada,
 3 noitada nesse nesse mesmo período
 4 trabalhando então eu saía do trabalho ia
 5 direto pra noitada e >trabalhava no dia
 6 seguinte< chegava em casa dormia ((o
 7 participante imita som de ronco)) até
 8 meio-dia e sei lá e pegava no trabalho
 9 mais tarde ... °e era sempre fazendo isso°
 10 ... até que um dia: eu cheguei com um
 11 chupão no pescoço que eu acho terrível eu
 12 acho muito feio
 13 **Leandro** Hhhh
 14 **Rafael** no:ssa nunca mais nunca mais na minha vida
 15 ... cheguei com esse chupão no pescoço
 16 **Leandro** [de
 17 uma noitada?=
 18 **Rafael** =de uma noitada ... e <nesse
 19 di::a> ... calhou de não sei da minha mãe
 20 virar e falar assim “↑que que é isso no
 21 seu pescoço?” >não sei eu acho que eu
 22 falaria a mesma coisa que eu acho uma
 23 coisa f- horrível horrenda<
 24 **Leandro** eu nunca, nunca, nunca ti[ve
 25 **Rafael** [no:ssa:,
 26 leandro, eu [tremi::a
 27 **Leandro** [e deve doer também pra ficar
 28 daquele deve [hh
 29 **Rafael** [e eu eu sou branquelo então
 30 [fic-
 31 **Leandro** [ah é qualquer coisa
 32 **Rafael** abriu abriu

Para que se entenda melhor a cena narrada, é importante dizer que, durante os anos finais do ensino médio, Rafael afastou-se do ciclo profissional de dança e

¹⁵ A estereotipia é intencional.

começou a trabalhar como vendedor em lojas de roupa. É a essa atividade que ele faz referência quando menciona seu trabalho nessa sequência.

Rafael narra um episódio em que sua mãe lhe indaga a respeito de um “chupão”. Essa palavra aparece, pela primeira vez, na linha 11. Antes disso, há orientações que circunstanciam o evento (da linha 1 à 10). Ao prefaciar o evento de saída do armário (“até que um dia eu cheguei com um chupão no pescoço”), Rafael inicia um processo de avaliação sobre o ocorrido que se fará perceber também em outros momentos. A expressão, na mesma linha 11, “eu acho terrível” é a marca avaliativa a que faço referência. Se consideramos a hábil relação que Rafael cria entre a história que conta e a interação comigo naquele momento, ao dizer “eu acho terrível”, ele sai do mundo da narrativa para apresentar-se para mim como alguém que não aprova essa performance. Rafael parece estar em processo de salvamento de sua face. Para contar o que lhe pedi – sua história de saída do armário – foi necessário mencionar esse fato, do qual, aparentemente, ele se envergonha.

Minha participação, nesse momento, também é relevante. Minha pergunta, nas linhas 16 e 17, parece não ter muita funcionalidade na conversa. Sua resposta é óbvia, uma vez que as orientações anteriores já explicitavam o contexto da cena. A possibilidade de interpretá-la como uma confirmação de informação já dada parece-me menos fiel aos dados do que a minha necessidade, nessa interação, de dizer alguma coisa que pudesse suavizar um possível constrangimento de Rafael. Se por um lado pareço ter querido colaborar com a preservação da face de Rafael nesse momento, o meu riso, na linha 13, e a colocação sobre meu desconhecimento das consequências de um “chupão” (linha 24) acentuam a necessidade de Rafael avaliar-se negativamente. Destaco, nesse sentido, a repetição de “nunca mais” (linha 14), da ênfase nas marcas avaliadoras “horrrível” e “horrenda” (linha 23) e da expressão vocativa “nossa, leandro” (linhas 25 e 26). Nos termos de Goffman ([1967] 1980), Rafael parece estar em processo corretivo, na intenção de salvar sua face, de construir-se como alguém que não aprecia a prática desencadeadora da marca em seu pescoço.

É importante lembrar das relações de poder que nos envolvem naquele momento. Mesmo em situação marcada pela informalidade, estamos atentos às nossas performances. Rafael e eu estamos reclamando-nos valores sociais

positivos. Agimos, naquele momento, como colegas, mas não abortamos nossa relação institucional professor-aluno. Nem eu nem ele podemos – isso é flagrante nos dados – lidar com o “chupão” sem que protejamos/salvemos nossas faces de uma ameaça.

Há discursos culturais que parecem se precipitar nessa interação. Rafael e eu estamos em processo corretivo porque possivelmente não queremos lidar com a aproximação de nossas performances de sexualidade a sistemas de coerência que erotizam as identidades de homossexualidade. Historicamente, conforme mostrei no Capítulo 2 desta tese, houve, na construção de um imaginário coletivo da homossexualidade no Brasil, sobretudo da homossexualidade masculina, ações e reações a essa aproximação. Nós dois, sujeitos em interação que não nos desconectamos dos sentidos macrossociais que também nos informam, agimos discursivamente em relação a eles. Nesse caso, as ações são no sentido da diminuição de significados que potenciem a sexualização das performances gays.

A cena continua:

Sequência 8 – “*chupão de homem? eu falei ahã*”

- 1 **Rafael** cheguei em ca:sa e foi >a per- foi que a
2 minha mãe< falou “o que que é isso no seu
3 pescoço?” eu falei “é um chupão”
4 **Leandro** assim? cê falou
5 **Rafael** “é um chupão” ... morreu o assunto,
6 deitei na minha cama dormi ... aí:: ela
7 f- sentou do meu la:do na minha ca:ma
8 >falou< “↑ah eu sei que isso não é chupão
9 de isso não é chupão isso não é chupão de
10 mu↑lher: ... o que que é isso no seu
11 pesco:↑ço?”
12 **Leandro** e [você sentiu::
13 **Rafael** [e eu e eu quie:[to
14 **Leandro** [você sentiu um ar
15 assim eh reprova- de reprovação né do que
16 tinha acontecido?
17 **Rafael** [sim sim claro
18 **Leandro** [quando ela disse isso [“isso não é
19 chupão de mulher isso é chupão de homem”
20 **Rafael** [bom mas o
21 primeiro de tudo era j- reprovação pelo
22 pelo chupão [porque eu acho como eu te
23 falei, já acho terrível, imagina na
24 cabeça de uma mãe
25 **Leandro** [ahã ... e depois essa [essa
26 frase pra ela

27 **Rafael** [é
28 chupão "isso não é chupão de mulher", não
29 sei será que é por causa do tamanho,
30 mulher não tem boca grande? não sei se
31 não sei o que que ela quis dizer ... ah:
32 e daí ela começou a falar "s- isso o que
33 que foi isso? foi um chupão >lá lá lá lá<
34 você acha isso bo↑nito? você acha isso
35 certo pra ↑você? >lá lá lá< você acha que
36 você vai conseguir alguma coisa" aquela
37 coisa de de mãe::=
38 **Leandro** =e você acha que ela
39 tava falando do tipo de chupão hhh ou do
40 fato de ser ho[mem?
41 **Rafael** [então assim [não sei não
42 sei
43 **Leandro** [misturou né
44 hh
45 **Rafael** só sei que eu ... claro nervoso eu ah
46 isso já tinha independência entre aspas,
47 né tipo >eu já pagava minhas contas já
48 ajudava em casa porque eu trabalhava< ...
49 eu acendi a luz e falei pra ela ">mãe, o
50 que que você quer saber?< ... cê quer, >
51 que que você quer?< cê quer cê tá afirm-
52 >se você quiser afirmar alguma coisa,
53 você me fala e eu confirmo<", ">mas o que
54 que é isso, foi um chupão?<" >eu falei
55 "foi"< ... >eh "isso foi" aí ela falou
56 alguma coisa assim "chupão de homem?" eu
57 falei "ahã"< ... e nisso, ela quis
58 começar a argumentar argumentar eu falei
59 "parou" ... >nossa, isso me lembra uma
60 cena horrível<, "parou, você não tem que
61 argumentar nada, você tem que agre-
62 >levantar as mãos pro céu e agradecer o
63 filho que você tem< que trabalha, que
64 ajuda em casa, que s:- que faz tudo
65 consciente, que sabe tudo que tá fazendo,
66 >que é educado, que não m- maltrata
67 ninguém< ... então assim, você não tem
68 nada a reclamar, >se você quiser que eu
69 mude eu mudo< eu viro traficante de bo:ca
70 eu, sei lá, eu subo mo:rró, o que que
71 você quiser que eu faça, eu faço mas aí
72 você tem que me falar, >qual o filho que
73 você quer, o filho educado< ou o filho
74 que vai pra mo- pico de morro curtir
75 baile funk" ... aí daí o silêncio ficou e
76 depois disso a gente nunca mais tocou no
77 assunto
78 **Leandro** °nunca? não°
79 **Rafael** nunca mais ... °nunca mais°
80 **Leandro** nu- eh ah sei lá nunca mais hhh como

81 assim? [hhh
 82 **Rafael** [>a gente nunca mais tocou no
 83 assunto de de gay< ... não sei se ele
 84 tapa o sol com a peneira, sei lá o que
 85 que ela faz=
 86 **Leandro** =e você acha que, por exemplo,
 87 quando a conversa po::de chegar lá: ela=
 88 **Rafael** =não
 89 entra no assunto

Com a história em andamento, Rafael chega ao momento em que, pela primeira vez, conversa mais explicitamente sobre sua homossexualidade com sua mãe. Alguns parágrafos atrás, disse que seria essa a narrativa de saída do armário de Rafael para sua mãe. Mantenho a identificação dessa história como uma narrativa de saída do armário, mas é importante dizer que as especificidades da cena configuram uma saída do armário mais próxima de uma “descoberta do que há dentro do armário”. Retomo a metáfora adiante.

Quase toda a ação do episódio é construída com base em falas relatadas. Esse mecanismo discursivo – que “atua como um recurso poético que, por levantar emoções, funciona na criação de relações emocionais entre os participantes de uma interação” (Bastos, 1999, p. 23) –, sobretudo no turno que vai da linha 45 até a 77, construído em ritmo mais acelerado e com pausas significativas entre uma fala e outra, cria um clima quase teatral para a narrativa. Rafael está empenhado na tarefa de contar a história e eu, em minha tarefa múltipla de ouvinte-entrevistador-pesquisador-etc., procuro colaborar com a narrativa¹⁶.

Antes de tratar das oposições que estabelece entre as linhas 61 a 77, chamo a atenção para como Rafael novamente não nomeia a homossexualidade. Ele elabora todo o momento de diálogo entre ele e sua mãe sem que a palavra “gay” (ou algum termo sinônimo) tenha sido utilizada. Ele e a mãe, como personagens, dizem “isso não é chupão de mulher” (linha 28), “chupão de homem” (linha 56) e,

¹⁶ Sobre isso, saliento como minha pergunta, entre as linhas 14 e 16, por ser pouco relevante para a ação de contar a história, foi respondida de tal forma que demonstrasse a evidência a que fazia referência (“sim sim claro” – linha 17). Mesmo tendo construído toda a ação evidenciando linguística e paralinguisticamente a reprovação da mãe diante da marca em seu pescoço – reparemos, pelos sinais de transcrição, nas subidas de entonação, nas ênfases e nos alongamentos em algumas palavras da fala relatada da mãe entre as linhas 8 e 11 – elaboro a questão, interrompendo o fluxo narrativo de Rafael. Após a resposta, o participante segue a história. Minha interrupção desnecessária não foi maior que a motivação para continuar a narrativa.

finalmente, “ahã” (linha 57). Essas são expressões que substituem, na situação narrada, perguntas e respostas que contenham a palavra “gay”. Rafael contou sua história sem o uso dessa palavra. Não se trata aqui de se perguntar se foi assim que ocorreu ou não o fato – essa transparência entre experiência e narrativa, como já se disse, não é uma preocupação desta tese (cf. Bastos, 2004). A atenção está em pensar sobre a construção da história: no mundo da narrativa, Rafael confirma uma relação íntima de afeto com outro homem por meio da afirmação “ahã”. Ao final da sequência, o item “gay” aparece (linha 83), mas de tal forma que merece comentários. Primeiramente, há que se dizer que, nesse momento da história, Rafael está se dirigindo a mim em resposta a uma questão que lhe fiz, isto é, o participante saiu do mundo da narrativa. Além disso, reparemos, pelos símbolos da transcrição, que a fala de Rafael está acelerada e que ele gagueja (“de de gay”). Soma-se a isso a expressão “assunto de gay”, que substitui algo como *o meu assunto, o fato de eu ser gay*. A indeterminação do substantivo aqui é indicial do trabalho de minorização do estigma da homossexualidade que Rafael manteve durante toda a sequência, tanto no universo da história quanto no ato de narrar. A reflexão iniciada acima sobre ser esta uma narrativa de saída do armário ou não trata desse ponto¹⁷. Rafael constrói histórias – esta e a anterior sobre o pai de seu namorado que descobriu o relacionamento dos dois – em que as portas do armário que contém sua homossexualidade – expressão extremamente essencialista trazida aqui para auxiliar a construção da metáfora – são abertas por outras pessoas. No primeiro caso, o armário foi aberto pelo pai do rapaz; no segundo, foi sua mãe que, ao ver uma marca em seu corpo, resolveu colocar a mão na porta do armário. Rafael decidiu então, em resposta ao movimento da mãe, permitir que ela visse um pouco do que há lá. Ela viu que há afetos trocados com outros homens; não necessariamente viu que há discursos autorreferidos de seu filho como um homem gay. A abertura parcial do armário foi aceita pela mãe que, de sua parte, também não explicita discursos a esse respeito. Se Rafael vive fora ou dentro do armário não é uma questão. Afinal, estar fora ou estar dentro do armário são circunstâncias muito mais do que estados perenes de qualquer indivíduo (Saggese, 2009; Lewis, 2012; Miskolci, 2013b, 2012, 2009), conforme já problematizado em capítulo

¹⁷ Em discussões sobre essa narrativa em apresentações públicas em congressos, mais de uma vez, fui questionado se seria essa uma narrativa de saída do armário ou não.

anterior. Rafael negociou com o dispositivo do armário, questão que me interessa mais de perto aqui.

Para finalizar as considerações sobre essa sequência, destaco a reprodução que o participante faz de sua fala direcionada a sua mãe entre as linhas 59 e 75. Ali Rafael cria oposições entre ele enquanto indivíduo gay e uma série de outras performances identitárias. Ele é gay, mas não é “traficante de boca” (linha 69), não “sobe morro” (linha 70), não “vai para o pico do morro curtir baile funk” (linhas 73 a 75). Por mais inusitada que seja a comparação, Rafael parece fazer isso como manobra de apagamento do estigma, isto é, Rafael manipula sua identidade deteriorada (Goffman, 2008). Para isso, recupera, de um repertório macrossocial, um binarismo: os comportamentos típicos de um bom moço (“filho que trabalha, que ajuda em casa, que faz tudo consciente, que sabe tudo o que tá fazendo, que é educado, que não maltrata ninguém” – linhas 63 a 67) em oposição a uma pessoa de caráter duvidoso. No mundo da narrativa, isso desfavorece julgamentos negativos sobre sua homossexualidade. Rafael narra as estratégias de elaboração de face utilizadas em relação à sua mãe, personagem da história. Ao mesmo tempo, não se desprende do trabalho interacional para comigo na entrevista.

Ao final da história, quando já estamos conjuntamente saindo discursivamente do episódio, o participante constrói a homossexualidade como um interdito. Soliva e Silva Junior (2014), como vimos, chamam performances desse tipo de *covering*. Foucault, sobre os processos de interdição, nos diz que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” ([1971] 2009, p. 9). Na narrativa de Rafael, em especial em sua parte final, a homossexualidade navega por esse espaço do terreno proibido e interdito: “a gente nunca mais tocou no assunto de gay” (linhas 82 e 83). Rafael e sua mãe não podem falar de qualquer coisa; a homossexualidade é uma dessas interdições¹⁸.

¹⁸ Mesmo não abordando analiticamente, acho pertinente trazer ao texto outro fragmento da entrevista com Rafael, quando estamos falando sobre como ele negocia sentidos de homossexualidade com seus avós, personagens importantes em sua história de vida. Diz o participante que: *então eu vejo que eu tenho que dar esse retorno pra eles [sobre a vida acadêmica e profissional], mas se eu deixo de beijar homem, se eu beijo mulher ou se não, não merece.*

5.1.1 “Ser gay e fazer balé não tem nada demais”

Leandro, ser gay e fazer balé não tem nada demais. E não há motivos para ficar falando disso com algumas pessoas. Essa parece ter sido a tônica da entrevista com Rafael. Durante os minutos em que estivemos em conversa, o participante construiu-se como um jovem que lida com a homossexualidade de forma pouco tematizada. A normalização foi uma estratégia constante durante nosso encontro. Diante de episódios que tangenciaram e, em outros casos, explicitaram questões de gênero e sexualidade, Rafael normalizou suas experiências de tal forma que não se criassem eventos extraordinários ou que demonstrassem grande carga dramática envolvida.

Minha atuação durante a entrevista está diretamente relacionada a essas estratégias de Rafael. Enquanto ele agia norteado pelas estratégias de normalização, de minha parte, direcionei questões e comentários que elicitaram repetidamente desdobramentos narrativos de maior dramaticidade. Interacionalmente, essas características repercutiram em momentos de trabalho de face mais acentuados, destacando-se estratégias correção e proteção de face.

Minha expectativa por histórias e discursos mais identitários, como ocorreu no episódio do balé e também na narrativa sobre a conversa com os amigos sobre o primeiro namorado, foram quebradas por enredos que lidaram com a homossexualidade como uma performance que não precisa ser elaborada discursivamente de forma explícita, mesmo em contextos nos quais se esteja “entre iguais”. Além disso, vimos a homossexualidade ser instanciada como estigma, sobretudo quando desencadeadora de sentidos de erotização. Quando isso se colocou, esses significados precisaram ser diminuídos, levando Rafael a um processo corretivo que lançou mão de repertórios macrossociais, coerentes com o senso comum, relacionados à formulação de um “bom caráter”. Rafael construiu sua homossexualidade em detrimento de características pouco relacionadas a questões de sexualidade, mas que funcionaram na construção de uma boa pessoa.

5.2 Hélio

O segundo participante em análise é Hélio. Convidei-o a participar da pesquisa após o término de uma reunião de professores na instituição onde trabalhávamos juntos. Adiantei, naquele momento, que gostaria de lhe fazer um convite relacionado à minha pesquisa de doutorado. Sem dar muitos detalhes, disse-lhe que gravaríamos algumas entrevistas nas quais ele falaria sobre questões particulares e profissionais. O aceite de Hélio foi imediato, mas pedi que ele aguardasse um e-mail mais detalhado, para dar uma confirmação definitiva. O e-mail foi enviado no dia 02 de junho de 2014. Transcrevo-o a seguir¹⁹:

Oi, Hélio. Tudo bem?

Querido, escrevo para, finalmente, falar com mais calma sobre o convite que lhe fiz há um tempinho atrás. Como havia adiantado, gostaria que você fizesse parte da minha tese, participando como entrevistado. Você já tinha aceitado de antemão, mas é importante que eu explique algumas coisas sobre o projeto antes de um aceite definitivo. :-)

Minha tese, entre outras questões, relaciona a educação em nível superior com as identidades de homossexualidade. Volto meu olhar para o nosso campus na intenção de perceber como ali, naquele contexto, são construídas essas identidades. Meu interesse por essas questões começou por mim mesmo. Partindo de mim, comecei a querer entender como outras pessoas vão construindo as suas diferenças por ali. E aí cheguei a você. Gostaria muito de conhecer um pouco mais as ideias do Hélio sobre essas coisas. ;-)

Caso você tope, é importante que saiba que suas informações pessoais (nome, principalmente) são mantidas em sigilo. As gravações são feitas em áudio. Talvez, dependendo do quanto nos estendamos, precisaremos de mais de um dia de entrevista.

Se quiser saber mais do trabalho antes de decidir se topa participar, é só perguntar e eu respondo.

Fico esperando sua resposta.

Um abraço e uma ótima semana!

Leandro.

¹⁹ Os recortes de pesquisa que se evidenciam nesta tese são posteriores aos convites e às gravações das entrevistas. Por esse motivo, na reprodução das correspondências que troquei com os participantes, a apresentação do tema (dos seus recortes e/ou problemas) podem ser distintos daqueles que se estão desenvolvendo.

Dois dias depois, Hélio respondeu ao meu convite:

Olá Leandro, agradeço a atenção, o carinho e fico feliz em poder contribuir de alguma forma. Sei que em muitos lugares a questão da sexualidade ainda é vista com receio e indiferença ou (diferença), pois sei que muitos acham que sexo e capacidade intelectual estão atreladas. Eu acredito que não estão, a maioria das pessoas não separam a sexualidade do profissional, mas entendo que é complicado mesmo, pois tento me colocar na posição dos outros. Poucas são as oportunidades que posso conversar e falar sobre este assunto, vejo que será uma excelente oportunidade.

Como já havia dito anteriormente aceito sim.

Abraços,

Hélio.

Como se vê, diferentemente do convite feito a Rafael, minha interação via e-mail com Hélio ocorreu com menos informações implícitas. As performances de homossexualidade de Hélio não são construídas por ele como um segredo ou como um dado a ser negociado discursivamente com hesitações e indeterminações. Como se verá, o participante tematiza bastante sua homossexualidade em suas narrativas, estando constantemente em situações de saída do armário. Destaco ainda a motivação expressa para participação no trabalho, o entendimento de que a entrevista seria uma oportunidade de fala e, por fim, o adiantamento de uma relação que será bastante explorada por ele na conversa que tivemos; em suas palavras, o atrelamento entre “sexo”²⁰ e “capacidade intelectual”.

Começo minhas análises pelos momentos iniciais da entrevista, quando peço que Hélio se apresente a mim.

Sequência 9 – “ah, o hélio, ele é mineiro, né”

| | | |
|---|----------------|--|
| 1 | Leandro | então, eu queria que você falasse um pouco |
| 2 | | pra mim quem é o hélio, essa é a pergunta= |
| 3 | Hélio | =ok |
| 4 | | ... ah, o hélio::, ele é mineiro, né, |
| 5 | | nasceu lá em vinte e dois do dois de mil |
| 6 | | novecentos e setenta e sete, foi criado n- |

²⁰ Em sua resposta, ao que parece, Hélio não diferencia *sexo* de *sexualidade*. Esses vocábulos aparentemente significam, no texto do participante, aquilo que tenho chamado de *performance de sexualidade* neste trabalho.

7 numa família: tradicional <mineira>, tenho
 8 mais cinco <irmãos>, sempre vivi no
 9 interior, tinha [os meus sonh-
 10 **Leandro** [é interior de ((nome do
 11 estado))
 12 **Hélio** de ((nome do estado)), numa cidade chamada
 13 ((nome da cidade)) ... então sempre
 14 cres[ci
 15 **Leandro** [é perto daqui?
 16 **Hélio** é, não, daqui são mais ou menos umas cinco
 17 horas de viagem. então assim, meus pais se
 18 separaram quando eu tinha nove pra dez
 19 anos de idade, então fui criado mais com
 20 minha avó, com meu pai e posteriormente
 21 com a minha madrasta, eu sempre tive
 22 aquela educação: de:hh rodeada de
 23 preconceito, né, meu pai até às vezes
 24 brincava "ah, se tiver algum filho gay na
 25 família .hh eu vou: jo- botar num saco,
 26 vou jogar na enchen:te, vou matar",
 27 nunca:: aceitou, então eu sempre fui muito
 28 preso, não saía, não ia a festa

Na sequência acima, em resposta à minha pergunta, Hélio apresenta-se. Chamo a atenção para o início de sua apresentação, quando, contiguamente à minha pergunta, o participante insere o primeiro personagem na grande narrativa que será contada durante os minutos em que estivemos em conversa. Tal personagem, ele mesmo, é um “menino do interior”. Ao fazer essa afirmação, trago à análise uma possível aproximação que o participante faz entre sua história de vida e aquela que comumente se atribui às pessoas das regiões interioranas, mais especificamente, aos meninos das regiões distantes dos grandes centros urbanos. Destaco, nesse sentido, as expressões “família tradicional mineira²¹” (linha 7), “tenho mais cinco irmãos” (linhas 7-8), “sempre vivi no interior” (linhas 9-8), colocadas em seu primeiro turno na sequência acima. As orientações fornecidas por Hélio, não somente apresentam o personagem da história ao seu ouvinte, mas também criam um cenário para que as expressões que reportam a fala de seu pai posteriormente sejam vistas com menos assombro. Quero dizer com isso que “botar num saco” (linha 25), “jogar na enchente” (linha 26), “matar” (linha 26) passam a ser expressões menos absurdas porque, anteriormente, Hélio apresentou seu contexto familiar como o de uma família tradicional do interior,

²¹ Friso os sentidos de tradição e conservadorismo presentes na expressão “família tradicional mineira”, comumente tácitos no senso comum brasileiro.

organização que, no senso comum²², está mais próxima de modelos de convivência mais tradicionais e conservadores, nos quais “brincadeiras” – valendo-me da escolha lexical do participante – desse tipo são performadas sem grandes desequilíbrios interacionais.

Ainda sobre o primeiro turno da sequência, atento para as escolhas feitas por Hélio aqui, que serão recorrentes em toda a entrevista: o distanciamento que cria entre Hélio-Narrador e Hélio-Personagem e a menção muito exata a datas²³, dão à fala do participante um tom epopeico: a história de um “menino do interior que tinha sonhos”, expressão entrevista na linha 9 da sequência. Voltarei a essa interpretação em outros momentos da análise, mas destaco, já aqui, que há nas narrativas de Hélio uma proximidade com as histórias de heroísmo. Ele performa narrativamente conflitos, dificuldades, conquistas e vitórias que aproximam sua história de vida da de um “vencedor”.

Uma rápida comparação com a entrevista de Rafael parece-me importante antes de prosseguir. Hélio, já em sua apresentação, nos primeiros minutos de entrevista, explicita questões de gênero e sexualidade. A construção discursiva de seu contexto familiar não é isenta de questões desse tipo, diferentemente do que ocorreu com o primeiro participante.

Vejamos como Hélio continua apresentando-se neste próximo excerto:

Sequência 10 – “eu sempre gostei muito de estudar”

| | | |
|----|--------------|--|
| 1 | Hélio | então assim, então cresci nesse ambiente |
| 2 | | assim, mas: não tinha eh: dese:jos |
| 3 | | sexuais, não tinha vonta:de (né) minha |
| 4 | | vida infantil era estudar e trabalhar |
| 5 | | então não tinha amigos de sair de trocar |
| 6 | | ideias, não tinha aquele grupo de amigos, |
| 7 | | só que eu fui crescen:do, aí fui passei a |
| 8 | | le:r, a estudar, eu sempre gostei muito de |
| 9 | | estudar, sempre me dediquei muito na |
| 10 | | esco:la, aí vem né >quando você começa a |

²² Mesmo já tendo feito referências anteriormente à ideia de senso comum, acho oportuno agora informar que a noção trazida ao texto se aproxima da seguinte: “um conjunto de descrições mais ou menos conectadas, mais ou menos normativas, sobre como os seres humanos “pulsam”, como é a nossa própria mente e como são as dos outros, o que podemos esperar que seja uma ação situada, quais são os estilos de vida possíveis, como nos comprometemos com eles e assim por diante” (Bruner, [1990] 1997, p. 40)

²³ Sinalizo também que os alongamentos silábicos e a produção mais lenta de algumas palavras, ao início da narrativa, prenunciam uma história longa a ser contada.

11 virar adolescente, que você tá com uns
 12 quinze dezesseis anos, você vai fazer
 13 educação física< e eu sempre fui um garoto
 14 que tinha poucos pelos e os outros ra-
 15 garotos sempre olha:vam, observavam, às
 16 vezes na hora que você tá no vestiário aí
 17 alguns jogavam uma piadinha, alguma coisa,
 18 eu ficava meio sem graça que eu não
 19 entendia, era meio: lerdo, eu sempre fui
 20 meio lerdo pra hh essas hh coisas hh
 22 **Leandro** hh

Em continuidade à descrição de seu contexto familiar, Hélio menciona o período de sua infância e adolescência. Estruturalmente, temos uma narrativa construída principalmente com verbos no imperfeito, o que confere um aspecto habitual às ações do passado. Hélio ressalta outros dados que vão caracterizar suas relações familiares como envolvidas pela tradição e pelo conservadorismo: uma infância voltada ao estudo e ao trabalho²⁴ sem muitas relações para além do contexto da casa (“não tinha amigos de sair” – linha 5). Ao apresentar-se dessa forma, o participante interrompe as orientações de sua história de vida para fazer uma avaliação sobre si mesmo, que parece permanente. Ao dizer “eu sempre gostei muito de estudar, sempre me dediquei muito na escola” (linhas 8, 9 e 10), Hélio está perante mim, seu interlocutor – um ex-colega de trabalho que ali assume a performance de pesquisador (e também perante os ouvintes projetados da entrevista, minha orientadora, demais pesquisadores etc.) – trabalhando sua face (e eu a minha em relação a ele), construindo-se sob uma luz favorável como alguém que aprecia os estudos e a vida intelectual, característica altamente valorizada socialmente. Remeto esta consideração ao que disse anteriormente sobre a construção que Hélio faz de si mesmo como alguém vitorioso. O estudo e o trabalho são, entre outras características, os grandes instrumentos de ascensão social na história de vida do participante. Oliveira (2012) demonstrou como educação e ascensão social se paralelizam em narrativas de pessoas pertencentes às camadas populares. Na performance de Hélio, ainda que sentidos socioeconômicos não sejam explicitamente negociados, a educação também parece ser acionada com este fim. A educação é acionada como demarcadora de

²⁴ Hélio não menciona, durante a entrevista, mais detalhes sobre suas atividades de trabalho durante a infância.

mudanças na história do “menino do interior”. Em mais alguns outros momentos, como mostrei, o estudo e o trabalho aparecerão em destaque em seu discurso. Aqui, de forma explícita, Hélio se avalia como alguém que aprecia os estudos. Isso se mostra importante na construção de sua história de vida. Hélio inicia um paralelo constante em suas performances narrativas: a educação e o esforço para o sucesso profissional mitigam qualquer desfavorecimento em relação à identidade de sexualidade que constrói. Ele abre reflexões a esse respeito em alguns momentos da entrevista e, narrativamente, faz questão de criar legitimidade para suas performances de um gay bem-sucedido²⁵.

Ainda na sequência acima, Hélio remonta uma parte de sua adolescência escolar, mencionando as aulas de Educação Física, disciplina recorrentemente construída como conflituosa em histórias de vida de homens não-heterossexuais (Silva et alli, 2009). Destaco, nesse momento, a escolha que Hélio faz para diferenciar-se dos demais meninos com os quais compartilhou o vestiário em sua escola. Hélio descreve uma característica corpórea sua que parece demarcar um território menos másculo em relação aos demais meninos. Ao construir discursivamente seu corpo adolescente com poucos pelos, o participante aciona, de um repertório macrossocial, sentidos que o alinham à infância e, arrisco dizer, à delicadeza do corpo. Em hipótese alguma, estou aqui determinando que ter ou não pelos (ou qualquer outra característica de fundo estético) sinaliza masculinidade ou feminilidade. Seguindo por outro caminho, estou propondo, ao observar o discurso de Hélio, que se observe como a construção do discurso – neste caso, observado a partir de uma autodescrição – pode alinhar os sujeitos a determinados repertórios compartilhados socialmente. Nos dados, a partir do corpo com poucos pelos de Hélio, os demais meninos desencadeiam performances (“jogavam uma piadinha” – linha 17) que indicam o estranhamento de sua

²⁵ Faço novamente uma advertência sobre a metalinguagem de que me valho para tratar as identidades neste trabalho. Minha proposição teórica se aproxima, conforme apresentei em capítulo anterior, do entendimento das identidades como práticas. O termo *performance* é aquele que mais se aproxima da noção teórica que mobilizo. Mesmo quando não o utilizo – às vezes por intencional aproximar-me das semânticas construídas pelos participantes –, é à noção de prática que estou fazendo referência. Quero dizer com isso que, em alguns momentos, os participantes mobilizam sentidos menos alinhados à noção de ação na construção das identidades. Em alguns casos, parece ser que suas compreensões das práticas identitárias alinham-se a parâmetros essencialistas de entendimento. Alerto que, mesmo aproximando-me de sua metalinguagem, minha proposta é sempre entender as identidades enquanto performances em ação nas interações sociais.

masculinidade. Estou ciente do risco que corro, nesta análise, de imputar a Hélio sentidos que talvez sua fala não sinalize, a saber, uma construção de si como um menino menos másculo que os demais. Entre o risco e a percepção da indicialidade da informação, optei por explorar interpretativamente a segunda.

Sequência 7 – “me deu um beijo, me roubou um beijo”

1 **Hélio** aos dezenove anos, foi meu primeiro beijo
 2 ... eu achei aquilo: muito diferente, né?
 3 foi até ((o participante gagueja)) mulher
 4 mesmo, uma menina que me beijou aos
 5 dezenove anos, e aí um pouquinho mais
 6 [acima
 7 **Leandro** [você tava na escola?
 8 **Hélio** na escola, foi num num show do:: cidade
 9 negra, eu lembro até hoje, aí rolou um
 10 beijo, mas eu ↑n- ((o participante
 11 gagueja))
 12 **Leandro** lá na sua cidade [ainda?
 13 **Hélio** [na minha cidade, isso,
 14 aí não gostei muito, achei estranho
 15 aquilo, a menina me beijou, mas n- ((o
 16 participante gagueja)) não rolou nada, mas
 17 um tempo depois, já no meu ensino médio,
 18 já tinha o, uns dezesseis, não, dezesseis?
 19 não, eu já tinha tinha terminado,
 20 dezenove? é, dezenove ((o participante
 21 gagueja)) antes de completar vinte anos,
 22 eu eu eu tava fazendo um curso já no hotel
 23 ((nome do hotel)), e aí eu conheci um
 24 rapaz que: ... se mostrou interessado por
 25 mim, conversava, mas era um::, um jeito de
 26 (assim), me levou pro cinema, teatro, me
 27 fez gostar duma vida cultural, e aí, a
 28 gente saiu uma vez pra jantar, e tal, aí,
 29 ele ... me deu um beijo, me roubou um
 30 beijo, e eu gostei, eu achei interessante,
 31 só que logo depois aconteceu o quê, eu
 32 vim, comecei minha vida profissional, eu
 33 vim pra ((nome da cidade)), aí eu já tinha
 34 dezenove pra vinte anos, nessa nessa fase,
 35 em fevereiro, antes de completar vinte
 36 anos, aí vim pra ((nome da cidade))

Hélio, na sequência acima, apresenta-nos duas pequenas narrativas que, em função dos personagens, criam um contraste entre si. Ambas se referem ao seu “primeiro beijo”. O fato de o primeiro ter sido dado por uma mulher e o segundo por um homem cria avaliações distintas nas narrativas. No primeiro caso, uma

narrativa breve sobre sua primeira troca afetiva com uma mulher tem como ponto a sua reação insignificante diante do beijo. A narrativa possui mais orientações (“aos dezenove anos” – linha 1; “foi até mulher mesmo” – linhas 3 e 4; “na escola, foi num show do cidade negra” – linhas 8 e 9; “na minha cidade” – linha 13) do que ações complicadoras. Trata-se de uma narrativa com apenas uma ação complicadora: “uma menina que me beijou” (linha 4). Hélio faz referência a essa mesma ação, com outras palavras, ao longo da narrativa, que vai da linha 1 à linha 15. Estruturalmente, além das orientações e da ação complicadora, a história apresenta um resumo (“foi meu primeiro beijo” – linha 1), uma coda (“não rolou nada” – linha 16) e algumas avaliações (“eu achei aquilo muito diferente” – linha 2; “não gostei muito” – linha 14; “achei estranho aquilo” – linhas 14 e 15). Chamo a atenção para a avaliação contida na coda narrativa. Hélio encerra o episódio destacando sua pouca relevância em relação às suas primeiras experiências afetivas. Apesar de ser algo de que ele se lembra até hoje (linha 9) – dado que também pode ser lido como uma avaliação –, a expressão “não rolou nada” parece não somente encerrar a história como destacar que, para o desenvolvimento dos episódios seguintes, aquela cena não traz muitas repercussões, de tal forma que, não mais, durante toda a entrevista, outras experiências com meninas serão narradas. Na lâmina de análise interacional, a pouca relevância do primeiro beijo pode também estar relacionada às expectativas que o participante tem em relação aos meus interesses enquanto pesquisador. Retomo a informação contida no e-mail de convite para participação na pesquisa, quando destaquei que meu trabalho se interessava pela temática da homossexualidade. Hélio apaga a importância dessa experiência com uma mulher e abre espaço para a seguinte, essa sim, significativa e “interessante”, segundo ele mesmo avaliou.

A segunda narrativa apresenta sua primeira experiência afetiva com outro homem, seu (segundo) primeiro beijo. Na linha 16, inicia-se a narrativa com algumas orientações temporais. Nas linhas 23 e 24, com a ação complicadora “aí eu conheci um rapaz”, Hélio introduz o novo personagem. As avaliações feitas sobre esse evento contrastam com a indiferença construída na primeira história. O participante destaca: “eu gostei, eu achei interessante” (linha 30). Além das avaliações relacionadas à experiência do beijo, Hélio inclui algumas atividades que realizou com o rapaz que parecem dar à experiência um destaque positivo.

Segundo ele, o rapaz o fez gostar de uma vida cultural. Interacionalmente, essa história também contribui para o trabalho de face que Hélio constrói para comigo. Bastante afinado à linha que assumiu ao longo da entrevista, o participante destaca elementos desse relacionamento que são socialmente privilegiados.

O contraste realizado por Hélio entre as duas narrativas leva-me a perceber a relevância que o participante quer dar à sua experiência afetiva com outro homem. Isso, na lâmina interacional, pode sugerir a construção de uma identidade homossexual definida, trabalho argumentativo que se verá em outros momentos da entrevista. Hélio mostra-se para mim como um homossexual ciente e conhecedor de suas performances identitárias.

Quero ressaltar, nas duas narrativas apresentadas na sequência, a passividade construída por Hélio nas duas cenas de beijo. Reparemos que em “a menina me beijou” (linha 15) e em “ele me deu um beijo, me roubou um beijo” (linhas 29 e 30), Hélio recebe os beijos. Isso não escapa ao meu olhar analítico. Ainda nesse momento da entrevista, Hélio se mostra como alguém que “descobre” sua sexualidade. Suas experiências, em consonância com o contexto familiar que havia apresentado anteriormente, não possuem grande agência de sua parte. Quando contou sobre os episódios nos vestiários com outros meninos na escola, e agora quando conta sobre suas primeiras trocas afetivas, Hélio está apresentando-se como um personagem pouco agente, imaturo e, arriscaria dizer, inocente. Como veremos, essa imagem se modifica ao longo da entrevista, já que vemos surgir um Hélio-Personagem mais ativo, corajoso e vencedor de algumas dificuldades, algumas delas diretamente relacionadas à sua identidade de sexualidade não-normativa.

Sequência 8 – “eu assumi pra todo mundo”

| | | |
|----|--------------|--|
| 1 | Hélio | aí eu já tinha dezenove pra vinte anos, |
| 2 | | nessa nessa fase, em fevereiro, antes de |
| 3 | | completar vinte anos, aí vim pra ((nome da |
| 4 | | cidade)) ... e aí em ((nome da cidade)), |
| 5 | | eu morava num ho†tel, ficava lá, não saia |
| 6 | | ... aí dezenove, vinte, vinte e um <aos |
| 7 | | vinte e dois anos> só que nesse período, |
| 8 | | eu acabei me envolvendo e me apaixonando |
| 9 | | por uma pessoa, que era o recepcionista, |
| 10 | | um rec- um recreador que tinha lá, então |
| 11 | | eu vou dizer assim, a minha primeira |

12 paixão, a minha primeira relação tudo, foi
13 aos vinte e doishh anoshh=
14 **Leandro** =hh=
15 **Hélio** =muito TARde,
16 eu achohh hoje se a gente compara com a
17 com as relações, então assim, eu ... vivia
18 ... comecei a, aí eu era muito muito
19 reservado, eu num, não era assumido nem
20 pros meus amigos, nem nada, eles todos ...
21 de vez em quando ... pergunta:vam, mas eu
22 fugia do assun:to, só que aos vinte e
23 dois, a partir do momento que eu me
24 apaixonei, e eu me senti ... é:: como é
25 que eu vou dizer:: retribuído, né, a
26 pessoa que eu tava gostando também se
27 mostrou interessada e gostando de mim, aí
28 eu acabei assumindo, só que eu acho que eu
29 meti os pés pelas mãos, que eu assumi pra
30 todo mundo, pros meus ami:gos, pra minha
31 família, tanto que eu levei, o o o meu
32 primeiro relacionamento lá pra conhecer
33 meus pais, meu pai não aprovou:, não
34 gostou:, ficou muito chatea:do, disse que,
35 ↑eu ↑não s- sempre falou assim, eu não
36 entendia isso, "eu não criei um filho pra
37 virar gay", ou porque eu era tão
38 estudioso, como se o fato de eu ser
39 estudioso, de eu ser uma pessoa dedicada e
40 ter uma profissão ... e ser gay não
41 combinassem=
42 **Leandro** =humhum=
43 **Hélio** =e ↑eu ↑não aceitava
44 isso, porque pra mim, poxa ... minha opção
45 sexual não mudou em nada, eu eu sentia que
46 pros meus amigos mesmo, eles falavam assim
47 "hélio, a gente já sabia, só que a gente
48 queria ouvir da sua boca, então, você é o
49 mesmo amigo pra gente, não vai alterar
50 nada, a gente não tem vergonha de você",
51 só que a, meu primeiro hotel que eu
52 trabalhei tinha preconceito, minha
53 primeira patroa, então eu acabei sendo
54 mandado embora [perdi meu primeiro emprego
55 [() por esse motivo?=
56 =por
57 esse motivo ... mas naquela época não não
58 tinha tantas leis como tem hoje, isso era
59 ... dois mil, tava começan:do a mudar:
60 esse pensamento

Na seqüência anterior, Hélio conta sobre seu primeiro namoro com outro homem. É também nesse momento que ele narra sua primeira saída de armário,

em seu caso, algo como um “*coming out* completo”, já que, em sua história, ele passa a se construir como um homem gay em seu ambiente familiar, em suas relações de amizade e em seu contexto profissional. Como se verá, ao longo da narrativa, outros episódios de saída do armário são contados, o que nos mostra que “assumir pra todo mundo”²⁶ é uma tarefa sempre falha. A ideia de saída do armário como um processo contínuo e interminável, presente também em pesquisas arroladas na revisão de literatura, é a que comparece aqui.

Estruturalmente, na sequência anterior, temos duas narrativas: o primeiro namoro de Hélio e suas primeiras saídas de armário (em casa, para os amigos e no trabalho). Na primeira história, que vai da linha 1, com algumas orientações temporais e espaciais, até a linha 17, com uma coda avaliativa, Hélio narra sua primeira experiência amorosa. As primeiras orientações não se referem exatamente ao período do seu envolvimento com o primeiro namorado, mas criam um panorama importante para entender o período prévio ao relacionamento. Dos dezenove aos vinte e dois anos, Hélio foi um “menino do interior”, já distante do seio familiar, que trabalhava e morava num hotel. A ruptura da suposta rotina tranquila profissional (“eu morava num hotel, ficava lá, não saía”) se dá com o início do namoro. As ações complicadoras da história iniciam com o envolvimento e a paixão por uma pessoa, identificada como um homem que exercia uma atividade profissional no mesmo hotel. Busco entender que as ações de se envolver e se apaixonar pelo rapaz mencionado funcionam como marcadores, no mundo da narrativa, da nova etapa da vida de Hélio. Será a partir daqui que veremos um Hélio-Personagem menos “menino do interior” e mais desbravador e vitorioso. O participante somente dará mais detalhes sobre esse seu primeiro namoro mais adiante, em outro momento da entrevista. Ele, na sequência 8, finaliza a história com uma avaliação – os risos acentuam seu tom avaliativo – sobre os relacionamentos contemporâneos que, segundo ele, se iniciam mais prematuramente.

Na linha 18, o participante inicia a narração de sua primeira saída do armário. Hélio inicia avaliando-se como uma pessoa reservada. Essa sua colocação contrasta com a ação complicadora central da narrativa, qual seja, “eu

²⁶ É importante notar como o dispositivo da confissão se faz presente no discurso de Hélio através do verbo assumir relacionado às suas performances de saída do armário.

assumi pra todo mundo” (linhas 29-30). O contraste a que me refiro é explicitado pelo participante durante sua narração por meio da avaliação “eu acho que eu meti os pés pelas mãos” (linhas 28-29). Hélio avalia sua saída do armário “pra todo mundo” (linhas 29-30) como precipitada, mas mostra-se, mais adiante, incompreendido sobretudo diante da reação de seu pai. Em sequência posterior, destaco mais um momento narrativo sobre sua saída de armário em relação aos seus pais, mas já aqui friso como, em seu caso, a “revelação” causou estremecimentos em suas relações familiares. Ao reconstruir, na narrativa, a fala de seu pai (“eu não criei um filho pra virar gay” – linhas 36-37), Hélio o faz avaliando-a negativamente de forma explícita. Ele não somente faz um aparte avaliativo anterior à fala relatada (“eu não entendia isso” – linhas 35-36), como também elabora posteriormente avaliações sobre a reação de seu pai. Nessas avaliações, resalto a compreensão de Hélio a respeito de sua identidade de sexualidade. Reativamente à resistência do pai, Hélio inclui sua sexualidade como uma característica de sua personalidade: além de ser estudioso, dedicado e bem-sucedido profissionalmente (“ter uma profissão” – linha 40), ele também é gay. Em seu discurso, tais predicções não se excluem, ao contrário, são perfeitamente combináveis²⁷. Em seguida, em movimento explicitamente avaliativo-reflexivo (a interjeição “poxa” (linha 44) realça esse movimento), Hélio reafirma sua visão sobre a sexualidade como uma característica sua – “minha opção sexual não mudou em nada” (linhas 44-45) – diferentemente dos entendimentos contemporâneos que a percebem como uma performance, destacando a ideia da prática aí envolvida. Os amigos são colocados, na história, como um contraponto em relação ao pai. O acolhimento dos amigos frisa sua avaliação negativa sobre a reação de seu pai. Na reprodução que Hélio faz da fala dos amigos, é importante salientar a ideia da cobrança e da expectativa de que, em algum momento, o rapaz saísse do armário. Isso nos leva a pensar em como incidem sobre os discursos coerências com a prática de algumas militâncias identitárias, qual seja, a ideia “a identidade gay que precisa ser revelada”.

²⁷ Hélio irá manifestar a possibilidade da “combinação” homossexualidade-sucesso educacional e profissional algumas vezes durante a entrevista. Em alguns momentos, essa combinação ganha um tom militante, isto é, Hélio manifesta seu desejo de que pessoas homossexuais – seus alunos são destacados nesse sentido – não excluam de seus propósitos de vida a conquista de uma vida bem-sucedida.

Hélio finaliza esse momento de sua narrativa de história de vida com uma introdução ao primeiro episódio no qual suas performances de homossexualidade foram postas em questão em ambiente profissional. Como veremos, esse momento marca todos os seguintes, fazendo com que, nas narrativas profissionais de Hélio, suas performances de sexualidade sejam sempre tornadas relevantes discursivamente.

Antes de tratar de contextos profissionais, Hélio, a meu pedido, conta com mais detalhes algumas performances de saída de armário na sequência a seguir.

Sequência 9 – “oh, ele é mais que um amigo; ele é meu namorado”

- 1 **Leandro** aí >eu queria que você contasse pra mim<
 2 como é que foi esse processo na sua casa
 3 assim com os seus pa[is
 4 **Hélio** [olha, eu=
 5 **Leandro** =como é que
 6 foi a sua saída de armário, ou o que que
 7 você fez? você eh cê reuniu todo mundo pra
 8 conversar você chegou já de, como é que
 9 foi?
 10 **Hélio** foi meio assim primeiro eu falei pros meus
 11 amigos né eu contei, reuni todos eles e
 12 falei “olha, eu eu sou gay e tô gostando
 13 da dessa pessoa ela também tá a gente vai
 14 viajar” ... aí viajamos pra: >ficamos uma
 15 semana< em ((nome da cidade)) aí na volta
 16 eu passei, aí levei esse esse meu
 17 relacionamento, esse °meu parceiro meu
 18 colega° que era meu amigo pra conhecer os
 19 meus pais, né? e aí eu falei meio assim,
 20 que ele era meu ami::go e tal [que a gente
 21 tava...
 22 **Leandro** [() você
 23 marcou um: um [almoço ou foi o quê?
 24 **Hélio** [é um almoço [um almoço
 25 **Leandro** [°um almoço° [e
 26 disse que ia levar uma...
 27 **Hélio** [aí
 28 fa- e que tava levando um amigo [meu
 29 **Leandro** [°ah tá°=
 30 **Hélio** =aí
 31 cheguei lá e falei assim “oh, ele é mais
 32 que um amigo ele é meu namorado e a gente
 33 agora vai ficar junto” hh eu ilusão hh
 34 ficar junto hh meu °namora-° ele também eu
 35 não avisei a ele que eu av- que eu
 36 falaria=
 37 **Leandro** =°que você falaria° ... e o que que
 38 aconteceu?

39 **Hélio** aí meu pai n: não ficou com a cara muito
40 boa, não gostou, ficou: assim >chateado<
41 "mas ... cê tá brincando, né?", ele não
42 acreditou, ele falou assim "ele é se- seu
43 amigo, eu, eu não um filho pra criar
44 namorar um menino que fuma: maconha, que
45 tem cara de vagabundo ... não vejo isso
46 pro seu futuro, você pode fazer o que você
47 quiser da sua vida, mas isso não, isso eu
48 não vou admitir ... aqui em casa você não
49 precisa voltar"=
50 **Leandro** = °não° peraí quem f==
51 **Hélio** =meu
52 pai=
53 **Leandro** =quem tinha cara de vagabundo era o
54 menino?
55 **Hélio** o menino que namorava comigo=
56 **Leandro** =mas então aí
57 ele já
58 **Hélio** meu pai não aceitou [até ↑hoje
59 **Leandro** [mas por causa da cara
60 de vagabundo ou [por que ele era um
61 menino? hh
62 **Hélio** [não ... não porque ele
63 ... era menino, né? no fundo, aí ele
64 começou a botar defeitos, né?=
65 **Leandro** =°ahã°
66 **Hélio** aí assim minha madrasta ficou na dela ...
67 não falou nada, nem que sim nem que não,
68 não apoiou nem desapoioiu ... enfim eu
69 falei "tá bom, eu ((o participante
70 gagueja)) não tô"=
71 **Leandro** =sua mãe é [... já não
72 morava com o seu pai
73 **Hélio** [minha m-
74 ... já já eram separados, então minha mãe
75 eu nunca comentei com ela

A narrativa sobre sua saída de armário num almoço familiar se encerra aqui. Após a minha confirmação na linha 65, Hélio comenta sobre o silêncio relacionado à sua sexualidade em relação à sua mãe, personagem que comparece pouco em suas histórias.

Quero destacar a construção de duas narrativas: a saída de armário para os amigos e, a história mais longa, o *coming out* na cena familiar. Hélio conta as histórias motivado pela minha elicitación entre as linhas 1 e 9. Sobre minha participação nesse momento friso a entextualização dos discursos de confissão – assim como aconteceu, algumas vezes, na entrevista com Rafael – ao pedir a história. Ao indicar caminhos de resposta ao participante, descrevo brevemente

uma cena clássica: “você reuniu todo mundo para conversar” (linha 7 e 8). Hélio, diferentemente de Rafael, corresponde às minhas expectativas entrevistas na pergunta e conta duas histórias em tom bastante confessional. Essa recorrência do discurso da confissão e de uma certa expectativa espetacular a respeito das experiências de saída do armário dos participantes – visíveis, em alguns momentos, na materialidade do meu discurso pela seleção vocabular principalmente – mostra-me como, em interações a esse respeito, faço funcionar a arquitetura discursiva dos rituais de confissão. Retomarei isso a seguir, mas já aqui aponto como esta tese também é um experimento de autoconhecimento. Nas Considerações Finais essa reflexão ganha mais espaço.

De sua primeira narrativa, apresentada resumidamente nas linhas 10 e 11 (“primeiro eu falei pros meus amigos”), destaco a construção ritualística da cena confessional. A reunião dos ouvintes une-se à citação direta do texto proferido – “olha, eu sou gay” (linha 12) e garantem a carga dramática da cena de revelação. Essa história é interrompida por uma informação circunstancial de cunho mais orientador – a viagem de uma semana com o namorado – e seguida pela narrativa que ganha mais espaço na sequência. Antes de tratar dela, acho importante comentar a presença nas narrativas de Hélio e também nas de Rafael de personagens chamados de amigos. Essa repetição merece algum comentário. Em narrativas de pessoas não-normativas, em alguns casos, os silêncios e a falta de redes de apoio em círculos familiares são substituídos por outra rede de solidariedade constituída de amigos. Acho curioso como, em narrativas produzidas por essas pessoas, os amigos são mencionados.

A segunda narrativa inicia na linha 15. Essa história, cujo ponto é a rejeição do pai em relação não somente ao namorado, mas também a ele próprio, é contada com uma sequência de ações que vão desde marcar um almoço (linha 24 – ação complicadora construída com a minha colaboração) até o discurso do pai (linha 41 à 49). Esses acontecimentos, que no tempo da narrativa (Mishler, 2002) são apresentados em outra ordem, compõem, agora com mais detalhamento, outra cena prototípica de uma confissão. Há os preparativos (marcar o almoço, informar sobre a companhia de um amigo), a confissão propriamente dita (“cheguei lá e falei assim “oh, ele é mais que um amigo, ele é meu namorado e a gente agora vai

ficar junto” – linhas 31 a 33) e as sanções a ela (todo o discurso pejorativo do pai e, segundo ele, sua expulsão de casa).

Sobre a fala relatada de seu discurso de saída do armário, ressalto a avaliação que Hélio elabora em seguida. Os risos que entrecortam as palavras “ilusão”, “ficar junto” e “namorado” constroem um distanciamento crítico do participante em relação à sua performance. Em outras palavras, ele parece querer mostrar como na entrevista, ao contar a narrativa, aquelas palavras – e talvez aquela cena – pareceu-lhe romântica demais, interpretação que produziu a partir do vocábulo “ilusão”.

Atento à história, peço, nas linhas 37 e 38, que Hélio prossiga com as consequências da cena. Dado o cenário familiar apresentado minutos antes – já comentados analiticamente nas sequências anteriores –, a reação negativa do pai era uma hipótese a ser corroborada por mim, ouvinte da narrativa. Confirmada a expectativa, Hélio constrói a fala relatada do pai com grande carga dramática. A pergunta intimidadora “cê tá brincando” na linha 41, o namoro como elemento de projeção futura negativa nas linhas 45 e 46 e uma avaliação que, no contexto da narrativa, é semantizada como pejorativa nas linhas 44 e 45 unem-se à punição de Hélio, sua afastamento forçado da casa da família. Destaco, de toda a fala, com mais atenção, o paralelismo – também ocorrido na entrevista anterior – da homoafetividade com outras performances significadas situadamente como merecedoras de sanção social. A reconstrução da fala do pai de Hélio acessa, para a avaliação negativa do afeto homossexual, sentidos de degradação, simbolizados pelas expressões “fuma maconha” e “cara de vagabundo”. Como já disse algumas vezes ao longo do texto, não me interessa pela identidade entre fato e narrativa neste trabalho, isto é, em uma possível verificação se o namorado de Hélio era consumidor de maconha, por exemplo. Minha análise atenta para como, no mundo da narrativa, são incluídas falas de participantes que paralelizam (por oposição na narrativa de Rafael e por associação na presente história de Hélio) a homossexualidade com sentidos produzidos como negativos, como “defeitos”, nos termos de Hélio (linha 64). Essa correlação leva-me a pensar em de que forma, ainda hoje, a homossexualidade é significada em relação à degradação e à marginalidade social. Em outras palavras, a homossexualidade, mesmo com todas as mudanças em processo, ainda é estigma. Eu não precisaria escrever uma tese

para chegar a essa conclusão, já que o estigma se estabelece cotidianamente em minhas vivências²⁸. Mas, uma vez produzindo-a, causa-me surpresa como essas relações semânticas são ainda férteis, inclusive em discursos de homossexualidade autorreferida, conforme ocorreu com Rafael e Hélio (e, se repetirá com o participante seguinte, Gabriel).

Não termino a análise do excerto sem considerar as indeterminações produzidas por Hélio. Em contraste com a frase bastante identitária na reconstrução de sua saída do armário para os amigos, em nível interacional, o participante formula sua relação com o namorado valendo-se de expressões que atenuam a identificação de um relacionamento homoafetivo. Já presente na sequência anterior, aqui Hélio, mais uma vez, refere-se ao namorado como “meu relacionamento”, e também como “meu colega”. Essas expressões vão conviver, no decorrer do encontro, com outras mais explícitas tais como “meu namorado”. As designações em sequência, presentes entre as linhas 16 e 18, funcionam quase como reparos²⁹ no nível interacional. Estamos “entre iguais” e há pouca fluidez na referência a um universo que, em princípio, seria comum a nós dois.

Sequência 10 – “todos pediram demissão em apoio a mim”

- | | | |
|----|----------------|--|
| 1 | Leandro | agora vamos voltar lá no pro pro traba[lho |
| 2 | Hélio | [isso |
| 3 | Leandro | you falou que teve um local onde, foi um |
| 4 | | hotel?= =foi o hotel [exatamente |
| 5 | Hélio | [eh: como que foi essa, |
| 6 | Leandro | como é que você foi: [... descoberto? hh |
| 7 | | [ah foi o meu mundo |
| 8 | Hélio | caiu né porque eu sou um: eu eu tenho uma |
| 9 | | um problema dessa <u>língua</u> ((o participante |
| 10 | | morde a língua)) <u>maldita</u> que essa <u>boca</u> |
| 11 | | <u>grande</u> que eu conto tudo então eu tava |
| 12 | | muito <u>feliz</u> eufórico aí ↑falei pra todo |
| 13 | | mundo que eu ia viajar com o ((nome do |
| 14 | | namorado)) que era o sonho da minha vi:da |
| 15 | | e aí via↑jamos aí quando eu voltei estava |
| 16 | | demitido hh os meus amigos até passaram a |
| 17 | | |

²⁸ Se o texto causa um sentido vitimizador, assumo o resultado semântico.

²⁹ A noção de reparo está inspirada na literatura da Análise da Conversa Etnometodológica conforme sugere Loder (2008, p. 95), para quem o reparo se constitui basicamente de “mecanismos para a resolução de problemas de escuta, produção e entendimento na fala-em-interação social”.

18 mensagem me ligaram falando "hélío oh
 19 quando você voltar a dona ((nome da
 20 proprietária do hotel)) vai te demitir
 21 porque ela não aceita: gay aqui no hotel
 22 ... ela não gosta desse tipo de coisa", eu
 23 falei "tudo ↑bem"
 24 **Leandro** e foi alguém que contou pra ela?=
 25 **Hélío** =é foi
 26 outros outr- tinha uma funcionária lá, que
 27 eu não suporto ah eu não suportava ela na
 28 época ela não gostava de mim ah uma tal de
 29 ((nome da funcionária)) e aí ela ela
 30 acabou apertando os meus colegas e eles
 31 contaram né, que eu tinha ido viajar com o
 32 ((nome do namorado)) por- e ele era o
 33 recreador do hotel, aí hh os meus amigos
 34 da agência também do ((nome da cidade da
 35 agência)) que vendiam o hotel disseram
 36 "hélío, dona ((nome da proprietária do
 37 hotel)) chegou aqui possessa, disse que
 38 adivinha o que que você aprontou ... que
 39 você foi viajar com o recreador do hh
 40 hotel" [hhhh
 41 **Leandro** [hh
 42 **Hélío** mas aí: eu fiquei muito surpreso que na
 43 quando eu fui demitido o que que acontece
 44 os meus amigos pediram demi↓ssão
 45 **Leandro** [hum::
 46 **Hélío** [então ao todo foram seis funcionários [em
 47 em apoio
 48 **Leandro** [ela
 49 ficou sem sem=
 50 **Hélío** =ficou sem funcionário nem os
 51 recreadores trabalharam, nem os os garçons
 52 e a cozinheira, vários, seis amigos meus
 53 que eram meus amigos mesmo fala- "não a
 54 gente também, se o hélío não pode
 55 trabalhar aqui, a gente também não pode"
 56 ... então assim foi a maior demonstração
 57 de carinho ... ((o participante prenuncia
 58 um choro)) que eu tive então quando eu me
 59 assumi então foi muito importante pra mim,
 60 eu até choro ((o participante chora))
 61 porque eu lembro, e dois deles eu f- eh
 62 por exemplo eh o ((nome de um amigo)) e a
 63 ((nome de uma amiga)), eu sou padrinho de
 64 casamento deles e padrinho do filho deles
 65 e: a: ((nome de outra amiga)) eu perdi o
 66 conta:to eh o ((nome do namorado)) que foi
 67 meu namorado na época a gente teve um
 68 relacionamento mas hoje é só meu amigo eh:
 69 a ((nome de outra amiga)) também é uma
 70 pessoa que eu gosto muito, também é uma
 71 recreadora do hotel ... e: deixa eu ver
 72 mais quem, tem uma outra mocinha, a ((nome

73 de outra amiga)) também que trabalhava lá
 74 na limpeza então [são am-
 75 **Leandro** [toda essa galera [...
 76 pediu demissão.
 77 **Hélio** [toda
 78 eh ... todos pediram demissão em em apoio
 79 a mim
 80 **Leandro** [°gen:te°

O olhar analítico para a Sequência 10 se detém especialmente na lâmina narrativa de observação. Não se desconsidera, é claro, o plano interacional que, em alguns momentos será mencionado. Contudo, é no plano narrativo que os dados se mostram mais salientes. Hélio conta uma história central para a sua construção identitária de indivíduo gay, mais especificamente, de um profissional gay. Os desdobramentos desse episódio – a demissão de seu primeiro trabalho no ramo hoteleiro – encontram-se em sequência posterior; aqui conhecemos melhor a cena geradora dessas implicações.

O ponto da narrativa, iniciada na linha 8 após a combinação interacional³⁰ sobre o momento que seria narrado, é a solidariedade construída entre Hélio e seus amigos. Com isso quero dizer que, mais do que contar sobre sua demissão em decorrência de uma relação homoafetiva, a narrativa centra sua atenção na rede de amizades que Hélio construiu e que, a partir do episódio, alcançou um nível significativo de importância. A amizade é uma temática presente em vários momentos da entrevista com Hélio. Os conflitos e as alianças que vão se construindo em suas narrativas estão constantemente apoiados em uma rede de personagens que, mesmo não íntimos, estão em relação de afeto e amizade com o participante. Se o cenário familiar apresentado pelo entrevistado se construiu como hostil, as relações com os amigos foram apresentadas sempre envolvidas por avaliações que destacam uma grande solidariedade.

Observo, em primeiro lugar, a presença da palavra “descoberto” no turno iniciado por mim na linha 6. Hélio e eu estávamos retomando um momento da entrevista em que ele comentou sobre uma demissão, e a recuperação do tópico foi feita por mim com essa palavra. A pausa que a antecede e o meu riso posterior

³⁰ Chamo de combinação interacional os movimentos interacionais que Hélio e eu desempenhamos conjuntamente entre as linhas 1 e 7. Há ali a retomada de um tópico já iniciado anteriormente e a elicitación da história.

envolvem a cena de drama e humor³¹. Hélio intensifica ainda mais essas nuances ao iniciar a narrativa com avaliações direcionadas às consequências do episódio (“o meu mundo caiu” – linhas 8 e 9) e a si mesmo (linhas 9 a 12). As ações complicadoras, que começam a ser incluídas na linha 13, vão retomando informações já dadas em outros instantes da entrevista e algumas novas. Sabe-se então que Hélio viajou com o namorado e, por estar muito contente com isso, dividiu a notícia com seus amigos. Antes de apresentar algumas outras ações importantes para o ponto da narrativa, o participante inclui, já nas linhas 16 e 17, a demissão repentina. Os risos que sucedem o anúncio da demissão são indiciais de uma avaliação do participante sobre a história e também contribuem para a composição do humor dramático já começado por nós ao início. A fala relatada presente entre as linhas 18 e 22 reconstrói a forma como Hélio recebeu a notícia. A fala constrói a motivação da demissão e também o caráter preconceituoso da responsável por essa atitude. Estamos diante, no plano da história, da construção de uma cena de homofobia. A expressão “ela não gosta desse tipo de coisa” em referência ao relacionamento que havia se construído entre Hélio e outro funcionário do hotel intensificam o tom preconceituoso contido na arquitetura discursiva do episódio. Em face ao acontecimento, Hélio reage sem resistência; “tudo bem” foi a fala reproduzida (linha 23). Isso me leva a pensar como, no plano da narrativa, estamos diante de um personagem que aceita, sem qualquer resistência, a sanção aplicada. Poderíamos estar tratando de um personagem que reage com indiferença à demissão, leitura também possível da fala “tudo bem”. Porém, conforme veremos adiante, estamos frente à caracterização de alguém que aceita pacificamente a punição por entender que um erro havia sido cometido. O erro não era o envolvimento afetivo com um colega de trabalho; a falha estava em não ter avisado à sua chefe que ele era gay, e que um envolvimento com outro rapaz seria uma possibilidade. Hélio toma esse episódio como singular em sua história de vida. Veremos em sequências posteriores que a cena não se repetiu, já que, sua sexualidade será sempre uma informação explícita constante de suas candidaturas profissionais.

³¹ A cena foi inicialmente apresentada como uma dispensa profissional motivada por preconceito (cf. Sequência 8 – linhas 51 a 55).

O turno que começa na linha 25 e vai até a 40 contém além das ações que levaram à demissão de Hélio, a inclusão da personagem tida como a vilã do episódio – as avaliações elaboradas por Hélio entre as linhas 26 e 29 dão conta dessa construção. Ressalto, nesse turno, a fala relatada presente ao final. Ali, na voz de colegas de trabalho, o discurso da patroa de Hélio é reproduzido. Sobre isso acho importante destacar como o relacionamento homoafetivo pode se tornar relatável. Na história de Hélio, a viagem de dois homens, que indicou homossexualidades, é o motivo da baixa de um deles, além de se tornar um caso de grande reportabilidade, contado com grande carga dramática (“chegou aqui possessa” – linhas 36 e 37). Os risos de Hélio ao final do turno dão continuidade ao misto de drama e humor apontado anteriormente.

Será no longo turno iniciado na linha 50 que a narrativa ganha seu auge de dramaticidade. O jovem Hélio, protagonista da história de vida que se está contando, conta com o apoio de todos os funcionários do estabelecimento, que decidem deixar o emprego em solidariedade ao amigo. Comentários sobre a rede de solidariedade à qual Hélio se refere foram feitos acima. Ao longo da entrevista, outros personagens identificados como amigos vão somar-se a essa rede e vão dar ainda mais destaque ao Hélio-vencedor, configuração que ganha corpo ao longo da entrevista. Além de vencedor, esse personagem também é uma pessoa querida. Essa também é uma característica bem marcada nas narrativas de Hélio.

É interessante ver como um indivíduo gay torna sua homossexualidade explícita em seu cotidiano: em entrevistas de emprego, em provas de aula de concurso para professores, em narrativas de história vida e também em uma tese de doutorado.

Sequência 11 – “*eu só queria falar uma coisa, eu sou homossexual*”

| | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Hélio | lembro até hoje quando eu pedi meu emprego |
| 2 | | no hotel ((nome do hotel)) eu cheguei com |
| 3 | | dona ((nome da supervisora do hotel)) e o |
| 4 | | ((nome do gerente do hotel)) que fizeram |
| 5 | | entrevista comigo, eu falei assim “ <u>olha</u> |
| 6 | | ... eu só queria falar uma coisa eu sou |
| 7 | | homossexual” ... aí o ((nome do gerente do |
| 8 | | hotel) |
| 9 | Leandro | °você falou [isso na entrevista?° |
| 10 | Hélio | [é ... na entrevista só >aí |
| 11 | | ele falou< “mas por que que você tá |

12 falando isso?" >aí falei< "porque no meu
 13 último emprego eu sofri preconceito então
 14 o seguinte eu quero ser bem claro, eu não
 15 quero fingir que eu sou uma coisa que eu
 16 não sou, se vocês me quiserem aqui >porque
 17 eu fui convidado pela ((nome da
 18 supervisora do hotel)) pra vir trabalhar<
 19 porque ela me conheceu na faculdade então
 20 vai ser assim ... [eu eu sou gay
 21 **Leandro** [no:ssa hélio que
 22 coragem
 23 **Hélio** aí aí a ((nome da supervisora do hotel))
 24 "↑não eu ado::ro [ga:y não tem problema
 25 nenhum"
 26 **Leandro** [hhhh
 27 **Hélio** o ((nome do gerente do hotel)) "hélio não
 28 tem problema nenhum, a sua vida pessoal
 29 particular não me interessa eh você sendo
 30 uma pessoa eh: eficiente capaz seu
 31 profissionalismo é que vai ditar ah se
 32 você vai continuar aqui com a gente ou
 33 não" nesse nessa coisa acabei ficando
 34 quatro anos
 35 **Leandro** humhum

Em decorrência do episódio da demissão do primeiro hotel em que trabalhou, Hélio reitera uma mesma performance algumas vezes em suas narrativas. Sempre ao candidatar-se a um novo posto de trabalho, sua homossexualidade é tornada explícita verbalmente. O episódio contido na sequência acima é o primeiro de uma série de outros que apareceram na entrevista, alguns dos quais analisados mais detidamente a seguir.

Na sequência, temos uma narrativa anunciada com o prefácio "lembro até hoje" (linha 1) e com o resumo "quando eu pedi meu emprego no hotel" (linhas 1 e 2). Somos apresentados aos personagens que interagem com Hélio em um enquadre de entrevista de emprego, a supervisora e o gerente da empresa à qual se candidatava. A história é construída majoritariamente a partir das falas relatadas dele mesmo e dos outros personagens. Na linha 5, Hélio reconstrói sua fala como uma ação complicadora da narrativa. O discurso é aberto com o expletivo "olha" dito de forma enfática e seguido de uma pausa, pistas que preenchem a narração da cena com uma inflexão de seriedade. Ou seja, Hélio não está lidando com a performance de saída do armário como algo pouco relevante ou que poderia romper com a formalidade esperada da situação da entrevista; o participante destaca em sua história como, para ele, essa é uma informação pertinente,

necessária e que inspira dignidade e honestidade. Essas últimas interpretações tomam por base a justificativa contida na fala posterior ao questionamento de um dos entrevistadores entre as linhas 12 e 20. Nesse momento, Hélio constrói-se como uma pessoa verdadeira – “eu não quero fingir que eu sou uma coisa que eu não sou” e bastante determinada. Não há nenhuma referência explícita a discursos de militância gay em sua fala, mas é inevitável que se traga a essa interpretação os imaginários sociais acerca dos discursos autorreferidos das políticas identitárias promovidas por lideranças LGBTs. Não posso assegurar que esse repertório afeta o discurso de Hélio, uma vez que durante a entrevista não se percebeu qualquer vinculação explícita aos discursos de militância. Mas posso propor que, em sua narrativa, o participante estabelece relações de coerência com o campo das práticas militantes, uma vez que há ali ecos de uma performance de engajamento identitário, com realce para as semânticas de violência (“eu sofri preconceito” – linha 13), dignidade/orgulho (“eu quero ser bem claro, eu não quero fingir que eu sou uma coisa que eu não sou” – linhas 14 a 16; “se vocês me quiserem aqui” – linha 16) e de valoração positiva (“eu fui convidado” – linha 17; “ela me conheceu na faculdade” – linha 19), movimentos retóricos constantes de grande parte das estratégias de militância. As ênfases, as partículas expletivas, as escolhas léxicas, entre outras marcas, garantem o tom de combate e bravura da cena.

A participação das demais personagens também é bastante relevante. A transgressão de Hélio é marcada na narrativa pelo questionamento do gerente. A fala relatada – iniciada com a adversativa “mas” (linha 11) – constrói a surpresa da personagem diante do depoimento de Hélio. A narrativa vai chegando ao seu final com as reações diante do discurso de Hélio. Em primeiro lugar, inclui-se a fala da supervisora, construída como uma mulher sem preconceitos e simpática às performances de homossexualidade³². Posteriormente, conhece-se a fala do gerente, construído também como alguém que não cultivava preconceitos (ressalto,

³² Hélio não explora sua relação com a supervisora do hotel, mas a construção do seu discurso de “aceitação” remete-me a um estereótipo muito presente nos imaginários sociais sobre as relações de amizade entre homens gays e mulheres heterossexuais. O alongamento presente em “adoro gay” é o dado que me leva a essa interpretação. Programas de televisão – no Brasil, especialmente as telenovelas –, literatura best-seller – destaco o livro *Por que toda mulher precisa de um gay em sua vida* da jornalista Andrea Franco (2010) – entre outras mídias exploram significativamente esse imaginário. Não cabem comentários extensos de problematização sobre essas produções, mas não deixo de mencionar como, em sua maioria, reiteram estereótipos que não dão conta das pluralidades identitárias homossexuais.

nesse sentido, a ênfase de Hélio na palavra “nenhum” – linha 28) e que explicita a necessidade de Hélio não misturar a vida pessoal com a profissional. Não haveria problemas em admitir um profissional gay, desde que sua eficiência e profissionalismo se fizessem perceber. Hélio encaminha-se para a coda da narrativa, retornando à interação para comigo ao dizer que trabalhou naquela empresa por quatro anos.

O olhar analítico voltado para a interação entre mim e Hélio, mostram que os entrevistadores não são os únicos surpreendidos por Hélio. Nas linhas 9, 21 e 22, minha surpresa e avaliação positiva diante da performance narrada são flagrantes. Mantenho-me alinhado a Hélio na construção de si como alguém cuja coragem é admirável (“nossa, hélio, que coragem” – linha 21 e 22). Essa será mais uma narrativa que contribuirá para a negociação discursiva que Hélio está estabelecendo. Hélio, a essa altura de sua história de vida, já deixou o “menino do interior” para trás e vive como um homem vitorioso e corajoso, que não mitiga suas performances de sexualidade não-heterossexual em suas relações sociais.

Sequência 12 – “ela me defendeu”

| | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Hélio | até agora ... voltando no tempo eu lembrei |
| 2 | | de uma professora que eu tive de geografia |
| 3 | Leandro | na faculdade [ou na escola |
| 4 | Hélio | [na <u>não</u> isso no no ensino |
| 5 | | médio porque uma vez ela me pediu assim |
| 6 | | “hélio você pode ir lá na sala dos |
| 7 | | professores buscar minha bolsa?” eu peguei |
| 8 | | e fui lá busquei, só que ela ela tinha |
| 9 | | mandado além de eu pegar a bolsa pra abrir |
| 10 | | a bolsa dela e tirar a carteira, aí eu |
| 11 | | trouxe a bolsa e quando eu entreguei a ela |
| 12 | | ... >ela falou “ <u>mas eu não falei pra você</u> |
| 13 | | <u>tirar a carteira?</u> < não precisava trazer |
| 14 | | minha bolsa” >eu falei< “não professora |
| 15 | | ... eu não me senti na na na liberdade de |
| 16 | | abrir sua bolsa e tirar sua carteira” aí |
| 17 | | teve um rapaz na sala ... até fortão todo |
| 18 | | saradão ... levantou e falou assim “↑aí |
| 19 | | essas <bichinhas> maior <u>frescura</u> ” aí a |
| 20 | | professora passou uma descompostura nele, |
| 21 | | eu na hora me senti sabe ... defendido |
| 22 | | naquela hora hh |
| 23 | Leandro | [hh |
| 24 | Hélio | [que ela falou assim “olha ... as pessoas |
| 25 | | são como são e ninguém tem nada a ver com |
| 26 | | a vida delas” então eu achei assim que |

27 aquela professora assim ... realmente
 28 ficou pra sempre na mi- no meu coração que
 29 ela me defendeu ... sem ter motivo nenhum
 30 ela me respeitou ela já respei- já via em
 31 mim uma diferença e defendeu isso

A pequena narrativa contida na Sequência 12 aparece na entrevista após Hélio tratar de situações ocorridas no período em que foi aluno universitário. Trata-se de uma lembrança sobre um episódio ocorrido durante o curso do ensino médio. Essa pequena história contribui para a edificação da linha que o participante parece perseguir ao longo da entrevista, aquela que salienta aspectos positivos sobre si mesmo, tais como a coragem e, nesse caso, a honestidade.

A narrativa é prefaciada com a lembrança da professora, personagem central da história. Após a orientação sobre quando ocorreu o episódio, nas linhas 4 e 5, Hélio estrutura as ações complicadoras. Sabemos então do pedido da professora, da ida de Hélio até a sala de professores para atender ao pedido da docente e de seu sobressalto expresso na fala relatada contida entre nas linhas 12 e 13. A resposta de Hélio endereçada à professora constrói sentidos de respeito e honestidade que são ridicularizados pela atuação discriminatória do novo personagem da história, o rapaz “fortão, todo saradão”. Hélio elabora uma cena clássica nos imaginários sociais explorada à exaustão por narrativas fílmicas e novelescas: o rapaz bonito que violenta o menino cuja performance de masculinidade se distancia do padrão hegemônico. Hélio reconstrói a fala do rapaz marcando enfaticamente os termos que produzem a cena de homofobia (“bichinha”, dito lenta e enfaticamente e “frescura” cuja ênfase também está marcada na transcrição – linha 19). O episódio se encerra com a última ação complicadora, a intervenção da professora na cena (linhas 24 a 26) e com a coda, por meio da qual Hélio salienta os aspectos da atuação da professora que lhe são mais caros (linhas 26 a 31).

A pequena história traz um aspecto já apontado sobre outra sequência anteriormente. Mais uma vez, homossexualidade e construção de caráter se emparelham. Conforme vimos, isso ocorreu na entrevista com Rafael, na narrativa de Hélio sobre sua saída de armário para sua família e agora, nessa pequena história. Vejo essa repetição enquanto potência de resistência. Ao invés de entender que esse emparelhamento entre homossexualidade e construção de (bom)

caráter é desnecessário, prefiro observar tais performances de meus entrevistados como movimentos de agência transformadora ocorridos em nosso encontro. Se pensamos as narrativas também como espaços discursivos de agenciamento e redescritção de sentidos políticos (Langellier, 2001; Threadgold, 2005), tais emparelhamentos podem ser interpretados de outra forma. Hélio está construindo-se sob uma luz favorável enlaçando-se politicamente numa reconstrução de imaginários que desfavorecem homossexualidades. As narrativas que ressaltam sua identidade de homem gay, corajoso e de bom caráter acentuam o trabalho identitário do participante durante a entrevista. Se voltamos à coda da narrativa acima perceberemos que a “moral da história” está pautada em dois pilares bem frisados nas histórias de Hélio: o respeito (“ela me respeitou” – linha 30) e a visibilidade (“ela já via em mim uma diferença” – linhas 30 e 31).

Sequência 13 – “falei também”

- 1 **Hélio** aí voltando né ((nome da cidade)) aí
 2 ((nome do segundo hotel em que trabalhou))
 3 aí posteriormente acabei vindo trabalhar
 4 num outro hotel também que também f- no
 5 dia da entrevista sempre fiz questão de
 6 dizer “olha eu sou homossexual, tem algum
 7 problema?”=
 8 **Leandro** =>você falou isso na prova do
 9 ((instituição de ensino em que trabalhamos
 10 juntos por alguns anos))<?
 12 **Hélio** falei também
 13 **Leandro** no dia [da prova na
 14 **Hélio** [no dia da banca=
 15 **Leandro** =da da prova
 16 didática
 17 **Hélio** didática [falei
 18 **Leandro** [jura [que você falou isso,
 19 hélio?
 20 **Hélio** [ahan ... eu eu sempre
 21 preferi fazer ... que eu acha que sabe
 22 **Leandro** hh
 23 **Hélio** que eu não queria sofrer preconceito

Nesse momento da entrevista, após algumas memórias escolares – uma das quais analisada na sequência anterior –, Hélio retorna à organização cronológica que estabeleceu ao longo da entrevista. Mesmo com os apartes que entrecortaram sua narrativa de história de vida, numa organização temporal especial (Mishler, 2002), foi sua vida profissional que guiou a inclusão dos episódios narrados. Isso

é sintomático da linha seguida pelo participante. Ele é um homem gay vitorioso pessoal e profissionalmente. Essa interpretação é possibilitada também pela forma como torna relevante a sua homossexualidade em narrativas centradas em seus percursos profissionais.

Na presente sequência, enquanto conta mais um episódio de saída do armário em ambiente profissional – observemos a narrativa mínima contida entre as linhas 3 e 7 –, eu o interrompo com uma questão relacionada ao ambiente profissional que compartilhamos, a instituição de ensino na qual trabalhamos juntos por alguns anos. Interacionalmente, minha interrupção, feita em ritmo acelerado, constrói a instituição de ensino como pouco provável de receber uma performance como a que ele produziu em seus outros contextos profissionais. Em meu questionamento há uma hipótese que diz algo como *lá não, né?*. Sou surpreendido por Hélio, que afirma ter saído do armário também na etapa de avaliação didática do concurso para professores. Minha surpresa está explicitada na materialidade discursiva pelo turno iniciado na linha 18 (“jura que você falou isso, hélio?”) e pelos risos que preenchem meu turno na linha 22. A surpresa não é trivial nesta interação. Ela poderia ameaçar a face de Hélio, que inicia a justificar essa iteração de performances de *coming out* na linha 23. A possibilidade de ser discriminado em ambiente profissional por não ter evidenciado sua homossexualidade no momento da seleção o faz sempre (advérbio repetido algumas vezes para se referir às suas performances de saída do armário) tornar relevante sua identidade de sexualidade. Se lembramos da narrativa sobre a primeira demissão de Hélio, encontramos a coerência construída pelo participante. Se não lembramos, Hélio nos fará recordar a seguir.

Sequência 14 – “eu fico feliz de poder ser um exemplo”

- | | | |
|----|----------------|--|
| 1 | Hélio | aí porque assim eu dei minha aula normal, |
| 2 | | aí no final eles fizeram uma sabatina, né? |
| 3 | Leandro | aham |
| 4 | Hélio | aí eu falei assim “olha eu eu queria |
| 5 | | deixar bem claro aqui, eu tenho minha |
| 6 | | opção sexual, eu sou homossexual ... eh |
| 7 | | não sei se é [prática da da da |
| 8 | Leandro | [<hélio::> ↑você ↑tem |
| 9 | | consciência de ... hh |
| 10 | Hélio | [não |
| 11 | Leandro | [hhhh |

12 **Hélio** eu fa- eu sempre ↑fui transparente né
 13 leandro, eu nun- nu- nunca ach- eu porque
 14 eu a- eu acho que eu sofri preconceito só
 15 uma vez que foi no meu primeiro emprego de
 16 [lá
 17 **Leandro** [aí você resolveu
 18 **Hélio** é:=
 19 **Leandro** =que a partir de então=
 20 **Hélio** =de ninguém me me
 21 me falar assim "ele é <menos> porque é
 22 gay"
 23 **Leandro** aham
 24 **Hélio** eu nun:ca deixei isso acontecer então eu
 25 sempre procurei ser competente nunca
 26 faltei sempre dei o máximo de mim ... pra
 27 mostrar pros outros que não é porque eu
 28 sou gay ... que eu sou incompetente que as
 29 pessoas associam o- opção sexual à
 30 capacidade profissional e não ↑pode eu não
 31 admito isso
 32 **Leandro** aham
 33 **Hélio** isso pra mim me dá um ó:dio me dá uma
 34 raiva isso me revolta, então sempre quando
 35 eu tenho conhecidos ou alunos que são gays
 36 e eles vêm conversar comigo eu falo isso
 37 "seja competente seja um ótimo
 38 profissional prove pros outros que você
 39 não é menos porque você é homossexual
 40 **Leandro** [uhum
 41 **Hélio** [então eles encontram em mim às vezes uma
 42 uma um exemplo=
 43 **Leandro** =uhum=
 44 **Hélio** =então eu fico feliz de
 45 poder ser um um um exemplo

Em continuidade à narrativa iniciada anteriormente, Hélio prossegue com os eventos relativos à sua saída do armário na ocasião da prova de aula de um concurso público para seleção de docentes. Chamo a atenção para o uso que o participante faz do termo "sabatina", na linha 2. Por ter participado como docente da mesma instituição, conheço o ritual cumprido pelas bancas de avaliação que são compostas. Faz parte dessa rotina, ao final da aula, a indagação dos membros da banca sobre as motivações e as expectativas dos candidatos em relação à instituição e ao cargo de docente. Acho sintomática a identificação desse ritual, na narrativa de Hélio, como uma sabatina. Não estou desprezando as individualidades e singularidades semânticas no uso dos signos linguísticos, mas não posso deixar de considerar que o termo acessa sentidos avaliativos e, eu diria, confessionais. Isso pode ser um reflexo da experiência singular de Hélio. Pode

também ser uma estratégia de realce semântico que o participante construiu para criar o enredo de sua história.

Foi no momento da sabatina que Hélio repetiu a performance de saída do armário. Na fala reconstruída na narrativa, encontramos novamente o expletivo “olha” (linha 4) e uma seleção vocabular que evidencia as intenções (“queria deixar bem claro” – linhas 4 e 5) e os motivos³³ (“não sei se é prática” – linha 7) daquela ação. Hélio repete, mais uma vez, sua performance de “revelação”; não da mesma forma, nem da mesma maneira já que os contextos – isto é, as pessoas, os espaços, o tempo, as interações (Almeida, 2009) – são sempre diferentes. Da mesma maneira, a cada repetição narrativa da performance, uma nova performance está se construindo. Estou trazendo aqui o entendimento performativo das práticas sociais, marcado pela força da iteração, da repetição, sempre outra. A cada repetição, repete-se de forma diferente. Nas performances narrativas de Hélio, isso parece ter um caráter político. Sair do armário é um processo repetido inúmeras vezes nas vidas não-hegemônicas, conforme já vimos. Narrar essas experiências é também um processo que, como toda prática social, também se envolve de potenciais políticos. No caso de Hélio, especificamente, sua política é de tom militante. Retorno a isso adiante.

A minha surpresa, inicialmente colocada no momento transcrito na Sequência 13, ganha maior espaço aqui, quando nas linhas 8 e 9, interrompo a fala relatada do participante dizendo seu nome lenta e alongadamente, demonstrando assombro. Nesse momento, há uma ameaça de face de minha parte, dada a inclusão do vocábulo “consciência” e também dos meus risos ao final do turno. O espanto, a suposta inconsciência da ação e os risos exigem de Hélio uma ação de salvamento da face ameaçada, desencadeando um discurso de justificativa que destacará valores positivos motivadores de sua performance. Hélio, então, constrói-se como uma pessoa “transparente” (linha 12), isto é, verdadeira e

³³ Nas falas que Hélio reproduz, há sempre a explicitação do motivo que o leva a tornar relevante sua homossexualidade. Reparemos, por exemplo, na Sequência 13, quando o participante diz “olha, eu sou homossexual; tem algum problema?”, e agora quando se refere às práticas da instituição (ideia inferida por mim, já que, na interação, eu o interrompo antes que possa concluir a fala). O motivo é recorrentemente a possibilidade de aquela instituição em questão ter encaminhamentos morais que impossibilitem ou dificultem a vivência profissional de um indivíduo gay. O problema referido na fala é a sua homossexualidade; a prática contida na Sequência 14 parece referir-se aos parâmetros morais da instituição.

honesto, conforme entendimentos disponíveis no senso comum a respeito dessa valoração. Soma-se à sua transparência, a recuperação da memória de sua primeira demissão, acontecimento que, na construção da história de vida do participante, aproxima-se do entendimento literário da “epifania”, isto é, aquele acontecimento que deslança sentimentos e ações variadas que “mudam a vida” de um personagem. A transparência não é o único valor positivo destacado por Hélio na sequência. Em continuidade ao seu processo de salvamento de face, o participante estabelece coerência com o vocabulário da ética profissional, construindo-se como competente, presente e empenhado (linhas 25 e 26). Mais uma vez, Hélio está aproximando as práticas profissionais das performances de homossexualidade, encaminhando-se agora para colocações que flertam com discursos de militância. Os valores sociais positivos ressaltados sobre si mesmo constituem sua performance de incentivador de outros homens gays que não devem se sentir profissionais menores porque são homossexuais (linhas 37 a 39). A elaboração discursiva de Hélio faz uso de um vocabulário e de elementos prosódicos que demonstram sua revolta e vontade de mudança. Reparemos, por exemplo, nas expressões “ele é menos porque é gay” nas linhas 21 e 22 (fala que reconstrói discursos minorizadores – chamo a atenção para a ênfase na palavra menos), “não pode, eu não admito isso” nas linhas 30 e 31 e nas palavras “ódio”, “raiva” e “revolta” nas linhas 33 e 34, todas marcadamente enfáticas. O discurso de Hélio é o de um militante. Mesmo que sua militância não esteja associada a um coletivo ou outros agrupamentos políticos, Hélio, em suas narrativas, parece fazer de sua vida um cenário de agência política em prol das identidades gays³⁴. A esse respeito, acho curiosa a ideia que ele constrói sobre a associação entre opção sexual³⁵ e capacidade profissional. O participante enfatiza que essa não é uma associação possível (linhas 29 a 31). Meu olhar interpretativo diria que apenas uma associação, no discurso de Hélio, não é possível: aquela que, ao associar, minoriza as capacidades profissionais do indivíduo gay. Uma outra não é apenas possível como também deve ser incentivada: a transparência e a honestidade em relação a si mesmo – isto é, a não negação de sua identidade de sexualidade –

³⁴ Ecos das interpretações propostas por Passamani (2008) parecem-me evidentes aqui.

³⁵ Por não me parece pertinente, nesse momento, não discuto as possibilidades semânticas da expressão “opção sexual”.

associada à demonstração de capacidade e profissionalismo. Posso ser gay e posso ser um ótimo profissional, essa é a associação entre “opção sexual” e “capacidade profissional” que se entrevê no discurso de Hélio. Perceber aqui ressonâncias das clássicas práticas militantes de afirmação gay é inevitável. Hélio, ao final, se diz feliz por ser um exemplo. Um exemplo de gay vencedor.

Hélio sai do armário repetidas vezes. Em suas histórias, essas performances são constantemente tornadas relatáveis. A entrevista com Hélio corrobora o entendimento sociológico de que sair do armário é um processo, ou seja, algo que ocorre repetida e infinitamente em percursos de vida não-hegemônicos, conforme também indicado por trabalhos apresentados em minha revisão de literatura. Suas constantes saídas do armário são performances políticas de visibilidade que garantem, em seu caso, felicidade. Construindo-se como um exemplo para outras pessoas, Hélio engaja outros indivíduos a também saírem do armário. Seus *coming outs* não são apenas para ele, são também para “conhecidos ou alunos que são gays” (linha 35). Diante disso, ele fica “feliz de poder ser um exemplo”.

Não termino essas considerações sem antes tecer algum comentário sobre a minha surpresa expressa na entrevista. Percebo como meu assombro hoje, ao elaborar as análises, é mais comedido, na medida em que, de outra maneira, estou fazendo a mesma coisa neste texto, como já o fiz também em outras ocasiões tão acadêmicas e profissionais quanto esta.

Passemos à próxima sequência.

Sequência 15 – “esse é o hélio, é essência pura, é alegria, é felicidade”

- | | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Hélio | eu acho que eu não consigo <u>imaginar</u> que |
| 2 | | tem alguém que me queira mal |
| 3 | Leandro | aham= |
| 4 | Hélio | =ou eu sou inocente demais não sei |
| 5 | Leandro | humhum= |
| 6 | Hélio | =por achar isso ... então por isso |
| 7 | | eu sou diferente, †eu assim sou meio: ... |
| 8 | | eh: como é que eu vou dizer ... eu não sou |
| 9 | | muito <u>discreto</u> eu sou espalhafatoso, até |
| 10 | | uma vez eu falei assim “ah eu queria ser |
| 11 | | como fulano de tal ... como o leandro, que |
| 12 | | é mais discreto” [mas eu não sei |
| 13 | Leandro | [hh você me acha |
| 14 | | discreto? [hhhh |
| 15 | Hélio | [é: eu acho, eu falo muito com a |

16 ((nome de uma professora que trabalhou
 17 conosco)) que a ((repete o nome da
 18 professora)) “ai hélio você é muito
 19 escandaloso” aí eu falo assim “eu sou
 20 mesmo, [((nome da professora))”
 21 **Leandro** [hhhh=
 22 **Hélio** =“esse é o <hélio> é essência
 23 pura é alegri:a, é felicidade, eu sou
 24 transparente, eu tô triste eu tô triste,
 25 se eu tô alegre eu ↑tô alegre ... entendeu
 26 hh

Nessa sequência, foco a lente analítica para a observação da primeira lâmina, a interacional. Hélio estava, neste momento, fazendo considerações sobre sua personalidade, mostrando como costuma lidar com seus colegas de trabalho e também com seus alunos. A sequência é aberta com uma reflexão do participante sobre sua relação com as pessoas e se encaminha, já na linha 7, para uma avaliação a respeito de uma característica sua. Hélio apresenta-se como alguém pouco discreto. As pistas prosódicas – o alongamento de “meio” seguido de uma pausa, a hesitação e a busca por um significado inicialmente apresentado por um eufemismo (linhas 8 e 9) e depois de forma menos atenuada (“espalhafatoso” – linha 9) – leva-me a entender que essa avaliação tem um valor negativo. Em seguida, ele me inclui em sua avaliação, por meio de uma fala sem direcionamento explícito (linhas 10 a 12), como um parâmetro de discrição. Ali, Hélio parece ter ameaçado sua própria face em detrimento da minha valoração significadora como positiva. A centralidade dessa avaliação é a homossexualidade, que está sendo negociada como um estigma. Determinadas performances estão sendo construídas como mais espalhafatosas em oposição a outras mais discretas. Até aí, essas últimas estão pesando mais positivamente em relação ao estigma da homossexualidade. O desejo expresso por Hélio – “eu queria ser como fulano de tal” (linhas 10 e 11) – demonstra como a discrição é um elemento que melhor funciona em uma performance de homossexualidade. Em outras palavras, Hélio faz-me um elogio. De minha parte, pareço não receber o elogio como uma obviedade (linhas 13 e 14), numa tentativa de mostrar humildade e modéstia e, talvez, preservar a face de Hélio que poderia estar em ameaça. Hélio intensifica o sentido pejorativo em jogo com a inserção de uma fala relatada de uma colega de trabalho que o vê como “muito escandaloso”.

Estamos negociando o estigma da homossexualidade “afetada”, semântica comumente não valorizada socialmente³⁶. Em relação a toda essa ginástica interacional, Hélio abre espaço para reformular possíveis entendimentos relativos às suas performances não muito discretas, espalhafatosas e escandalosas. Sua face posta em ameaça é, a partir da linha 19, exaltada num discurso de orgulho de si. Consoante à linha de autovalorização assumida desde o início da entrevista, ele não sai desse momento de abalo sem construir um discurso elogioso que reverencie suas práticas sociais. A sua não discrição é valorizada como evidência de sua “essência”, “alegria”, “felicidade” e “transparência” (linhas 22 a 26). Diante disso, ser discreto ficou menos interessante.

Sequência 16 – “sempre feliz, alegre, gay e que se dane”

- 1 **Hélio** eu me sinto eu sou uma pessoa feliz
 2 realizada ... sabe eu não ... não tenho
 3 nada que possa se: eu morresse amanhã eu
 4 morreria feliz porque eu já conquistei
 5 tudo o que eu queria, o respeito a
 6 admiração das pessoas dos meus amigos eu
 7 qua- aqui nessa cidade eu conquistei o meu
 8 lugar o meu espaço, a única coisa que me
 9 falta é o meu título de cidadão ((adjetivo
 10 da cidade)) mas eu tô eu tô em busca pra
 11 conseguir ele, gosto muito dessa cidade
 12 ainda quero fazer muito por ela
 13 **Leandro** aham=
 14 **Hélio** =como eu falei, a gente não tem:=
 15 **Leandro** =e
 16 você já já fez nesse envolvimento=
 17 **Hélio** =já:: já
 18 participei de muita coisa na cidade, agora
 19 assim eu tô pensando ↑até assim em entrar
 20 pra política=
 21 **Leandro** =é mesmo?=

³⁶ Tenho anotada em meu diário de pesquisa uma memória que vale ser trazida aqui: *Certa vez, há uns 15 anos, durante uma conversa com duas amigas em uma praia do Rio de Janeiro, um amigo de uma delas aproximou-se de nós. Ao que parecia, eles já não se viam há algum tempo e iniciaram uma rápida conversa sobre novidades e mudanças de vida. Ao se despedir da menina, voltamos os três à nossa conversa. Não me esqueço de seu comentário sobre como ela admirava o rapaz que, segundo ela, não era uma bicha, era um viado de verdade. Referia-se ela ao fato de o rapaz ser bem-sucedido, ter namorados muito bonitos e, acima de tudo, ser também muito bonito e manter padrões estéticos de vestimenta considerados muito elegantes e comportamentos pouco afetados. Minha outra amiga e eu ouvimos suas avaliações sobre o rapaz e, até onde a memória me permite contar, iniciamos outro tópico de conversa. Acho que, naquele momento, devo ter concordado com a moça. Minha interpretação sobre o que seria um “viado de verdade” mudaram muito desde esse dia. Aliás, minha interpretação sobre o que é “viado” e o que é “de verdade” são de tal forma outros que essa história me causa risos.*

22 **Hélio** =é:: já me chamaram
 23 eu tô com umas ideias aí=
 24 **Leandro** =que bom [hélio
 25 **Hélio** [tenho
 26 vontade de de fazer por essa cidade o que
 27 ela fez por mim, ela me transformou numa
 28 pessoa melhor ... e feliz, por isso que eu
 29 choro tanto ((o participante chora)) eu
 30 choro de felicidade de realização porque
 31 aqui eu consegui ... ser quem eu realmente
 32 sou, eu nun- nunca precisei fingir aqui
 33 nessa cidade quem que eu era algo que eu
 34 não sou ... e lá no ((nome da
 35 instituição)) também eu eu sou o hélio ...
 36 que todo mundo conhece sempre >feliz
 37 alegre gay< e: que se dane [hhhh
 38 **Leandro** [hhhh que bom
 39 obrigado hélio [... obrigadíssimo
 40 **Hélio** [de nada, leandro

Dos três participantes, Hélio foi o que apresentou mais histórias (de sucesso, de saída do armário, de solidariedade etc.), algumas delas muito detalhadas e com consideráveis marcas avaliativas. Ao final do encontro, o participante constrói uma espécie de coda da narrativa maior que justifica o nosso encontro, a sua história de vida. Ali, Hélio está sintetizando as imagens de si nas quais trabalhou discursivamente ao longo da entrevista e enfatizando determinadas performances. Todo esse trecho final está centrado na construção de Hélio como uma pessoa feliz. Destaco aqui as palavras e expressões de que se vale para a edificação discursiva de sua felicidade: “sou uma pessoa feliz” (linha 1); “já conquistei tudo o que eu queria” (linhas 4 e 5); ela [a cidade] me transformou numa pessoa melhor” (linhas 27 e 28); “sou o Hélio que todo mundo conhece, sempre feliz, alegre, gay e que se dane” (linhas 35 a 37). A sua felicidade está balizada na noção de conquista de respeito, de esforço (interpretação inferida da expressão “conquistei o meu lugar, o meu espaço” – linhas 7 e 8) e de autenticidade. Essa última ideia se entrevê ao final da sequência, quando Hélio se refere ao seu não-fingimento sobre quem ele realmente é. Dada a tematização da homossexualidade elaborada durante a entrevista e também sua declaração final, que dá título à sequência, a autenticidade se refere às suas performances como um homem gay. Um fragmento do trabalho de Passamani (2008) ressoa em minhas memórias de leitura. Valendo-se da metáfora construída por uma personagem de Caio Fernando Abreu, o pesquisador fala sobre um

imaginário corrente entre homossexuais em sua relação com a *roda gigante*, a vida social hegemônica: “rodar na *roda gigante* pode ser a vontade mais pueril e ultrapassada, conservadora e reacionária, mas este não é o ponto. O ponto é que o que está em questão não é apenas o rodar, mas sim a possibilidades que alguns têm de lá estar em vista de outros que nem sequer podem fazer esta eleição (2008, p. 15).

Os risos (e sorrisos) ao final da entrevista com Hélio indicam a atmosfera interacional que circundou o evento.

5.2.1

“De “menino do interior” passou a um homem gay vitorioso”

A entrevista com Hélio nos indica alguns significados sociais para a ideia de homossexualidade. Vimos como, em suas histórias, e levando em conta também a interação comigo, sentidos macrossociais relacionados à homossexualidade como um estigma são negociados.

Diferentemente de Rafael, Hélio mantém performances narrativas que impulsionam embates com os sentidos minorizadores das homossexualidades. Sua história de vida, em seu discurso, é construída como uma ferramenta de luta para a diminuição de sentidos negativados sobre as homossexualidades. Na compreensão de Hélio, a partir da minha interpretação, o trabalho e o esforço garantem a possibilidade de viver, de maneira pública e visível, performances de homossexualidade.

Hélio de “menino do interior” passou a um homem gay vitorioso, tendo como principais ferramentas de cultivo dessa identidade a coragem, a autenticidade, a honestidade e, conforme vimos, também a alegria. Além disso, destaca-se uma presença sempre marcante do que chamei de rede de solidariedade, composta por amigos e pessoas que admiram Hélio. O estabelecimento de relações de coerência com os discursos militantes pró-gays é sintomático.

5.3 Gabriel

Gabriel foi o último participante entrevistado. Meu primeiro contato com ele foi feito via e-mail. Em 18 de março de 2015, escrevi-lhe:

Olá, Gabriel! Tudo bem? Aqui é o Leandro, professor do (nome da instituição). Lembra de mim? :-)
Querido, gostaria de te fazer um convite para participação em minha pesquisa de doutorado. Você ainda mora em (nome da cidade)? Ainda está no (nome da instituição)?
Vamos nos falando!
Um abraço,
Leandro.

Demoraram algumas semanas até que conseguisse um primeiro retorno de Gabriel. Procurei por um perfil seu na rede social Facebook, mas não encontrei. Perguntei por ele a alguns de seus colegas de turma com quem mantenho contato, mas nenhum sabia me dar muitas informações. No dia 8 de abril, recebo o primeiro e-mail de Gabriel:

Oi, Leandro. Estou ainda em (nome da cidade) sim. Não costumo entrar no meu e-mail. Quer o meu WHATSAPP?
Abraço!

Seguiram-se a esse e-mail mais alguns outros nos quais trocamos nossos números de telefone e acertamos um horário conveniente para que eu pudesse telefonar. No dia 10 de abril, fiz-lhe o convite para participação na pesquisa, descrevendo brevemente meu interesse em questões relacionadas a gênero e sexualidade. Talvez por já ter passado pela mesma experiência com Rafael e também porque Gabriel, durante uma aula minha, já havia saído do armário, minhas memórias da ligação não recuperam tantos titubeios e indiretidades, conforme ocorreu com o primeiro participante. Gabriel aceitou participar da pesquisa e pediu-me que lhe telefonasse novamente dentro de algumas semanas para agendarmos a entrevista. Nosso encontro ocorreu na cidade onde nos conhecemos, na tarde do dia 09 de maio de 2015, no mesmo shopping onde as outras entrevistas foram gravadas.

Sequência 17 – “confio”

- 1 **Leandro** gabriel ... cê le- leu leu aqui? ... tudo
 2 ok?
 3 **Gabriel** °tudo ok°
 4 **Leandro** confia em mim? hh
 5 **Gabriel** °confio°
 6 **Leandro** gabriel olha só eh:: a gente vai: vai
 7 conversar e eu acho que talvez a gente
 8 consiga conversar eh tudo o que eu quero
 9 conversar com você hoje mas se for
 10 necessário eh eu vou: vou pedir: pra você
 11 reservar um ho- um outro horariozinho na
 12 sua ... na sua agenda pra gente retornar a
 13 conversa mas eu acho que talvez a gente
 14 consiga ... eh: fechar tá?
 15 **Gabriel** °cla:ro°
 16 **Leandro** eh: eu vou te fazer algumas perguntas eu
 17 vou me inte- eu tô muito interessado em
 18 aspectos da sua vida particular né? eh:
 19 então eu vou te fazer determinadas
 20 perguntas que pode ser que você talvez não
 21 queira responder
 22 **Gabriel** humhum=
 23 **Leandro** =se por algum motivo ah essas
 24 perguntas aparecerem fique muito à vontade
 25 pra dizer "ah leandro ah não quero falar
 26 sobre isso não"=
 27 **Gabriel** =tá bom=
 28 **Leandro** ="esse assunto eu
 29 não tô ... não tô a fim de conversar"
 30 **Gabriel** humhum=
 31 **Leandro** =né? eu digo isso porque a gente
 32 mantém uma relaç- agora nós não somos mais
 33 professor e aluno mas a gente manteve
 34 durante muito tempo essa relação né? então
 35 às vezes a gente fica um pouco mais ... se
 36 eu tivesse que conversar com um professor
 37 meu por mais que eu tivesse uma relação
 38 superinformal eu não sei se em algum
 39 momento eu não ia ficar assim um pouco sem
 40 graça de conversar sobre certas coisas
 41 então se acontecer com você ... [fique
 42 **Gabriel** [nesse
 43 ponto eu não sou: encucado não
 44 **Leandro** não é encucado né? tá mas se por acaso
 45 você se sentir incomodado com alguma
 46 questão ... tá bem? fica à vontade

Estão transcritos nessa sequência os primeiros noventa segundos de conversa. Trago-os à análise por serem extremamente relevantes para os encaminhamentos de minhas considerações interpretativas a seguir³⁷. Chamo esses primeiros instantes de conversa de preâmbulo de entrevista, quando estou retomando negociações que foram feitas anteriormente ao encontro (por e-mail, por mensagens privadas em redes sociais e/ou via telefone) e também estabelecendo parâmetros para a conversa que se desenvolverá. No preâmbulo com Gabriel, conforme se vê, faço referência a uma leitura. O texto indicado pelo dêitico “aqui” (linha 1) é o **Termo de Consentimento** (cf. Anexo). Início minha análise por essas primeiras linhas da sequência.

Assim como fiz com os demais participantes, antes de começar a tratar das questões centrais da pesquisa e de fazer explicações preambulares, entrego a Gabriel, para leitura, verificação e assinatura, o documento referido no parágrafo anterior. O documento foi enviado para os quatro participantes – incluindo aqui Ana, participante cuja entrevista não foi analisada – por e-mail assim que concordaram em participar da pesquisa. A intenção era poder negociar regras e parâmetros antes da realização do encontro para a gravação da entrevista. Em nenhum dos casos houve ressalvas ou dúvidas por parte dos participantes. Na Sequência 17, Gabriel e eu estabelecemos verbalmente o “contrato” registrado por escrito no **Termo**. Das primeiras linhas transcritas, chama-me muito a atenção a minha pergunta, acompanhada por risos, na linha 4. Eu levo à entrevista a relação que deve ser estabelecida entre nós: a confiança. Acho emblemática essa minha intervenção, já que os participantes dedicaram minutos de suas vidas ao compartilhamento de histórias que, talvez até aquele momento, faziam parte de seus foros íntimos. Particularidades na relação com familiares, temáticas envolvendo sexualidade e identidades de gênero, (des)afetos etc. podem ser assuntos delicados em conversas cotidianas. Se consideramos que essas interações estão gravadas, transcritas, analisadas e tornadas públicas – mesmo com o estabelecimento do compromisso ético do anonimato – a confiança é uma relação necessária nesses casos. E, na entrevista com Gabriel, eu a explicito.

³⁷ O fato de não ter trazido para a análise esses primeiros minutos de conversa com os outros dois participantes é explicado mais adiante.

Duas questões me levam a trazer esses primeiros minutos do encontro com Gabriel ao texto analítico. Em primeiro lugar, está o fato de eu não ter explicitado a confiança com os outros participantes, deixando-a estabelecida na entrevista implicitamente. O outro ponto refere-se a algo que já foi compartilhado no capítulo metodológico. Mesmo que isso não tenha sido negociado com Gabriel, o participante embarca comigo em um desafio pessoal meu. Gabriel é um jovem negro, e isso cria um território de tensão para mim. Eu preciso que o participante saiba que estamos em uma relação de confiança e, por esse motivo, solicito-a em forma de pergunta. Os risos que acompanham o pedido dão conta da delicadeza da questão. Eles podem ser interpretados como uma suavização da seriedade que a pergunta “confia em mim?” poderia suscitar. O olhar analítico que desenvolvo sobre minha própria performance me leva a crer que os risos estão ali auxiliando-me a entrar num terreno mais movediço que os demais para mim.

Dada a permissão – “confio” dito em voz baixa por Gabriel (linha 5) – sigo adiante estabelecendo e negociando os parâmetros do encontro. Após algumas informações sobre a possível necessidade de gravações futuras, tenho mais uma confirmação do participante – “claro” dito em voz baixa e com a primeira sílaba alongada; esta última, uma pista muito importante nesse estabelecimento das regras. É na linha 16 que inicio a negociação mais central para o que estou desenvolvendo aqui. O preâmbulo com Gabriel foi o mais longo dos três encontros. Eu friso, com grande detalhamento, a possibilidade de ele não querer falar sobre determinado assunto. Além de toda a explicação, antecipo maneiras de ele se referir a mim para realizar as negativas (linhas 25 e 26; linhas 28 e 29). Ou seja, estou mostrando para Gabriel que ele pode negar respostas e assuntos; que, entre nós, dizer *não quero falar sobre isso* – conduta interacional não desejada no senso comum que preza pela colaboração nas trocas comunicativas – não será índice de indelicadeza. O silêncio entre nós está permitido³⁸.

³⁸ Acho importante trazer ao trabalho, em transcrição simples, o preâmbulo que se estabeleceu com Rafael e Hélio:

Entrevista com Rafael:

Leandro: *Eh, eu acho que ninguém nos ouve. Fique à vontade.*

Rafael: *Não, tudo bem.*

Leandro: *Se você, se você achar que tem alguém, pode...*

Rafael: *Não, tudo bem.*

Entrevista com Hélio:

Ainda no preâmbulo, indiretamente menciono a informalidade que imagino ter cultivado com o participante durante nosso convívio como professor e aluno. Entre as linhas 31 e 41, ressalto a qualidade institucional de nossa relação há algum tempo (“agora nós não somos mais professor e aluno mas a gente manteve durante muito tempo essa relação né?” – linhas 32 a 34) e, ao hipotetizar a minha presença diante de um professor em situação de entrevista, destaco a iminência de algum constrangimento (“eu não sei se em algum momento eu não ia ficar assim um pouco sem graça de conversar sobre certas coisas” – linhas 38 a 40). Ao criar essa cena hipotética, friso a informalidade (“relação superinformal”) da minha relação com o professor imaginado. Ou seja, estou dizendo a Gabriel que estamos em ambiente informal, e que ali, sendo eu o professor, ele pode se sentir incomodado e expressar o seu incômodo com algum assunto. Gabriel, diante disso, me interrompe enfaticamente (linha 42) para dizer que não é alguém “encucado” com isso. Insistindo na possibilidade de incômodos, fecho o preâmbulo sublinhando a sua liberdade para não colaborar.

Como se verá, a entrevista com Gabriel não produziu muitas narrativas. De todas as entrevistas gravadas, esta foi a que teve menor duração. Foi também aquela em que senti mais falta de um roteiro mais estruturado de perguntas, uma vez que os silêncios entre uma questão e outra ocorreram algumas vezes. Ou porque Gabriel não alimentou com muitos detalhes as respostas oferecidas – não abrindo assim a possibilidade de assuntos imprevistos ou narrativas espontâneas – ou porque eu não estava preparado para uma “entrevista delicada”, uma sensação de “desafio não cumprido” visitou-me durante os momentos de reflexão posteriores ao encontro. Em meu diário de pesquisa cheguei a anotar a seguinte reflexão: *Difícil a entrevista... Ainda não tenho condições de chegar a uma conclusão. Tento não me culpar demais lembrando que, pelo menos, estou no exercício*³⁹.

Leandro: *Gravando. Então tá, eh, Hélio, vamos tentar, vamos fingir que ele não tá aqui, tá? Daqui a pouco a gente esquece que ele tá aqui. Ele é o gravador (os dois riem). Você vai esquecer dele também* (referindo-se à presença do namorado que, após dois minutos de entrevista, preferiu se retirar).

³⁹ Registro feito no mesmo dia da entrevista durante a viagem de retorno à casa. Conforme dito no capítulo de metodologia, a presente tese é também uma tentativa de releitura de aspectos ainda tão essencialistas que comparecem em minhas crenças. Estou apostando “na fluidez e nos entrespaços como um modo privilegiado de construção de conhecimento sobre a vida

Não trago completamente o desenvolvimento dos conflitos de natureza *psi* que se envolvem nessa minha reflexão. Tampouco me detenho a pensar se foi por causa do meu preâmbulo que Gabriel não colaborou com muitas narrativas. Estou mais atento e interessado em como, desde o início da entrevista, o encontro foi delicado, em como o sentimento de estar “entre iguais” com Gabriel foi diferente daquele que se estabeleceu com Rafael e Hélio. Obviamente lembrei da manhã em que estive com Ana para gravar sua entrevista. Os conflitos, conforme disse no capítulo metodológico, reapareceram. Prossigo com a análise para mostrar como se pode olhar esses conflitos com potência. Mas não apenas de conflitos e distanciamentos ficou envolvido meu encontro com Gabriel. Também houve momentos em que demos as mãos (literalmente como se verá).

Sequência 18 – “apesar de ser gay eu sou uma pessoa caseira”

1 **Leandro** gabriel me conta um pouquinho então como é
 2 que foi a: eh: você é você é um indivíduo
 3 que se constrói como gay
 4 **Gabriel** u::[hum:
 5 **Leandro** [tô certo?
 6 **Gabriel** sim=
 7 **Leandro** =sim como é que foi isso na no contexto
 8 da sua família? ... como é que isso se
 9 deu, se se isso é uma coisa que: eh: sobre
 10 a qual vocês conversaram em algum
 11 momen:to? ãh me conta um pouco como é que
 12 é isso
 13 **Gabriel** não: assim minha mãe e meu pai já
 14 desconfia:vam que eu era ... >que eu era
 15 gay< mas a gente fala mui:to pou:co sobre
 16 i::sso: ... eh: eu: prefiro deixar as
 17 coisas rolarem naturalmente eu também sou
 18 uma pessoa apesar de ser gay eu sou uma
 19 pessoa caseira não gosto de sair não gosto
 20 de badalar tenho:: tenho consciência dos
 21 digamos ... <ris:cos> que eu posso correr:
 22 no <me::io> entendeu?=
 23 **Leandro** =humhum=
 24 **Gabriel** =não tô
 25 dizendo que ... nós gays todos os gays se-
 26 são >hor^ríveis promíscuos< et cetera e tal
 27 mas >não é da minha natureza< n:: sou
 28 muito bala- não sei >nunca fui uma pessoa
 29 baladeira nunca fui uma pessoa:< ... eh:

contemporânea” (Fabrício, 2008, p. 62). Ao final do percurso, procuro visibilizar de que maneira me vi atingido por esse exercício de desaprendizagem.

30 ... digamos ... >eu sou uma pessoa muito
 31 caseira então eu gosto de ficar em casa<
 32 ... não sou uma pessoa que gosta de ficar:
 33 **Leandro** °entendi entendi°

Após algumas descrições sobre seu ciclo familiar e um pouco da história que fez com que a família saísse do estado de São Paulo para estabelecer-se na cidade do interior do Rio de Janeiro em que estávamos, inicio um tópico diretamente relacionado à identidade de homossexualidade de Gabriel. Como se vê entre as linhas 1 e 2 da sequência acima, ao que parece, minha questão se endereçava à elicitación de uma narrativa, possivelmente a uma narrativa de saída do armário (“me conta um pouquinho então como é que foi”). Eu interrompo a formulação do pedido de uma narrativa, na linha 2, para fazer uma confirmação a respeito da identidade de sexualidade do participante. Ação performativa não constante nas duas outras entrevistas, essa confirmação parece-me importante de ser comentada. É possível perceber, em diálogo com as considerações que fiz sobre a Sequência 17, que estou criando condições mais favoráveis a um encontro pouco marcado por ameaças às faces diretamente envolvidas, a minha e a de Gabriel. Mesmo já tendo explicitado que a temática era relacionada a gênero e sexualidade e, conforme disse ao início da seção, ele já tendo se autoidentificado como um indivíduo gay durante uma aula há alguns anos, sinto a necessidade de confirmar essa informação. Quero estabelecer com Gabriel relações de proximidade, ressaltando mais as nossas igualdades que as nossas diferenças. Quero fazer – não obstante todos os conflitos que me acompanham – de nossa entrevista um encontro “entre iguais”. Após a confirmação de Gabriel, sigo adiante para retomar o pedido de uma narrativa que fora interrompido.

Entre as linhas 7 e 12, não foi a narrativa de saída de armário que pedi que o participante contasse exatamente. Dei destaque, em minha colocação, à forma como a homossexualidade dele era percebida em seu contexto familiar. Nesse sentido, aponto ao interrogativo “como” que inicia minha pergunta entre as linhas 7 e 8. A pausa que acontece após a pergunta parece indicar que a questão não foi aceita pelo participante. Se pensamos na ideia de par adjacente apresentada por Sacks no âmbito da Análise da Conversa – “elocuições que se organizam sequencialmente aos pares, formando assim uma unidade” (Loder et alli, 2008, p.

44), tais como pergunta-resposta, convite-aceitação/recusa –, pode-se dizer que aqui, a segunda parte esperada do par não foi elaborada por Gabriel. Em vista disso, detalho meu questionamento, entre as linhas 8 e 12, apresentando caminhos para que ele desenvolva a resposta.

A resposta de Gabriel é bastante indicativa da linha que toma ao longo do encontro. Nosso trabalho de face está sendo elaborado em relação à sua preferência de “deixar as coisas rolarem naturalmente” (linhas 16 e 17). Essa ideia será retomada por Gabriel em outros momentos trazidos à análise. Em todos, o participante vai construindo uma relação de pouca importância em relação a problematizações mais agudas sobre sua sexualidade como, por exemplo, ocorreu quando falamos de conflitos ou de violências inspiradas por preconceitos. Era como se, nesses momentos, Gabriel estivesse me dizendo: *deixa isso pra lá*. Reparemos como ele esvazia o conteúdo da minha pergunta quando diz “a gente fala muito pouco sobre isso” (linhas 15 e 16). Após uma pausa e duas hesitações (linha 16), a sua preferência por não problematizar sua sexualidade – interpretação que faço da expressão “rolarem naturalmente” (linha 17) – é colocada. A partir daí, Gabriel já não fala sobre sua família, dando lugar a uma apresentação de como se percebe em relação a um paradigma normativo de construção das homossexualidades.

Em relação a um repertório global que simboliza os homossexuais como “horríveis” e “promíscuos” (vocábulos presentes na linha 26), Gabriel cria distanciamentos a partir da sua autodesignação como “uma pessoa muito caseira” (linhas 30 e 31). Ele inicia essa argumentação ao final da linha 17. É com a concessiva “apesar de ser gay” (linha 18) que o participante abre espaço – já não mais falando sobre sua família – para a construção de sua homossexualidade: um rapaz gay, caseiro, consciente e pouco íntimo dos espaços de sociabilidade gay (ideia capturada pela palavra “meio” na linha 22). A partir disso, podemos ter acesso a sentidos que norteiam a compreensão que Gabriel traz à entrevista sobre visões hegemônicas de homossexualidade. A sua construção concessiva já indicada nos sinaliza que, para ele, a expectativa macrossocial é a de que homossexuais sejam o oposto dos sentidos que ele localmente performa. Ele faz uma ressalva quanto à sua visão ser entendida de forma a diminuir a moralidade e a reputação de “nós gays, todos os gays” (linha 25). Isso se mostrou necessário

porque antes Gabriel mencionou riscos (linha 21) que poderia correr caso se aventurasse em vivências no “meio”. Trago a ideia de aventura ao texto por enxergar nas pistas prosódicas perceptíveis entre as linhas 20 e 22 a construção de um tom de mistério e de segredo compartilhado. Destaco nesse sentido a pausa após a palavra “digamos”, que funciona como um marcador discursivo de formulação de ideia, os alongamentos e também a desaceleração da fala ao dizer as palavras “riscos” e “meio”. Logo após isso, Gabriel faz a ressalva mencionada aparentemente para não cristalizar sentidos minorizadores das homossexualidades que se aventuram e correm riscos no “meio”.

Movimento o foco de minha lente analítica e chamo a atenção para como é uma iniciativa interacional de Gabriel o estabelecimento, nessa sequência, de uma simetria identitária. É bastante saliente a esse respeito a expressão “nós gays” que aparece na linha 25. Como estamos “entre iguais”, qualquer generalização referida a homossexuais corre o risco de exigir de nós estratégias de salvamento de face. Isto é, ao arquitetar discursivamente espaços de sociabilidade gay como arriscados – em movimento discursivo similar a participantes da pesquisa de Miskolci (2013b, 2012, 2009) –, eu poderia sentir-me incluído no grupo daqueles que frequentam tais espaços. Gabriel salva a sua face como alguém que pune homossexuais e também a minha, como possível frequentador dos riscos do “meio”. A interação não se abala e, ao final, expresso meu entendimento a respeito do que foi dito.

Sequência 19 – “eu não tenho memórias boas disso”

- | | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Leandro | eh tem um momento da: da nossa vida né, |
| 2 | | dos indivíduos gays, que em geral, a gente |
| 3 | | chama eh a gente usa uma expressão que |
| 4 | | >você obviamente deve conhecer< chamada |
| 5 | | saída do armário |
| 6 | Gabriel | sim= |
| 7 | Leandro | =né, tem um momento em que a gente faz |
| 8 | | isso pr' a gente mesmo e tem um tem <u>alguns</u> |
| 9 | | momentos da nossa vida em que a gente faz |
| 10 | | isso em alguns lugares, por exemplo, pros |
| 11 | | nossos pais, dentro do do ambiente de |
| 12 | | traba:lho, dentro do: do local onde a |
| 13 | | gente estu:da e tudo mais, quando quando é |
| 14 | | que isso aconteceu com você, quando é que |
| 15 | | você eh saiu do armário pra você mesmo? |
| 16 | Gabriel | ah: pra mim isso foi no: final dos anos |

17 noventa [()
18 **Leandro** [você consegue lembrar como foi
19 isso? se houve alguma coisa...
20 **Gabriel** ↑não [↑não ↑não n::
21 **Leandro** [você tem memória disso ou não?=
22 **Gabriel** =<não>,
23 não >não tenho, não tenho< ... memórias
24 >pra falar a verdade< eu não tenho
25 memórias bo::as disso, ma:s:
26 **Leandro** humhum
27 **Gabriel** ↑enfim
28 **Leandro** você não tem memórias boas?
29 **Gabriel** não
30 **Leandro** não ... são coisas ... são=
31 **Gabriel** =são [coisas
32 meio chatas
33 **Leandro** [memórias
34 desagradáveis
35 **Gabriel** memórias desagradáveis
36 **Leandro** cê quer ... cê se importa de falar sobre
37 elas?
38 **Gabriel** hum: pra falar a verdade: eu me importo
39 [n::
40 **Leandro** [tá
41 **Gabriel** um a↑ssunto chato, não gosto de
42 **Leandro** entendi
43 **Gabriel** ficar falando nisso
44 **Leandro** humhum e como e: como quando >fo- isso e<
45 com os seus pais houve um momento em que
46 isso: eh em que você saiu do armário pra
47 eles? você falou que a coisa com eles,
48 vocês não tematizam muito i:sso, não
49 conversam mui:to, mas houve um momento em
50 que você ... ah vou usar uma expressão
51 feia, eu acho feia que é assim, que você
52 foi descoberto, que você foi ... ah que
53 eles descobriram, tiveram certeza [que
54 **Gabriel** [foi
55 nessa mesma época
56 **Leandro** foi nessa mesma época
57 **Gabriel** °foi nessa mesma época°
58 **Leandro** desse, desse acontecimento não muito ...
59 não muito legal
60 **Gabriel** é
61 **Leandro** °né, entendi°, eh por que que você foi,
62 por que que você pensou em estudar turismo
63 no [nome da instituição], gabriel?

Este teria sido outro momento mais narrativo da entrevista que realizei com Gabriel. Da mesma forma que ocorreu com os demais participantes, os primeiros minutos da entrevista se organizam de maneira mais descritiva com a inserção de pequenas frases narrativas em meio às descrições (de si, da família

etc.). É no momento em que pergunto sobre a saída de armário que uma narrativa mais completa começa a se construir. Com Gabriel, como se pôde perceber, não ocorreu assim. Após uma explanação sobre o que gostaria de saber sobre ele, realizada entre as linhas 1 e 15 da sequência, o participante inicia um movimento narrativo apontando uma orientação (linhas 16 e 17) sobre uma história de *coming out*, a saída de armário para si mesmo⁴⁰. A orientação, que poderia ter funcionado como um prefácio de uma narrativa maior, não cumpre tal função, uma vez que, como se vê, após algumas incitações que faço à história, Gabriel, eufemisticamente, se nega a contar o episódio (“eu não tenho memórias boas disso” – linhas 24 e 25). Mais adiante, após algumas trocas de turno, o participante, agora de forma mais direta e explícita, diz que não está disposto a compartilhar a história (linhas 38 e 39).

Ainda empenhado na tarefa de elicitare narrativas, indago Gabriel sobre outro momento de sua vida em que performou uma saída do armário. Entre as linhas 44 e 53, faço nova explanação sobre outro momento comum das narrativas de indivíduos que se constroem como gays, a “revelação” para os pais. Gabriel interrompe minha fala remetendo esse episódio ao mesmo momento daquele que teria sido narrado anteriormente (linha 54). Ciente da impossibilidade de ouvir a história de Gabriel, na linha 61, mudo completamente de tópico, possivelmente numa tentativa de não perder o envolvimento com o participante⁴¹, questão analisada mais adiante.

Os dados evidenciam a delicadeza presente na interação. Se por um lado, os dados não me permitem analisar a lâmina narrativa, são algumas as considerações que se podem fazer a respeito da lâmina interacional, atentando para o trabalho de face no qual Gabriel e eu nos engajamos. Diferentemente de como ocorreu com os outros dois participantes, na interação com Gabriel, nossas performances construíram uma sequência que se aproxima daquelas que, nos

⁴⁰ Interpreto esta expressão que utilizei como fazendo referência ao momento em que o participante iniciou seu processo performativo de construção de suas identidades de sexualidade. Certamente, “sair do armário para si mesmo” não é a melhor maneira de se referir a isso se o parâmetro teórico é o das identidades enquanto performances. Coloco assim as palavras para aproximar-se da construção que realizei na entrevista.

⁴¹ Importa dizer aqui que essa sequência, que dura aproximadamente dois minutos, acontece quando estamos conversando há apenas sete minutos.

termos de Ostermann e Rosa (2012), tratam de temas delicados. Sair do armário, numa conversa entre dois indivíduos que se autoidentificam como homossexuais, não parece compor, aprioristicamente, “tópicos moralmente implicativos e que podem ser acionados como delicados na interação” (2012, p. 48). Contudo, localmente, a depender dos fatores interacionais em jogo, o tópico pode causar desconfortos e manobras de salvamento e preservação de face.

Início por mim. Minha explicação inicial sobre o que é sair do armário não me passa despercebida. Mesmo com a confirmação de Gabriel de que ele sabia o que significava a expressão (linha 6), não interrompo minhas observações sobre o que é e como, em geral, se faz um *coming out*. Entre outras interpretações mais impressionistas que se poderiam fazer sobre essa minha participação, ressalto a minha preocupação, enquanto pesquisador, de que Gabriel tratasse narrativamente o sair do armário não como um evento pontual, mas sim como um processo contínuo e sempre em execução em vidas não-normativas, observação já realizada em vários momentos da presente tese. Apesar de a primeira pergunta da sequência ser direcionada a um momento específico (linhas 14 e 15), minha explanação razoavelmente longa direcionou a fala do participante a mais de um momento em que tematizou publicamente sua homossexualidade. Conforme já dito nos parágrafos anteriores, não houve ocorrência de narrativas. Observemos mais atentamente o trabalho interacional que Gabriel e eu realizamos para passar por esse momento da entrevista.

Iniciemos pela primeira intervenção. Minha explicação sobre o que é sair do armário não quer desconsiderar o conhecimento de mundo que Gabriel supostamente tem sobre o assunto. Reparemos, nesse sentido, no aparte que faço na linha 4, alinhando-me horizontalmente ao participante. O “você obviamente conhece” me aproxima de Gabriel enquanto alguém que compartilha o assunto de que estamos tratando. Leio essa intervenção como uma estratégia de envolvimento (Tannen, 1989). Quero promover entre nós um ambiente no qual lidemos discursivamente como pessoas que partilham conhecimentos comuns e, ao mesmo tempo, sentem-se próximas enquanto sujeitos sociais. Sobre esse último aspecto presente na interação, atento para minha colocação “da nossa vida, né, dos indivíduos gays” (linhas 1 e 2). Mesmo ciente das várias experiências que possivelmente singularizam nossas vivências, estou aqui – e também em outros

momentos da entrevista, como mostro na análise de outras sequências – ressaltando nossa aproximação, aquilo que nos torna membros de um mesmo grupo ou, nas palavras de Goffman, atentando para a noção de estigma, “o agregado formado pelos companheiros de sofrimento do indivíduo” ([1963], 2008, p. 123). Isto é, meu trabalho é para que estejamos os dois “entre iguais”.

Minha estratégia de envolvimento não surte efeito. Na linha 20, Gabriel anuncia sua não disposição a compartilhar suas memórias. Nas linhas 24 e 25, sabemos o motivo que leva Gabriel a evitar rememorar os eventos que me interessam como pesquisador. A avaliação negativa que faz desses eventos (“eu não tenho memórias boas disso”) o faz silenciar as histórias. A mesma coisa acontece quando, após nova tentativa de elicitación, Gabriel prefere não narrar os momentos em que saiu do armário para seus pais (linhas 54 a 60). Não desatento para minha performance nesse momento. Em turno novamente longo (linhas 44 a 53), tento envolver o participante na entrevista, possivelmente na expectativa de que ele me interrompa e conte sobre outro momento menos traumático em sua trajetória de vida. Não sou bem sucedido nessa tarefa, já que Gabriel informa que temporalmente os dois eventos – a saída de armário para si mesmo e para os pais – se coadunam. Chamo a atenção para a minha performance na linha 51, quando avalio negativamente a expressão “ser descoberto”. Pareço não somente querer distanciar-me de entendimentos essencialistas sobre a homossexualidade – qual seja, que ela é uma informação guardada num indivíduo e que precisa ser revelada pelas pessoas – mas também, mais uma vez, criar um ambiente amistoso com Gabriel. Talvez entendendo que perguntar diretamente sobre o momento em que os pais descobriram que ele era gay poderia ser um abuso de diretividade, prefiro suavizar o uso da expressão adiantando que ela não me é agradável. Definitivamente, quero fazer da entrevista um momento descontraído e confortável para o participante. Ciente de que meus objetivos não foram alcançados e temendo perder o envolvimento com o participante, mudo completamente de tópico e introduzo, no turno final da sequência, uma pergunta sobre sua escolha profissional.

Gabriel e eu estamos negociando a manutenção da entrevista em andamento. De sua parte, para que a entrevista prossiga sem que coloque sua face em ameaça, o participante prefere não contar as histórias que supostamente vão

colocá-lo sob uma luz menos favorável. As narrativas aqui, diferentemente do que outros trabalhos apresentam, poderiam criar um ambiente pouco favorecedor de um valor social positivo (Goffman, [1967] 1980). Se em alguns encontros narrar pode ser uma estratégia para reconstruir efeitos ameaçadores de uma tal face em questão (cf. Biar, 2012), em minha interação com Gabriel, sua presença, ao que parece, poderia construir um evento “cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face” (Goffman, [1967] 1980, p. 82). Enquanto isso, interessado na manutenção da conversa e comprometido com “um certo esforço de (...) salvar os sentimentos e a face de outros presentes” (Goffman, [1967] 1980, p. 81), valho-me da mudança de tópico como estratégia de preservação do equilíbrio interacional que se mostrou sensivelmente propício a sofrer alterações. Percebamos como, ao longo da sequência, o ritmo da interação foi se perdendo e o envolvimento entre nós dois se viu diminuído: Gabriel produz turnos muito curtos com respostas muito assertivas às minhas questões (linha 29, linha 60), e nós repetimos, algumas vezes, as mesmas palavras preenchendo turnos sequencialmente (linhas 33 a 35, linhas 54 a 57). Falar sobre outro assunto, neste momento da entrevista, mostrou-se inevitável. Não será somente essa a minha tentativa de conhecer a histórias de Gabriel a respeito de suas performances de *coming out*, como se verá mais adiante.

Sequência 20 – “simplesmente deixo pra lá”

1 **Leandro** você disse que esse incômodo tinha a ver
2 com a sua maneira de ser né com o seu
3 jeito de ser=
4 **Gabriel** =°humhum°=
5 **Leandro** =a questão da
6 sexualidade eh: é uma: é uma: eh: é um
7 elemento que faz parte desse ... eh:
8 disso?
9 **Gabriel** em um ponto sim=
10 **Leandro** =humhum ... você pode me
11 contar: alguma: ... alguma coisa:
12 **Gabriel** digo as- como assim?
13 **Leandro** ah é por exemplo você pode lembrar de
14 algum >você não precisa citar nomes< não
15 precis- que até porque a gente deve ...
16 ah: se você a gente vai conhecer as
17 mesmas pessoas se você tá falando de um
18 lugar hh [do qual eu também participei
19 **Gabriel** [não: assim no ((nome da
20 instituição)) eu nunca sofri piadinha por

21 [causa da minha sexualida:de °nunca°
 22 **Leandro** [ah então isso nunca se você nunca
 23 percebeu isso
 24 **Gabriel** não nunca percebi e também ... ah também
 25 nunca pe- nunca: ... pra falar a verdade
 26 nunca sofreu piadinha então ((o
 27 participante bate as mãos)) por causa
 28 disso então
 29 **Leandro** bom então vou tocar: vou: falar desse
 30 ponto você falou que nunca sofreu
 31 piadinha né?=
 32 **Gabriel** =nunca=
 33 **Leandro** =eh as pessoas em geral
 34 usam a palavra: ... homofobia pra isso
 35 né?=
 36 **Gabriel** =exato=
 37 **Leandro** =eh você nunca se sentiu: ... eh
 38 [eh:
 39 **Gabriel** [vítima de homofobia lá? ... [não
 40 **Leandro** [em algum
 41 lugar?
 42 **Gabriel** <no ((nome da instituição))> não em algum
 43 vários luga:res e tudo mais só que: ...
 44 como eu disse eu ... simplesmente deixo
 45 pra lá=
 46 **Leandro** =aham=
 47 **Gabriel** =igno:ro pens- eu às vezes me
 48 dá raiva me dá raiva () mas depois eu
 49 penso que não vale a pena perder coisas
 50 por coisas pequenas [e:
 51 **Leandro** [aham ... na escola
 52 você ti- na escola do ensino mé:dio do
 53 >ensino fundamental< você tinha um
 54 sentimento: cê ti- cê sentia esse
 55 incômodo também?=
 56 **Gabriel** =↑eu era muito
 57 ridicularizado na: na época [da: do
 58 **Leandro** [aperta a mão
 59 ((eu estendo a mão para o participante))
 60 porque somos dois [hh
 61 **Gabriel** [hhhh na época da: do
 62 ensino médio mas ao longo do tempo eu era
 63 mais no ensino fundamental no ensino
 64 médio não era tanto
 65 **Leandro** aham
 66 **Gabriel** ↑ai:: ... foi foi foi fui levando ...
 67 como eu digo só sofria isso muito no
 68 ensino fundamental mas depois:
 69 **Leandro** isso vinha de de outros colegas ou vinha
 70 ou também de professores?
 71 **Gabriel** não de outros colegas mesmo é tudo
 72 birrinha de
 73 **Leandro** de criança hh
 74 **Gabriel** criança de adolescente mas no ensino
 75 médio e no agora no ((nome da

A Sequência 20 tem relação temática com o tópico sobre o qual Gabriel e eu conversávamos alguns minutos antes daquele que gerou a transcrição presente. Falávamos sobre como era sua vivência no contexto da instituição de ensino superior onde atuamos como professor e aluno. Perguntei-lhe se, de algum modo, se sentia diferente e/ou percebia que as pessoas o viam como alguém diferente da maioria. Gabriel mencionou alguns incômodos pontuais sem muitas especificações ao que se referia exatamente. Na sequência acima estamos conversando sobre esses incômodos.

No turno iniciado na linha 5, focalizo meu interesse por esses incômodos no que se refere às performances de sexualidade de Gabriel. Sua resposta, na linha 9, assinala a sexualidade como uma questão parcialmente relevante para os incômodos que sentia no contexto da instituição. Nas linhas 10 e 11, atento ao meu interesse por narrativas, peço que o participante me conte “alguma coisa” (linha 11) possivelmente me referindo a alguma situação pela qual tenha passado em que as suas performances de sexualidade estivessem relacionadas a algum dos incômodos mencionados.

Apesar da negativa de Gabriel, ocorrida minutos antes, em contribuir com uma narrativa, insisto, agora falando sobre outro contexto que não o familiar, em pedir-lhe uma história. O questionamento que o participante faz na linha 12 precisa ser analisado também levando em conta o silêncio narrativo ocorrido anteriormente. Na presente sequência, que também não apresenta narrativas de Gabriel, essa intervenção funciona mais como uma confirmação do pedido do que propriamente como uma negação do contar. Ele parece não haver entendido o que lhe havia solicitado nas linhas 10 e 11 (as pausas, os alongamentos e o uso da expressão generalista “alguma coisa” contribuem para uma certa vagueza contida em meu pedido). Mesmo sendo essa a interpretação mais próxima da materialidade dos dados, não desconsidero que pode haver aqui, em continuidade à não disposição em contar histórias vista na Sequência 19, o início do segundo silenciamento narrativo, que se concretizará algumas linhas depois.

Minha intervenção entre as linhas 13 e 18 não respondem exatamente à suposta imprecisão manifestada por Gabriel. Minha estratégia de mencionar um

tipo de situação como exemplo é interrompida por avisos de um tom ético referente à não necessidade da menção a nomes, uma vez que possivelmente ambos conhecemos as pessoas que seriam citadas. O aviso ético é uma interrupção que também quer colaborar com a minha intenção de que Gabriel atenda ao meu pedido por narrativas. O anonimato dos personagens aparenta querer funcionar como uma motivação de segurança para o participante. Em sobreposição à minha fala, na linha 19, o participante abre sua negativa narrativa enfaticamente. A descrição do espaço institucional como aquele em que nunca houve situações incômodas relacionadas à sexualidade (“eu nunca sofri piadinha por causa da minha sexualidade” – linhas 20 e 21) impossibilita que narrativas sejam contadas. Na coerência que se está estabelecendo na entrevista, os incômodos que “em um ponto” (linha 9) se relacionam à sexualidade não se referem a violências que Gabriel tenha sofrido, conforme eu pareço prever ao pedir uma história. O incômodo relativo à sexualidade possivelmente funciona de maneira menos direta e pontual nas vivências de Gabriel dentro daquele espaço. Ou seja, o fato de ele nunca ter sofrido piadinhas não significa que a instituição não respire, de algum modo, ares heteronormativos, isto é, “um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade “natural” e legítima de expressão” (Junqueira, 2012, p. 281)⁴². Mesmo mostrando-se na entrevista como alguém não tocado por violências discursivas diretas, Gabriel reconhece o espaço institucional como incômodo. A ausência das narrativas pode apontar para a construção de um cenário que, ainda que gere desconfortos, seja menos violento em relação às homossexualidades. Algumas linhas após a negativa de Gabriel, levo à entrevista a noção de homofobia (linhas 33 a 35), violência inexistente na

⁴² Julgo pertinente trazer ao texto um dado referente ao contexto sobre o qual estamos conversando. A instituição a que estamos fazendo referência, já brevemente apresentada no capítulo metodológico, construiu grande parte de sua história com o desenvolvimento de cursos nas áreas técnicas (Eletrônica, Mecânica, por exemplo) e também com cursos superiores nas diversas engenharias. Como se sabe, a quantidade de homens nesses cursos é bem mais expressiva que a de mulheres. E é assim que acontece nessa instituição. Como decorrência disso – e aqui tomo a liberdade de relatar conclusões de minhas observações puramente empíricas – uma lógica heteronormativa, que iguala masculinidade e heterossexualidade, impera nas relações estabelecidas nesse contexto. Como exemplos, cito as constantes insinuações ouvidas a respeito dos cursos “cor de rosa” existentes na instituição (os cursos técnicos de Turismo e Enfermagem), as frequentes piadas de cunho machista e homofóbico que se fazem nas reuniões entre os dirigentes, em sua maioria homens, e as provocações em tom burlesco que se fazem às meninas que resolvem entrar na esfera “masculina” de cursos como o de Edificações e Automobilística.

arquitetura discursiva que o participante está construindo. O espaço no qual convivemos durante alguns anos como professor e aluno, apesar de incômodo em algum aspecto, não foi palco de histórias reportáveis na vida de Gabriel.

Antes de seguir, um aparte sobre meu comportamento na entrevista com Gabriel é importante. Algo parecido com o que ocorreu com Rafael se reproduz aqui. Na entrevista com o primeiro participante trazido à análise, uma expectativa minha de que fossem contadas histórias que demonstrassem grande extraordinariedade avaliativa em relação às performances de sexualidade esteve constantemente presente. Tal expectativa não se concretizou na maioria das histórias de Rafael que, conforme vimos, normalizou grande parte de suas performances não as tornando tão espetaculares. Aqui, mais uma vez, vejo uma expectativa minha se frustrar. Além do fato de não terem sido contadas muitas histórias, age em minhas perguntas e direcionamentos como entrevistador uma crença de que haverá necessariamente narrativas de sofrimento e de violência na construção da história de vida de Gabriel. Não são percebidos movimentos meus em busca de histórias felizes nas quais se ressaltassem não os incômodos, mas talvez os diálogos estabelecidos ou os afetos construídos. O olhar analítico que agora realizo mostra-me como agi movido pelos macrodiscursos de vitimização das homossexualidades. De forma alguma quero negar as inúmeras situações nas quais os homossexuais são vítimas das violências sociais. O que trago à problematização é como, em minhas crenças ao longo dessa entrevista, somente essa semântica parece ter operado.

Perseguindo o discurso de Gabriel em busca de momentos nos quais sua homossexualidade se apresente de maneira mais relatável, nas linhas 40 e 41, abro espaço para que o participante conte algum caso de homofobia que tenha vivido em outro lugar que não a instituição de ensino superior. Gabriel frisa que esse não é um cenário de histórias de homofobia (linha 42) e se refere a “vários lugares” nos quais já vivenciou a violência. Antes de rapidamente mencionar um desses lugares, Gabriel retoma a construção de sua linha argumentativa, aquela que diz – aqui literalmente – *deixa isso pra lá*. O silenciamento narrativo aqui é realizado não por uma negativa explícita, mas por uma pouca importância que se dá aos supostos fatos a partir dos quais as narrativas seriam contadas. A estratégia discursiva de Gabriel é aqui o esvaziamento dos fatos (“simplesmente deixo pra

lá” – linhas 44 e 45; “não vale a pena perder coisas por coisas pequenas” – linhas 49 e 50). Uma vez vazios de importância tais fatos não são tornados reportáveis a ponto de serem recontextualizados na entrevista através de uma história.

Mas eu insisto. Recorto dos repertórios globais, um contexto a partir do qual possivelmente Gabriel possa construir uma história que me interesse: a escola (linhas 51 e 55). A resposta do participante nas linhas 56 e 57 aponta para uma possibilidade narrativa, e também para uma repetição discursiva da escola como um espaço pouco aprazível para as dissidências sexuais (Louro, 2001; Junqueira, 2012; Bortolini, 2012 entre outros). Gabriel constrói a escola como um *locus* de violência simbólica (“eu era muito ridicularizado” – linhas 56 e 57). Apesar disso, ainda não será nesse momento que conheceremos com mais detalhes as histórias que Gabriel tem a contar. Ainda que sua escolha lexical – a expressão “muito ridicularizado” – tenha valorizado a potencialidade da escola como um espaço de violências, até o final da sequência, o participante vai novamente esvaziando a reportabilidade dos fatos. Vemos isso, por exemplo, no turno iniciado na linha 66 (“fui levando”; “sofria isso muito no ensino fundamental mas depois”) e na expressão “tudo birrinha” nas linhas 71 e 72. Ainda tento, mais uma vez, nas linhas 69 e 70, chegar a alguns personagens potenciais das histórias, mas não alcanço meu objetivo.

Essa minha insistência poderia ter causado desequilíbrios interacionais flagrantes na entrevista. Mesmo que isso não tenha ocorrido de forma muito explícita – com exceção a alguns segundos de silêncio entre uma pergunta e outra e a necessidade de mudanças repentinas de tópico – não se pode dizer que Gabriel e eu estamos lidando tranquilamente com nossas performances de entrevistado e entrevistador. Como interagentes da cena da entrevista, muito possivelmente essa não correspondência aos meus pedidos foi notada por nós ao longo do encontro: perguntas vistas como inconvenientes ou desinteressantes, respostas percebidas como vagas e não colaborativas são algumas das interpretações que se poderiam imputar à nossa interação. Como não posso afirmar tais análises, atendo-me ao que os dados mostram mais evidentemente. Há uma sequência de pares adjacentes pergunta-resposta e uma série de respostas negativas. Essa série de pares adjacentes com a segunda parte sendo respostas negativas mostra que estamos vivendo um momento difícil, delicado na entrevista. Há um constrangimento em

jogo. Mantenho minha lente analítica focada na lâmina interacional, mais especificamente nos turnos transcritos entre as linhas 56 e 61.

A inclusão da informação sobre as ridicularizações que sofreu durante os anos escolares é uma ameaça à face de Gabriel. Diante dos movimentos de silenciamento e esvaziamento de reportabilidade realizados anteriormente, nesse momento a luz favorável que rege o trabalho de face interacional perde sua intensidade. Atento a isso, ajo discursivamente para que Gabriel não se mantenha sob luz desfavorável e alinhamento a ele. Tal alinhamento não se dá por uma estratégia de evitação ou de correção, mas por uma cooperação de outra ordem, aquela típica dos encontros “entre iguais”. Essa identidade construída entre nós dois tem por elo a homossexualidade, tratada como estigma que leva a ridicularizações. Mostro a Gabriel que ali sou um daqueles “que compartilham seu estigma e, em virtude disto, são definidos e se definem como seus iguais” (Goffman, [1963] 2008, p. 37). Os risos conjuntos preenchem a interação de uma cumplicidade bastante importante para nosso envolvimento na entrevista. Se até esse momento os silêncios ocasionaram desequilíbrios, o nosso trabalho conjunto estabeleceu assimetrias notáveis. Destaco nesse sentido como a solidariedade expressa pelos risos e mais emblematicamente pelo aperto de mãos tornou-se mais relevante do que a violência mencionada que motivou nossa aproximação. Se consideramos os desafios pessoais que me acompanham nesse momento da entrevista, visualizo aqui minhas estratégias de criar mais igualdades do que diferenças com Gabriel. O estigma funcionou aqui como ponte. Por um momento, abortamos nossas diferenças e oferecemos/aceitamos o acolhimento um do outro.

Sequência 21 – “eu já cansei de mandar currículos pra um monte de gente”

- | | | |
|----|----------------|---|
| 1 | Leandro | e ainda no âmbito dos dos preconceitos |
| 2 | | gabriel a gente tá falando de homofobia |
| 3 | | <u>mas</u> eh: por conta da sua: <u>figura social</u> |
| 4 | | voc- pode ser que tenha alguma história |
| 5 | | de <u>outro</u> tipo de preconceito que são os |
| 6 | | preconceitos relacionados a:: ao racismo |
| 7 | | né? cê já c- cê tem memórias eh: de: |
| 8 | | experiências nesse sentido? |
| 9 | Gabriel | °pra falar a verdade não°= |
| 10 | Leandro | =não= |
| 11 | Gabriel | =não |
| 12 | Leandro | nem em ((nome da cidade))? porque eh ah |
| 13 | | há uma uma: uma: uma imagem que as |

14 pessoas fazem de ((nome da cidade)) que
 15 em ((nome da cidade)) todo mundo é branco
 16 de olhos azuis e tem sobrenomes alemães
 17 né? eh
 18 **Gabriel** alemães suíços
 19 **Leandro** exatamente aqui em ((nome da cidade))
 20 você sente alguma coisa: ah mal resolvida
 21 com relação a: a: ... a identidades
 22 ne:gras a: a questões ra[ciais
 23 **Gabriel** [sinceramente eu
 24 sinto
 25 **Leandro** sente?
 26 **Gabriel** sinto porque: ... eu acho que o campo de
 27 trabalho pro negro aqui acho que é bem
 28 mais complicado ↑eu ↑já cansei de mande-
 29 mandar currículos pra um mon↑te de gente
 30 e ninguém me chama eu ((o participante
 31 bate com as mãos))=
 32 **Leandro** =humhum
 33 **Gabriel** desencanei=
 34 **Leandro** =humhum

Nessa sequência, como se vê, estamos conversando sobre as performances de negritude de Gabriel ou, como a elas me refiro, na entrevista, sobre a sua “figura social” (linha 3). Consoante aos encaminhamentos que dei até esse momento do encontro, interesse-me por histórias de sofrimentos relacionadas às práticas identitárias de negritude do participante. Não me passa despercebida a forma indireta a que fiz referência às possíveis experiências de racismo de Gabriel. Entre as linhas 4 e 8, começo a tratar essa problemática com uma construção que não edifica uma ideia de certeza, mas do racismo como uma possibilidade na história de vida do participante – “pode ser que” (linha 4). A chegada a essa ideia é antecipada pelas construções “outro tipo de preconceito” (linha 5), “que são os preconceitos relacionados” (linhas 5 e 6) e pelo alongamento da preposição “a” (linha 6) antes da palavra “racismo”, também indicial do cuidado que tenho ao tratar dessa questão. Finalizo a pergunta pedindo histórias a partir da palavra “memórias” (linha 7). Cheguei ao momento da entrevista em que trato mais diretamente de um dos incômodos mencionados no capítulo metodológico. Gabriel e eu estamos “entre iguais” enquanto homens homossexuais (e esse sentimento de comunidade já foi explicitamente estabelecido na entrevista conforme mostrei na análise da sequência anterior), mas, nesse momento, resalto uma parte das muitas variáveis que nos diferencia e abala nosso senso comunitário. Conforme disse, ao me valer da expressão “entre

iguais”, estou ciente de que essa igualdade é sempre uma idealização de construção comunitária. Gabriel, Rafael, Hélio e eu, se juntos num encontro, estaríamos “entre iguais”, mas, ao mesmo tempo, falaríamos a partir de nossas experiências de vida, todas singulares e não idêntica à de nenhum outro “igual”. O que acontece nesse momento com Gabriel – que diferencia sua entrevista das outras duas – é o tratamento explícito e encaminhado (já que a negritude não foi tornada relevante pelo participante, mas sim colocada por mim em forma de pergunta diretamente a ela relacionada) que se dá a um dado que nos distancia, que particulariza nossas experiências sociais. Estou no desafio: conversar e agora analisar problemáticas que estão distantes das minhas próprias vivências sociais. Como disse, a companhia de Gabriel e nosso senso de comunidade, o que nos torna “iguais” de algum modo, me auxiliam nesse processo.

Gabriel responde à minha questão com um novo silenciamento narrativo. Entre as linhas 12 e 17, ofereço algumas orientações que possam funcionar como indutoras de alguma história relacionada mais exatamente à cidade em que estamos. Destaco, mais uma vez, como meu interesse está voltado a histórias de sofrimento que Gabriel tenha a contar. Diante das negativas, não abro outras possibilidades narrativas senão aquelas que destaquem vivências de preconceito. Na interpretação de Soares e Bastos (2009, p. 1), “experiências de sofrimento podem ser construídas como forças transformadoras nas trajetórias de vida dos indivíduos”. Talvez tenha sido com esse fim que a minha busca por narrativas que destacassem possíveis violências de sexualidade e de raça se manteve tão viva ao longo da entrevista. Ainda assim, o olhar analítico que agora empreendo me chama a atenção para como não abri caminhos de visibilidade a histórias sobre experiências felizes. Essa reflexão me faz pensar em por que Ana e Gabriel são participantes tão desafiantes para mim.

Na linha 20, a partir das orientações de um cenário possível para as narrativas que estou elicitando, encaminho nova pergunta a Gabriel. Reparemos como, nesse momento, a questão não está diretamente relacionada às suas experiências de vida ou memórias, mas a como, naquele cenário, são negociadas as relações com as negritudes. Em outras palavras, eu generalizo a problemática⁴³.

⁴³ O cuidado interacional está em jogo aqui também. Não deixo de comentar, nesse sentido, as minhas hesitações, alongamentos e pausa entre as linhas 19 e 22.

Gabriel, por sua vez, ao me responder, também inicia com indicações mais gerais sobre as relações etnicorraciais naquele espaço, destacando o mercado de trabalho como “complicado” para indivíduos que performam negritudes (“o campo de trabalho pro negro aqui acho que é bem complicado”). Após essa generalização, ele particulatiza a questão apresentando uma narrativa mínima que tem como ponto a sua dificuldade em conseguir um emprego. A história está composta de duas orações narrativas (“eu já cansei de mandar currículos pra um monte de gente” – linhas 28 e 29 e “ninguém me chama” – linha 30) e de uma coda. Essa parte final da história é incluída também por uma pista gestual. Iniciada com o pronome “eu” (linha 30), a coda se completa com o bater de mãos do participante e com o “desencanei” na linha 33. Saindo do breve mundo narrativo construído e retornando ao piso interacional, o participante mostra como *deixou pra lá* a sua dificuldade em conseguir um emprego na cidade. Eu finalizo a sequência assentindo à história de Gabriel com seguidos “humhum” (linhas 32 e 34).

A linha de Gabriel foi mais uma vez ratificada aqui. Diante da visibilização e problematização de sua sexualidade ou de cenas em que não somente suas performances de sexualidade mas também as de negritude são enredos de histórias que envolvem violências, sofrimentos e dificuldades, Gabriel *não fala muito sobre isso, deixa as coisas rolaem naturalmente, simplesmente deixa pra lá, desencana*. O lugar do silêncio narrativo na entrevista é central. É possível que não contar seja a forma que Gabriel encontra de não mostrar tanto sofrimento. Eu elicito narrativas que destaquem isso; ele alimenta a entrevista com performances interacionais que esvaziam a centralidade do sofrimento em sua história de vida. Percebo aqui uma forma de resistência. É possível ver o silêncio como uma estratégia de resistência, como um mecanismo interacional que diminui a potência dos estigmas em jogo. Mais adiante friso como percebo aqui uma coerência com discursos comuns do universo da “autoajuda” que privilegiam uma vivência pouco atenta ao sofrimento e mais privilegiadora das ideias de esperança e ânimo.

A interação segue na sequência abaixo.

Sequência 22 – “deixo a vida fluir naturalmente”

1 **Gabriel** tô penando pra conseguir um estágio então

2 ... tô:
3 **Leandro** você acha que isso se deve a: a a ao quê?
4 ... essa dificuldade que você tá tendo
5 **Gabriel** talvez ao meu jeito de ser ... talvez
6 esse meu jeito expansi::vo e comunicativo
7 de ser ... delica::do sensível
8 comunicativo delicado de ser ↑mas ((o
9 participante bate as mãos)) como eu disse
10 se eu for (beber) ... se eu tivesse que
11 se:: eu fosse morrer com tudo isso que
12 com todos esses pensamentos () se eu
13 fosse morrer encucando com tudo isso eu
14 já teria eu já estaria morto há muito
15 tempo então ... deixo a vida fluir
16 °naturalmente° eu sei que uma hora eu vou
17 conseguir
18 humhum
19 claro que eu não não posso ficar levando
20 a vida toda mas=
21 **Leandro** =claro=
22 **Gabriel** =eu sei que uma hora
23 eu vou conseguir ... [eu sempre tenho
24 **Leandro** [cê tá tentando ...
25 diga fala [fala
26 **Gabriel** [eu sempre tenho pensamento
27 posi- eu: sou uma pessoa que pensa
28 positivo sou realista mas eu também tenho
29 os meus momentos de ficar pensando
30 positivo porque: ser negativo ()

Gabriel ensaia retomar a narrativa sobre sua dificuldade de conseguir um emprego na cidade. Como requisito obrigatório para terminar seus estudos em Turismo, ele precisa concluir algumas horas de estágio em empresas do ramo. A sequência inicia com a construção da dificuldade que está enfrentando em relação a isso. Minha intervenção nas linhas 3 e 4 leva Gabriel a elaborar algumas avaliações sobre si mesmo como personagem da narrativa que está elaborando. Ele devota ao seu “jeito de ser” (linha 5) a dificuldade de encontrar uma colocação no universo profissional de sua área. As avaliações relacionadas e si mesmo são construídas com a enumeração de alguns adjetivos: “expansivo” (linha 6), “comunicativo” (linhas 6 e 8), “delicado” (linha 7) e “sensível” (linha 7). A escolha dessas palavras e os alongamentos presentes em “expansivo” e “delicado” me levam a interpretar que Gabriel está implicitamente se referindo às suas performances de homossexualidade como causas para sua dificuldade em conseguir um estágio. Essa é uma interpretação pautada em repertórios macrossociais que lidam com estereótipos de homossexualidade ligados à

delicadeza, à “afetação” e às desinibições. Não percebo, nesse momento da entrevista, referências à dificuldade anteriormente mencionada em relação às negritudes. Gabriel está sinalizando como performances que o distanciam das masculinidades hegemônicas podem dificultar seu ingresso no mundo profissional⁴⁴.

É resistindo às dificuldades que o participante dá continuidade ao tópico. Frente ao obstáculo, Gabriel deixa “a vida fluir naturalmente” (linhas 15 e 16). Na linha 10 ele constrói hipotéticas narrativas de sofrimento (“se eu tivesse que, se eu fosse morrer com tudo isso que, com todos esses pensamentos, seu eu fosse morrer encucando com tudo isso eu já teria, eu já estaria morto há muito tempo”) pelas quais não passa. Sua resistência na entrevista é diminuir a relevância dessas experiências de vida não se aprofundando em histórias que destaquem infortúnios. O participante se constrói como alguém preocupado com seu futuro (“claro que eu não posso ficar levando a vida toda”), mas dá destaque especial à sua esperança. O *deixa pra lá* entrevistado em vários momentos do encontro não conota, se pensamos na coerência que se está criando ao longo da entrevista, descompromisso ou pouco engajamento. Pelo contrário, Gabriel participa apagando estigmas e construindo-se como alguém que espera o sucesso, que resiste às dificuldades. É a isso que faço referência quando percebo aqui uma coerência com o discurso da “autoajuda”. Não quero dizer com isso, é claro, que Gabriel é um leitor assíduo desse tipo de literatura ou que evidencie afiliações ideológicas a essas tendências filosóficas. O que observo é um diálogo com esse macrodiscurso que, de algum modo, se precipita na entrevista: diante da dificuldade, a esperança e o ânimo precisam ser mais fortes. A homossexualidade não é uma barreira na vida de Gabriel porque, diante dos obstáculos da vida, sejam eles relacionadas à homossexualidade ou não, ele segue adiante *deixando pra lá* aquilo que pode lhe impingir sofrimento. Um sistema de coerência com a necessidade do bem-estar é uma possibilidade interpretativa aqui. E isso tem implicações na construção de sentidos para a homossexualidade.

⁴⁴ Os sentidos dos adjetivos estão sendo interpretados em conjunto aqui. Juntas as qualificações “comunicativo”, “expansivo”, “delicado” e “sensível” aparentam referir-se a performances de masculinidade não-hegemônicas.

Antes de seguir adiante, volto rapidamente a considerar a forma indireta de que se valeu para apresentar a homossexualidade como um complicador em sua trajetória. Os alongamentos nas palavras “expansivo” e “delicado” (linhas 6 e 7 respectivamente) criam, novamente, um ambiente de cumplicidade entre nós dois. É como se Gabriel me dissesse *Leandro, você sabe do que estou falando*. A não explicitação da homossexualidade parece funcionar como uma estratégia de apagamento do estigma e também como um indício de que, em alguma medida, Gabriel e eu estamos “entre iguais”.

Sequência 23 – “um resort gay lá na flórida foi o estopim”

1 **Leandro** ah você usa você tinha:: eh você tinha
 2 perfil no facebook não tinha?
 3 **Gabriel** Fechei
 4 **Leandro** por que que cê fechou?
 5 **Gabriel** ↑ah:: porque minha mãe: trabalha como
 6 cabeleireira ela v- me viu no facebook e
 7 eu tava curtindo algumas coisas
 8 relacionadas a <conteúdo LGBT> assim não
 9 nada e[rô:tico
 10 **Leandro** [ela ela tem face- ela tem
 11 face[book?
 12 **Gabriel** [ela tem facebook ... aí ela me viu
 13 ela fez um <escarcéu>
 14 **Leandro** ah::=
 15 **Gabriel** =achando que ... por estar curtindo
 16 ela: ... por ter curtido essas coisas
 17 podia influenciar: ah:: os clientes dela
 18 >já que< vê algo >sei lá< tipo algum
 19 filho de alguma cliente viu lá: que eu
 20 curtia: meus amigos tudo mais ... eh: eu
 21 acabei fechando tivemos um arranca-rabo
 22 acabei fechando=
 23 **Leandro** =humhum
 24 **Gabriel** atualmente eu tenho instagram mas eu
 25 também fico na minha
 26 **Leandro** °entendi entendi° ... você curtia lá era
 27 enfim coisas de:
 28 **Gabriel** por exemplo eu a o estopim foi um:a
 29 página ... de um resort ... lá na flórida
 30 **Leandro** ahã=
 31 **Gabriel** =foi o estopim do: [pra
 32 **Leandro** [um resort pra gays
 33 **Gabriel** um resort gay lá na flórida foi o estopim
 34 [pra:
 35 **Leandro** [hh
 36 **Gabriel** pra bomba estourar
 37 **Leandro** ahã
 38 **Gabriel** aí eu acabei ... ti- eu >tinha twitter

39 também acabei saindo do twitter< acabei
40 saindo do: facebook agora eu tenho o
41 instagram mas no intagram eu fico na
42 minha
43 **Leandro** humhum
44 **Gabriel** fica lá deixo:
45 **Leandro** humhum entendi ah:
46 **Gabriel** minha mãe como trabalha num salão de
47 bele:za a dona é evangé::lica ela acha
48 que ...pode s=
49 **Leandro** =a a dona do salão é
50 evangélica=
51 **Gabriel** =é evangé- ↑é evangéli↑ca
52 moderni[nha né mas
53 **Leandro** [hhhh
54 **Gabriel** mas é evangélica então ela acabou: por
55 se: assustan:do achando que algum cliente
56 ia poder ficar falando mal dela >por
57 ouvir e et cetera< ↑e ↑eu também acho que
58 ... por eu postar coisas de ver que eu
59 tenho facebook acho que uma empresa vê
60 que você curte coisa de gay e você acha
61 que não pode te te empregar et cetera et
62 cetera et cetera
63 **Leandro** humhum [°humhum°
64 **Gabriel** [aí eu falei ... desencanei do
65 facebook

Foi nessa conversa sobre redes sociais que Gabriel contou a única narrativa mais complexa durante toda a entrevista. Houve outros momentos narrativos que não trouxe à análise por se referirem a questões distantes da discussão da tese. Como se vê, abro o tópico das redes sociais perguntando sobre o perfil do participante no Facebook. Assertivamente, na linha 3, Gabriel diz ter saído da rede social. Quando lhe pergunto os motivos que o levaram a essa atitude, o participante inicia uma história que reconstrói discursivamente um momento conflituoso com sua mãe, personagem central desse episódio. É com ela que a narrativa inicia. Uma orientação que a caracteriza como personagem da história é incluída – “minha mãe trabalha como cabeleireira” (linhas 5 e 6) – para iniciar a enumeração de algumas ações complicadoras da história. Sabemos então que a mãe de Gabriel viu algumas participações suas em grupos online de conteúdo LGBT. Antes de seguir, o participante faz uma avaliação sobre tais conteúdos destacando que não está se referindo a conteúdos eróticos (linhas 8 e 9). A aproximação entre homossexualidade e erotismo – ideia que no contexto da entrevista parece funcionar como sinônimo de vulgaridade – é uma sinalização

para mim, seu interlocutor. Gabriel sai do mundo da narrativa para precaver-se de qualquer tipo de interpretação que colocasse sua face em ameaça. Possivelmente nossa relação como professor e aluno entram em jogo nesse gesto, além de ser também um mecanismo de coerência com a performance de um rapaz gay que é caseiro, que não gosta de sair e que tem consciência dos riscos que pode correr nos meios gays, conforme assinalou na Sequência 18.

Feita a avaliação, Gabriel retorna à narrativa com a repetição da ação da mãe de vê-lo curtindo os conteúdos, o que gerou a ação seguinte, o “escarcéu” (linha 13). A palavra dita em ritmo lento com ênfase ao final nos aponta o clímax da história. A discussão é detalhada com a inclusão dos motivos que levaram a mãe a criar o conflito com ele. Esse trecho, transcrito entre as linhas 15 e 17, não é uma fala relatada apenas por estar encabeçada por um verbo que não é do tipo *dicendi* (como *falou, disse* etc.). Porém, seu funcionamento é bastante parecido, reportando o pensamento, o raciocínio da mãe. Vemos então que os motivos de Gabriel ter fechado seu perfil na rede social provêm dos julgamentos que a mãe faz sobre a páginas e grupos online que ele curtia. Gabriel, enquanto personagem da história, apaga sua agência e escolhe sair do Facebook. Em outras palavras, ele parece ter perdido a batalha; saiu vencido do “arranca-rabo” (linha 21). Antes de indicar outro momento central da história, Gabriel antecipa o desfecho do episódio nas linhas 24 e 25 frisando como a briga com sua mãe impactou sua presença em outra rede social. Ao dizer que “eu também fico na minha”, o participante aparenta querer informar que não cria novos motivos para outros conflitos com sua mãe. Sem agência em relação à sua mãe, estar *na sua* parece ser estar *na dela*.

Ainda interessado em detalhes da história, retomo, nas linhas 26 e 27, a narrativa que já estava se encaminhando para o final. Gabriel atende ao meu pedido e inclui um detalhe sobre o clímax – ou o “estopim” (linha 31) – da narrativa. A página informativa de um hotel nos Estados Unidos voltado para o público gay motiva o “escarcéu” feito pela mãe e o consequente “arranca-rabo” entre os dois. O desfecho da história é retomado no turno iniciado na linha 38.

Com a história já concluída, Gabriel abre um aparte para falar sobre sua mãe. Talvez incomodado com o conflito que foi construído pela história e com o fato de sua mãe ter ocupado o papel de vilã no desenrolar das ações

complicadoras, o participante trabalha no intuito de salvar a face de sua mãe. Entre as linhas 46 e 57, Gabriel inclui uma nova personagem – a dona do estabelecimento onde sua mãe trabalha, uma mulher evangélica – e cria uma justificativa para a atitude maternal, suavizando assim a ação da mãe (“ela acabou por se assustando” – linhas 54 e 55). Ou seja, a saída do Facebook foi motivada também por um suposto preconceito da patroa de sua mãe, não somente por seus julgamentos morais⁴⁵. O trabalho de recuperação da face da mãe é intensificado com as colocações que o participante faz entre as linhas 57 e 62, quando parece se alinhar (“eu também acho” – linha 57) a entendimentos que desqualificam profissionais que visibilizam, de algum modo, sua homossexualidade. Em diálogo com o dispositivo do armário, Gabriel abranda a face ameaçada da mãe demonstrando concordar com ela: nas redes sociais, é melhor manter as portas do armário fechadas. Diante disso, diz Gabriel, já fechando a narrativa nas linhas 64 e 65: “desencanei do facebook”.

Na sequência seguinte, como se verá, interrogo Gabriel sobre sua concordância com essa visão que emparelha homossexualidade visível e dificuldade de conseguir sucesso profissional.

Sequência 24 – “gente que compartilha foto com arma, traficante”

- | | | |
|----|----------------|--|
| 1 | Leandro | você concorda com essas coisas? |
| 2 | Gabriel | eu acho ridículo mas ... n::ão é o |
| 3 | | facebook que vai ... eh:: mudar o caráter |
| 4 | | da pessoa que se ... se:: <u>eu</u> ... curtia |
| 5 | | isso ↑porque ela não vai ver o facebook |
| 6 | | de que gente que não se es- gente que se |
| 7 | | esconde gente que compartilha foto com |
| 8 | | ... <u>arma</u> trafican:te essas coisas isso |
| 9 | | ... compartilha um monte de besteira no |
| 10 | | facebook porque eu não gosto de ficar ... |
| 11 | | tipo nessas redes sociais °tudo mais° não |
| 12 | | gosto de ficar fazendo ... ficar vendo |
| 13 | | besteira >por exemplo< eh: redes sociais |
| 14 | | youtube >eu não gosto de ficar vendo< |
| 15 | | besteira |
| 16 | Leandro | humhum= |

Já fora da narrativa sobre o conflito que viveu, Gabriel reage ao emparelhamento que construiu anteriormente e também ao posicionamento de sua

⁴⁵ Vale dizer que, em momento não trazido à análise, o participante diz que sua mãe frequentou, por vinte anos, um terreiro de candomblé e que hoje não se vincula a nenhuma religião.

mãe. Sua tomada de agência – “eu acho ridículo” (linha 2) – no âmbito da entrevista é curiosa. Gabriel discorre sobre como é improdutiva a relação entre postagens e curtidas no Facebook e mudança de caráter. Ele está opondo-se à moral das empresas hipotetizadas ao final da sequência anterior. Se elas acham que curtir conteúdos gays pode desvalorizar seu perfil profissional, ele acha isso ridículo (apesar de ter aparentemente se alinhado a essa visão, como vimos na análise da outra sequência). A singularidade dessa reação de Gabriel – que se comparada a performances similares ocorridas nas outras duas entrevistas não é tão singular assim – está no paralelismo que elabora entre os conteúdos que ele *curtia* e conteúdos *curtidos* por outras pessoas, “gente que compartilha foto com arma, traficante, essas coisas” (linhas 7 e 8). Homossexualidade, mais uma vez, se relaciona com sentidos moralmente negativos capturados de repertórios macrossociais. Gabriel diminui a gravidade de sua atitude comparando-a a outra supostamente mais grave. As imagens de armas e traficantes, mesmo sendo “um monte de besteira”, não muda o caráter de quem as compartilha nas redes sociais. Do mesmo modo, a sua participação em um grupo online que divulga um hotel gay na Flórida não muda o seu caráter. Isto é, a visibilidade de sua homossexualidade não muda o seu caráter, mas pode ser comparada a armas e traficantes. Sua performance no Facebook é um desvio, mas não chega a desvirtuar seu caráter.

Sequência 25 – “por mais que ele também esteja no nosso time”

- 1 **Leandro** a monografia você tava fazendo com: eu já
 2 acho que eu já te perguntei isso mas eu
 3 já esqueci ... com quem com que professor
 4 você tava fazendo?
 5 **Gabriel** ãh: com ne- eu tava fazendo com o ((nome
 6 de um professor)) mas agora eu tô soz- tô
 7 sozinho agora eu tenho que correr atrás
 8 de um outro professor=
 9 **Leandro** =humhum você não vai
 10 mais fazer com o ((nome do professor))
 11 **Gabriel** °não°
 12 **Leandro** °não° não deu não funcionou
 13 **Gabriel** não não funcionou
 14 **Leandro** humhum [era
 15 **Gabriel** [por mais gente boa que ele seja
 16 **Leandro** ahã é
 17 **Gabriel** e por mais que ele também esteja no nosso
 18 time né? mas

- 19 **Leandro** [hhhh
 20 **Gabriel** [hhhh
 21 **Leandro** isso era bom né isso é um motivo bom hh
 22 **Gabriel** é esse é um motivo bom mas ... não deu
 23 não deu linha mas aí:
 24 **Leandro** entendi

Nesta última sequência trazida ao capítulo analítico, foco meu olhar para a camada interacional dos dados, sobretudo em sua parte final. Conversávamos sobre a finalização de seus estudos superiores, quando menciono a preparação de seu texto monográfico, requisito necessário para a conclusão da graduação em Turismo. O professor a quem ele se refere também está “no nosso time” (linhas 17 e 18), isto é, também é um indivíduo que performa homossexualidades. Acho bastante emblemática a interação que organizamos nesse momento, já praticamente no final da entrevista. Em sequência anterior partindo de mim, agora é Gabriel quem me estende a mão (metaforicamente nesse momento) para visibilizar nossa igualdade. Eu, ele e o professor fazemos parte de um mesmo time. A afirmação, construída com humor, fecha a nossa conversa. Estivemos, em alguns momentos, entre diferentes. Mas fizemos questão de, quando possível, estreitar nossos laços e formarmos uma equipe (cujo escudo poderia ser um arco-íris – essa seria a minha escolha).

5.3.1 “Deixar pra lá”

Diferentemente de Rafael e Hélio, que elaboraram quase cronologicamente os eventos que compõem suas histórias, Gabriel silenciou vários episódios apenas sinalizando como, diante de algumas situações, prefere *deixar pra lá*. Consequentemente, não foram contadas muitas narrativas em sua entrevista.

Silenciar e esvaziar a reportabilidade dos eventos que poderiam gerar narrativas parecem ter sido estratégias utilizadas por Gabriel para diminuir possibilidades de ameaça de face em relação à sua homossexualidade. Nesse sentido, percebo, como mostrei, uma coerência estabelecida com o discurso do “bem-estar”, da necessidade de superação de desafios e visibilização da “esperança em dias melhores”. Uso tais expressões para referir-me ao sistema de

sentidos da “autoajuda” que percebo presentes, de alguma forma, no discurso do participante. Isso impacta semanticamente a ideia de homossexualidade construída localmente, qual seja, a de uma performance que pode gerar problemas (violências, dificuldades sociais etc.), mas que não é um impedimento de uma vida descontente e sem expectativas. *Deixar pra lá*, isto é, não falar sobre isso foi o que Gabriel privilegiou em nosso encontro.

Curiosamente, foi exatamente a homossexualidade, o estigma em jogo em nossa interação, que possibilitou alinhamentos de solidariedade e sentimentos comunitários entre nós. Gabriel e eu rimos disso (e por isso). Eu, enquanto interlocutor que lidava com uma questão conflituosa pessoal, ressaltai e celebrei nossa qualidade de “iguais”.